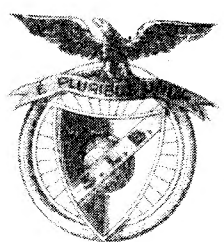
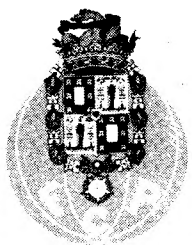


FUTEBOL UFEIRO: ANDOU A RODA

FC PORTO
RABAT AJAX
(Malta)



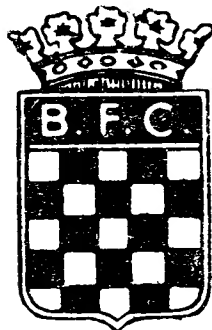
BENFICA
LILLESTROM
(Noruega)

SPORTING
AKRANE
(Islândia)



SPARTA PRAGA
(Checoslováquia)
V. GUIMARAES

FIorentina
(Itália)
BOAVISTA



Em Genebra, efectuou-se, ao fim da manhã de hoje, o sorteio das várias competições futebolísticas organizadas pela UEFA. Eis o desfecho, no tocante às equipas portuguesas:

Taça dos Clubes Campeões Europeus: **FC Porto-Rabat Ajax** (Malta).

Taça dos Vencedores de Taças: **Benfica-Lillestrom** (Noruega).

Taça UEFA: **Sporting-Akrane** (Islândia); **Sparta de Praga** (Checoslováquia)-**Vitória de Guimarães** e **Fiorentina** (Itália)-**Boavista**.

Os jogos efectuam-se a 17 de Setembro (1.ª mão) e 1 de Outubro. Todavia, é natural que os «leões» antecipem de um dia a sua recepção aos islandeses ou (até) troquem a ordem dos jogos com o Akrane: a prioridade de datas é conferida ao Benfica e certamente que a turma da Luz não vai abdicar de uma excelente receita logo no golpe inicial da competição, perante noruegueses desconhecidos das nossas plateias.

Governo obrigado a recuar

TRAVADO O DÉFICE

O aumento do défice em 7,1 milhões de contos pedido pelo Governo à Assembleia da República para cobertura das despesas do Orçamento Suplementar não deverá ser aprovado. A Comissão Parlamentar de Economia e Finanças presidida pelo deputado social-democrata Rui Machete aprovou por unanimidade um parecer segundo o qual as despesas serão autorizadas e a sua cobertura feita através da transferência de verbas (as receitas confirmadas são superiores às orçamentadas) e não pelo recurso ao crédito público.

Continua na pag. 24



Os "caracóis" aí estão de regresso

Págs. 6 e 7

Visita oficial a Estrasburgo

Cheysson alertou Soares para perigos da integração

Mário Soares chegou esta manhã a Paris, num avião privado em que viajou desde Estrasburgo, onde efectuou uma visita oficial ao Parlamento Europeu. Amanhã, na capital francesa, avistar-se-á com o presidente Mitterrand.

Durante o dia de hoje, Soares terá encontros com elementos da comunidade portuguesa e com individualidades nacionais ligadas à cultura, arte e ciências, residentes em França, das quais se destaca a pintora Vieira da Silva. Terá ainda um encontro com jornalistas portugueses acreditados em França. Soares regressará a Lisboa amanhã, depois de almoçar com o chefe de Estado francês.

O Presidente da República portuguesa encerrou ontem a sua visita oficial a Estrasburgo com um almoço oferecido pelo presidente do Parlamento Europeu, Pierre Pflimlin, no Palácio de Rohan.

Antes, Soares discursara no Parlamento Europeu, tendo sido interrompido sete vezes pelos aplausos dos deputados que na generalidade classificaram o discurso como «muito europeu».

O próprio Pflimlin elogiaria a intervenção do presidente português, dizendo que

ele foi a concretização de uma acção pessoal iniciada em 1977 quando, como primeiro-ministro, apresentou a candidatura de Portugal à CEE.

Cheysson lança alergia

Ainda em Estrasburgo, Soares teve um encontro com o Comissário europeu encarregado das questões de desenvolvimento, Claude Cheysson.

O encontro realizou-se a pedido do comissário Cheysson, o qual pretendeu avisar Soares dos «perigos» que estão subjacentes à integração de Portugal na Comunidade Europeia.

Segundo Cheysson, as condições de adesão podem, a prazo, tornar Portugal num contribuinte líquido da Comunidade e os períodos transitórios são insuficientes para preparar o país para a concorrência dos outros Estados membros mais desenvolvidos. Na sua opi-



nião, a aplicação da política agrícola comum terá também consequências nefastas para a agricultura nacional.

Durante o encontro, Cheysson defendeu também a ne-

cessidade de Portugal encarar seriamente a renegociação de algumas condições de adesão, se quer verdadeira-mente que seja bem sucedida a sua integração.

Ministro da República:

questão encerrada?

Mota Amaral acusa Governo de não ter sido "audacioso"

Mota Amaral encerrou ontem a «tempestade» provocada pela indicação de Rocha Vieira para ministro da República nos Açores com uma moderada crítica ao Governo, por si acusado de não ter sido «audacioso».

«A nossa opinião é que o Governo, que em tantas matérias tem sido audacioso, também o devia demonstrar no tocante à nomeação do ministro da República», afirmou o chefe do Governo Regional numa conferência de imprensa realizada em Angra do Heroísmo, no final de uma reunião da Comissão Política do PSD açoriano.

Na opinião de Mota Amaral, se o Governo tivesse decidido de acordo com os seus desejos, teria dado «um passo significativo na consolidação de uma das grandes experiências políticas que enchem de honra ao PSD e que é, exactamente, a das autonomias insulares».

Acrescentou que a defesa de um ministro da República civil e açoriano «corresponde à necessidade de não vedar o cargo aos naturais da região e de conferir ao mesmo uma utilidade efectiva para o processo autonómico».

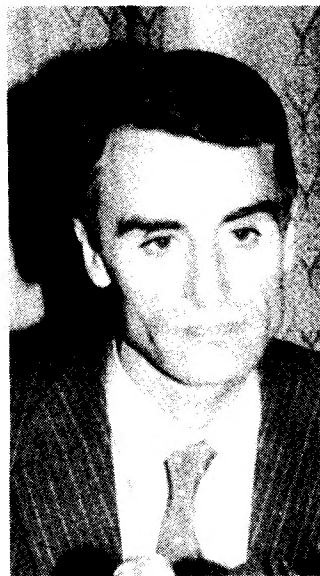
«Tratava-se, acrescentou, de um ponto de vista de órgãos legitimados e comprovados de militantes e de alto interesse de Estado e nacional».

Explicando, mais uma vez, as razões que o levaram a não querer um militar, Mota Amaral considerou que «a lógica da evolução do nosso regime democrático é no sentido de o poder político ser merecido por cidadãos civis, deixando para cidadãos militares as funções próprias que são as de assegurar a defesa do país, tal como acontece em todos os países da NATO, com excepção da Turquia».

Num comunicado entretanto divulgado, a Comissão Política do PSD-Açores diz sentir «um profundo desagrado pela incompreensão e ausência de diálogo patenteados pelo Governo e pelo Presidente da República, quanto à nomeação do ministro da República, em total desacordo com os órgãos de Governo próprios da região».

O comunicado critica a «falta de frontalidade» do PS e do CDS que «deram o dito por não dito, aceitando sem protestos uma imposição do poder central que não se coaduna com a lógica da autonomia».

A Comissão Política regional dos social-democratas conclui dizendo que espera que a Assembleia da República «acolha favoravelmente a proposta de revisão do estatuto daquela região autónoma e demonstre com-



Rocha Vieira entre Cavaco e Amaral: Lisboa venceu

preensão pelo processo autonómico que tem grande apoio na opinião pública nacional».

Ao mesmo tempo que a questão é debatida em Estrasburgo

Trabalhistas australianos reconhecem anexação de Timor-Leste

As autoridades portuguesas não comentaram ainda a atitude do Partido Trabalhista australiano que acaba de reconhecer formalmente a anexação de Timor-Leste pela Indonésia, recusando, ao mesmo tempo, ceder às pressões da ala esquerda do partido para que denuncie as violações dos direitos humanos que ocorrem naquele território. Esta posição foi tomada durante a Conferência Nacional do Partido Trabalhista australiano, que decorreu na cidade de Hobart.

Organizações timorenses reagiram de imediato.

Em Sidney, um porta-voz de um grupo de timorenses ali sediado condenou a atitude dos trabalhistas e acusou-os de estarem «apenas preocupados com os seus interesses políticos e económicos na Indonésia».

Em Lisboa, o dirigente da UDT, Moisés do Amaral, lamentou a posição dos trabalhistas australianos, mas recordou que só Portugal, como potência administrante,

se pode pronunciar sobre a ocupação de Timor.

Parlamento Europeu

Em Estrasburgo, onde o presidente Mário Soares denunciou ontem o «desrespeito pelas regras mais elementares de coexistência entre nações» e dos «direitos fundamentais do homem» pela Indonésia, o Parlamento Europeu discute hoje uma resolução sobre a situação em Timor, apresentada por deputados de todos os partidos

portugueses, com excepção dos socialistas.

Rudolfo Crespo, do PS, explicou a posição do seu partido não foi motivada pelo conteúdo da resolução, mas tão só por questões processuais. Os socialistas, disse, teriam preferido que o documento fosse apresentado em nome dos grupos políticos para que houvesse a certeza de que não seria derrotado em plenário, como já sucedeu em Janeiro com uma resolução sobre o mesmo tema, apresentada pelos «Verdes».

A resolução hoje discutida convida as instituições da Comunidade Europeia e os Estados membros da CEE a utilizarem todos os meios à sua disposição para criarem as condições que permitam ao povo de Timor aceder à autodeterminação e ao estabelecimento da paz na região. O documento lança ainda um apelo ao Governo português para que «se asso-

cie a todos os esforços comunitários de modo a serem respeitadas as disposições da Constituição portuguesa, isto é, para que seja garantido o direito à independência de Timor-Leste».

Também Mitt errand

O caso de Timor-Leste será também debatido com François Mitterrand, amanhã, em Paris, quando Mário Soares se avistar com o presidente francês.

Soares, que ontem chegou à capital francesa, aguardará o regresso de Mitterrand de Moscovo para conferenciar com o chefe de Estado francês sobre a situação internacional, incluindo a questão de Timor.

Mitterrand tem marcada para Setembro uma visita oficial à Indonésia e Soares pretenderia que o seu homólogo francês intrecedesse na altura junto do Governo de Jacarta.

sões» sobre as negociações que decorrem «ainda em fase muito preliminar» e que «começaram com bom ambiente, de compreensão e amizade».

MNE reuniu-se com governador de Macau

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, reuniu-se ontem durante cerca de uma hora com o governador de Macau, Pinto Machado.

tendo sido trocadas «impressões sobre as negociações entre Portugal e a República Popular da China».

O governador Pinto Ma-

chado, em declarações à Anop, confirmou que neste seu último «contacto directo» com membros do Governo de Cavaco Silva foram «trocadas impres-

Lições da I República: unidade e divergências

NESTE País de si próprio esquecido e tão praticante da arte do esquecimento, é facto assinalável ter a Assembleia da República decidido comemorar o 75.º aniversário das Constituintes da Primeira República e da Constituição de 1911. A nossa moderna tradição democrática entronca no «vintismo», mas a Revolução de 5 de Outubro deve ser considerada um marco histórico significativo. O trânsito do Constitucionalismo monárquico para o Constitucionalismo republicano pela sucessão dos acontecimentos nacionais e o envolvimento do País no conflito internacional de 1914-1918, marcaria profundamente a nossa vida política, económica e social. Estudar a repercussão dos acontecimentos no comportamento político e a incidência da política na sucessão dos eventos, é oportuno. As lições da proclamação da República, dos trabalhos das Constituintes, as virtudes e os defeitos da Constituição de 1911, justificam análise e reflexão.

Quando problemas políticos como os dos «critérios de aliança», de «convergência» e de «unidade» são descurados, ou tratados com displicência, apetece recordar a experiência dos acontecimentos históricos — as Constituintes da República, a aprovação da Constituição de 1911 — que, em boa hora, a Assembleia Constituinte está a comemorar.

O problema da «unidade» excede o problema da «convergência» — pretende ser para aquela um *ersatz* na conjuntura; a «convergência» não é um objectivo táctico, na conjuntura, uma exigência estratégica. E o «problema das alianças»? Deixemo-lo por agora. Reafirme-se que é uma questão que não pode ser iludida, nem deixada à mercê dos acasos conjunturais. O Partido Socialista tem a experiência das coligações (alianças de Governo) com o PSD e o CDS. Sempre penosas.

Mas são lições republicanais — as de há 75 anos, as da República, que nos interessam.

As divergências relativas à estratégia política estiveram presentes nos debates e na actividade envolvente do Congresso Republicano realizado em Setúbal, no mês de Abril de 1909. Os republicanos de

maior prestígio e que gozavam de maior popularidade não figuram no novo directório do Partido Republicano: nem Afonso Costa, nem Bernardino Machado, nem João Chagas, nem António José de Almeida. Nos bastidores do Congresso travou-se uma luta surda. Segundo José Relvas, a ausência daqueles nomes conhecidos, tranquilizava o campo monárquico, mas, na realidade, a nova composição do directório assegurava a possibilidade de um trabalho político que não seria entravado pelas contradições relativas às diferenças de orientação dos mais destacados chefes republicanos e favorecia uma nova dinâmica das tarefas revolucionárias. A Carbonária — leia-se o que escreveram António Maria da Silva, Machado Santos e Luz Almeida — jogou a fundo no Congresso de Setúbal. No confronto entre a orientação favorável a uma conciliação liberalizante com a monarquia e a orientação radicalmente revolucionária, os votos dos «carbonários» pesaram decisivamente. Eleitos para o directório, Teófilo Braga, Basílio Teles, José Relvas, Cupertino Ribeiro e Eusébio Leão como membros efectivos; como substitutos, Malva do Vale, Pires de Carvalho, Leão Azedo, José Barbosa, Inocêncio Camacho — a António José de Almeida, que auxiliara discretamente a renovação do directório, embora não pertencesse ao número dos dirigentes eleitos no Congresso de Setúbal, ficava reservada uma função de ligação entre os «revolucionários» e os «políticos», entre as «sociedades secretas» e o Partido.

O período que decorre entre o Congresso Republicano de Setúbal (Abril de 1909) e o Congresso do Porto (Maio de 1910) é agitado, conturbado, de intensa actividade conspirativa, de confronto de opiniões. No seio do Partido Republicano não existe unidade de pensamento político e estratégico, nem sequer unidade de critério no que diz respeito à actividade de recrutamento militar. É o próprio modelo da **revolução** que é posto em causa. Acentuam-se as rivalidades, os atritos pessoais, os afastamentos e as aproximações de que é bom exemplo o rompimento entre Afonso Costa e Bernardino Machado no Congresso de Setúbal (Abril de 1909) e a reaproximação de ambos no Congresso do Porto (Maio de 1910). Evidenciam-se divergências tácticas e estratégicas que simplesmente afloram ou têm cabal expressão na imprensa republicanais.

Em Fevereiro de 1910, na revista *Alma Nacional*, António José de Almeida afirma: «Verdadeiramente no Partido Republicano nunca houve desinteligências, e, se alguma vez parecia, mais aos estranhos do que a nós, que alguns dos seus homens se não entendiam bem, isso era mais devido a contrastes de métodos e a diferenças de processos do que propriamente a desarmonia de feitos pessoais». No mês de Julho, na mesma revista, referindo-se novamente às divergências, aos desentendimentos, recusará que reflitam questões de táctica e de estratégia, redu-los «a variedades de temperamento». A leitura atenta da revista *Alma Nacional* permite descortinar, apesar das repetidas afirmações de bom entendimento entre republicanos e de unidade partidária, que a «abertura política» do pós-franquismo dera lugar ao confronto conflitual das duas estratégias: a que preconizava a intervenção reformista no jogo dos antagonismos e contradições das facções políticas monárquicas, que admitia «pausas» de acção revolucionária, acordos tácticos, «plataformas» liberalizantes, e a que defendia um radicalismo revolucionário que, criticando inclusivamente a participação eleitoral através da qual o Partido Republicano alcançara assinalados sucessos, tudo subordinava aos preparativos de uma imediata solução violenta, a um afrontamento dramático e decisivo com as instituições monárquicas, à revolução.

Para a revolução se caminhará. Está-se nas vésperas de 5 de Outubro de 1910. António José de Almeida, e os seus amigos, e entre eles Basílio Teles, exprimem no semanário *Alma Nacional* as diferenças de doutrina e de estratégia que os separam de um Afonso Costa, que terá como órgão na *Imprensa O Mundo* de França Borges. Brito Camacho utiliza *A Luta*, diário de que foi fundador, de que é director, e no qual deixará páginas de grande jornalismo. Nestas publicações deparam-se-nos, delineadas já, as futuras linhas de clivagem: António José de Almeida, Brito Camacho, Afonso Costa irão chefiar os três ramos em que se cindirá o partido-frente, o histórico Partido Republicano.

A cisão do Partido Republicano foi fatal para a jovem República. As questões pessoais, e os clientelismos, encurtaram-lhe a vida. Foram 16 anos de sobressaltos e de contradições, de luta, de polémicas.

Sobre a necessidade de regimes complementares de Segurança Social

Carlos Jorge

Porque julgamos oportuno falar de regimes complementares de segurança social, particularmente como tentativa de ajuda para esclarecimento contra formas de manipulação, preparámos este trabalho, fundamentando-o numa comunicação apresentada à V Conferência Internacional de Actuários e Estatísticas de Segurança Social, por Guy Perrin, reputado técnico de Segurança Social da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Segundo o senhor Perrin, o desenvolvimento dos regimes complementares de segurança social (R.C.S.S.) impôs-se a partir da década de 40, como factor importante da evolução social, em particular nos campos das pensões (velhice, invalidez e sobrevivência) e do desemprego, tendo alcançado lugar de destaque na Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, E.U.A., Finlândia, França, Inglaterra, Israel, Norue-

ga, Holanda, R.F. Alemanha, Suécia e Suíça, países onde a segurança social já estava bem implantada.

Não é de admirar que não se encontrem regimes complementares nos países socialistas, porque, dada a concepção mais rigorosa da segurança social adoptada depois da guerra mundial, no quadro de um sistema planificado de redistribuição do rendimento nacional, a implantação de regimes complementares não foi considerada necessária, atendendo na que a maioria destes países existem prestações especiais para situações particulares de determinadas categorias através de adaptações do sistema geral.

Definição de regimes complementares

A definição geral, segundo a qual se considera como complementar qualquer regime que conceda prestações adi-

cionais às do sistema legal de segurança social (S.S.), cobre realidades diversas, pelo que convém incluir nos R.C., por um lado, os regimes «legais», por outro lado, os regimes «profissionais» e «interprofissionais», instituídos por via de convenções ou acordos colectivos e, por último, os regimes de «empresa», estabelecidos sob a forma contratual e sob a responsabilidade directa ou delegada dos empregadores.

São de mencionar, também as múltiplas realizações privadas, sob a forma de seguro de grupo, e ainda o mutualismo.

Porque noção de regime implica condições regulares de funcionamento exigidas pela institucionalização de direitos e obrigações, excluem-se deste estudado, as modalidades limitadas ao quadro de empresas e as dependentes da previdência individual, porque a sua variedade e dispersão as subtrai do género de solidariedade orgânica e estável que sugere a noção de regime.

Razões de ser dos R.C.

O estudo do senhor Perrin

refere que a criação do R.C. denuncia uma relativa insuficiência do regime de base de S.S., que pode resultar da própria concepção deste ou da sua incapacidade para realizar o modelo de protecção de que se reclama.

A primeira hipótese está conforme com a concepção exposta, em 1942, no relatório de Lord Beveridge sobre a S.S., que consignava ao Estado a missão de assegurar por meio de um serviço público, além de cuidados médicos completos para todos os cidadãos, garantias uniformes e mínimas de protecção em todas as eventualidades susceptíveis de reduzir a capacidade ou a possibilidade de ganho dos trabalhadores, a fim de libertar a sociedade da obsessão da **necessidade**.

Só em teoria, a introdução de R. Complementares encontra obstáculos nos países cujos regimes de base da S.S. adoptaram formas de prestações ligadas aos ganhos anteriores dos beneficiários, cujo progresso se encontra travado

pela manutenção de «plafonds» de taxas de contribuições e de prestações, relativamente baixas, falseando a função social e levando à prática de uma protecção elementar.

Características e tipos de R.C.

De acordo com a sua orgânica, os R. Complementares podem ser agrupados em: regimes «integrados», «unificados», ou «coordenados», segundo estão, respectivamente incluídos no regime geral, subrepostos a este ou coordenados entre si e o regime de base, quer no aspecto técnico, quer no administrativo e no financeiro.

O primeiro exemplo de um R.C. **integrado** foi o sistema inglês de prestações graduadas de doença, acidentes de trabalho e doenças profissionais, desemprego, velhice e sobrevivência.

Trata-se de um regime legal, que se distingue do regime de base que abrange a população activa, pela sua aplicação

restrita aos assalariados e pela função complementar das prestações de montante uniforme de base, através da concessão de prestações graduadas em relação com os montantes dos salários semanais «plafonados».

Outros exemplos de R. Complementares **integrados** são o canadiano e o norueguês. O sistema canadiano de pensões de velhice compreende uma pensão base de montante uniforme concedida a todos os residentes e uma pensão complementar atribuída aos trabalhadores assalariados e não assalariados, cujo montante corresponde a uma percentagem dos salários.

Segundo a lei norueguesa, as pensões de velhice, invalidez e sobrevivência compreendem uma pensão base de montante uniforme e uma pensão suplementar cujo montante depende do período de seguro e do rendimento profissional.

No caso da velhice, um segurado solteiro com 70 anos

Continua na pág. 4



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

AVISO

Concurso público para aquisição de materiais de pintura para a Secção de Trânsito.

Local, dia e hora limite para entrega das propostas — Serão remetidas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, à Câmara Municipal de Oeiras, até às 17 horas do último dia do prazo de 20 dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste aviso no "Diário da República".

Local, dia e hora do acto público do concurso — Sala das Reuniões da Câmara, pelas 10 horas, no primeiro dia útil a seguir ao termo do prazo acima referido. Local e horário para exame do processo — Câmara Municipal de Oeiras — 8.ª Secção da Secretaria, durante as horas normais de expediente.

Oeiras, Paços do Concelho, em 4 de Julho de 1986

O Presidente,
Isaltino Morales



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Sintra, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no "Diário da República", o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal S.A., Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/6306, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de S. Pedro de Penaferrim, concelho de Sintra, de uma linha aérea a 10 KV, n.º 800/R-19, com 680 metros, entre o P.S. n.º 6534, anexo ao P.T. n.º 3234-C, ao P.T. n.º 3233-C, de SUPERAVES — Comércio de Aves e Carnes, Lda., no Lhó.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria da mesma Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 30 de Junho de 1986

Pe'l' O Engenheiro Director de Serviços,
Joaquim Gonçalves dos Santos

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA — 1.º JUÍZO ARREMATACÃO

1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 21 de Julho de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados, penhorados a MELO E MANAÇAS, Lda., com sede na Rua Professor Reinaldo dos Santos, 4-3.º — Lisboa, no processo executivo n.º 1866/80.

Bens Penhorados

- Verba n.º 1 — Uma máquina de duas agulhas, marca Seiko, modelo LSW-27 BLK n.º LK 8902077, no valor de 100 000\$00.
- Verba n.º 2 — Quatro máquinas de ponto preso, modelo 101-B, com os n.ºs X1K9940, X1K 9939, X2K 7766 e X2K 7875, no valor de 150 000\$00.
- Verba n.º 3 — Duas máquinas de ponto preso, marca WSG, modelo 101 n.ºs XZE 7810 e XZE 7804, no valor de 70 000\$00.
- Verba n.º 4 — Uma máquina União Especial 52900, n.º 601713, c/bancada e motor marca Singer n.º K632391, no valor de 100 000\$00.
- Verba n.º 5 — Uma máquina marca CROO H300 n.º 907323 c/bancada e motor RABOR n.º 1005971, no valor de 80 000\$00.
- Verba n.º 6 — Duas máquinas de coser RIMOLDI mod. 327-00-2CD-17, n.ºs 519981 e 526776, c/bancada BM-1 e motores marca MORETTI tipo 3-2800 R, n.ºs 16165, 16100, aut. MBK-16 CT 895 MM, no valor de 120 000\$00.
- Verba n.º 7 — Uma máquina JUKI LBH 762 n.º 33118 c/bancada BM-3 e motor RABOR 1200 D 71, n.º 835775, automática MBG 16, no valor de 80 000\$00.
- Verba n.º 8 — Duas mesas APIROMAT mod. DM 123-HA, 380 Mts. n.ºs 15091 e DM 124-HA, n.º 15350, no valor de 80 000\$00.
- Verba n.º 9 — Uma máquina DURKOPP mod. 212-6105-3/16 c/o n.º 21252538 c/bancada BM-1 e motor marca MORETTI tipo 3, n.º 16080, correia tipo 1060MM no valor de 70 000\$00.
- Verba n.º 10 — Cinco máquinas marca JUKI, com os n.ºs 32535, 32561, 32564, 32531 e 32541 c/bancada BM-LE, motores marca MORETTI tipo 3, c/os n.ºs 16118, 16098, 16117, 16124 e 16205, no valor de 100 000\$00.
- Verba n.º 11 — Um gerador marca NORVA mod. 9311-MD, com o n.º 4359, c/ferros NORVA 90SK n.º 16712 e 16713, c/n.º de origem T.A.F 916, no valor de 50 000\$00.
- Verba n.º 12 — Uma máquina marca DURKOPP mod. 212-6105-3/16, c/n.º 21252538, motor MORETTI tipo 3 n.º 16080 Aut. correia T 1060, no valor de 150 000\$00.
- Verba n.º 13 — O direito ao trespasso e arrendamento da loja com o n.º 48-B da Rua Prof. Reinaldo dos Santos, sendo senhoria Soc. Empreitadas Barra, Raimundo e Gonçalves, sendo paga a renda de 23 400\$00, a que se atribui o valor de 1 000 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 7 de Julho de 1986

O Juiz de Direito

João Cordeiro Dias

O Escrivão

José Henriques

«DL» — 10/7/86 — 1.ª Pub.

Ontem no Parlamento

Colóquio iniciou comemorações sobre a Constituição de 1911

Joel Serrão, Piteira Santos, Luís Oliveira Ramos e Raul Rego foram os oradores do colóquio sobre a Constituição de 1911 que ontem se realizou na Assembleia da República.

Raul Rego recordou a sessão solene da Assembleia Constituinte em que foi aprovada a Constituição de 1911 e oficialmente confirmada a revolução republicana de um ano antes.

Socorrendo-se de reportagens publicadas nos jornais da época, o deputado socialista reconstituiu durante o colóquio que decorria na Biblioteca da Assembleia, o ambiente da Constituinte.

Recordou também as eleições em que foram eleitos os deputados constituintes de en-

tão e o facto de ter sido neste sufrágio que pela primeira vez em Portugal se apresentou a votar uma mulher.

Piteira Santos historiou depois a vida da corrente republicana até 1910, recordando que as três tendências que depois da implantação da República se afirmaram em outros tantos partidos tinham já antes eco na imprensa republicana.

A propósito destas diferenças, Piteira Santos falou de «unidade aparente e de diferenças de estratégia» e evocou também as duas principais correntes que após o 5 de Outubro se afirmaram contra a República.

«Não esqueçamos que o liberalismo republicano, porque eivado de anticlericalis-

mo, levanta ondas de reacção clericalista, e porque impregnado de conservadorismo, provoca vagas de descontentamento social» — disse.

Os deputados constituintes

Luís Oliveira Ramos, por seu turno, falou das características dos deputados constituintes, a partir de uma perspectiva sociocultural e profissional e recordou as principais vertentes do sistema eleitoral que os elegeu.

A propósito, salientou que nos círculos em que apenas se apresentou ao sufrágio a lista de candidatos do Partido Republicano não chegou a haver eleição. Nos círculos eleitorais do Minho só houve por isso eleição efectiva no de Braga —

disse.

Joel Serrão, o último orador, falou dos «condicionalismos culturais de 1911», do pensamento da população portuguesa de então, sua cultura e analfabetismo e do percurso que ocorre da portuense «Renascença Portuguesa» à lisboeta «Seara Nova».

Falando da faixa social que estava na época afectada pelo republicanismo, Serrão disse ser necessário «não confundir algumas árvores com a floresta de que elas emergem».

Explicou como a maior parte do povo português se mantinha alheia aos debates políticos, até porque «todo o sexo feminino está legal e praticamente alheio à contenda política».

Sobre a necessidade de regimes complementares de Segurança Social

Continuação da pág. 3

de idade e 40 anos de seguro tem direito a uma pensão base igual ao salário base mensal (7200 coroas em 1970) e uma pensão suplementar equivalente a 45% do rendimento profissional que ultrapasse o salário base mensal, no limite de 10 vezes este salário.

Se o segurado justifica menos de 40 anos de seguro, os montantes das duas pensões são reduzidas proporcionalmente.

Tanto as duas pensões como o salário base são reajustados anualmente ao índice dos preços no consumo e à evolução do nível de vida.

A pensão dos segurados casados é melhorada.

Exemplos de R. Complementares unificados são os regimes dinamarquês e o sueco, nos quais as pensões suplementares se sobrepõem às pensões base, de montante uniforme e concedidas a todos os nacionais residentes, do sistema nacional.

Os antecedentes históricos destes regimes divergem. Enquanto o R.C. sueco resultou dos esforços dos organismos sindicais e patronais e a cobertura das pensões suplementares abrange toda a população activa (inclusive os funcionários públicos) relativamente aos ramos de velhice, invalidez e sobrevivência, o regime dinamarquês, criado pela via legislativa, abrange só os trabalhadores assalariados e não concede pensões suplementares de invalidez.

Por outro lado, as contribuições e as prestações no regime dinamarquês são de montante convencional, enquanto no sueco, as contribuições para as pensões correspondem a 3,3% dos salários plafonados até 7 vezes e meia o montante de base (8100 coroas, 1974), revalorizado anualmente, tal

como as pensões, de acordo com a evolução dos preços. De destacar que as contribuições dos assalariados são a cargo dos empregadores.

Os R. Complementares coordenados englobam os regimes «profissionais» e «interprofissionais» da maioria dos trabalhadores assalariados franceses; provêm da sucessiva extensão da convenção nacional de reforma e previdência dos trabalhadores, e estão englobados em uniões e confederações que coordenam os organismos e evitam prejuízos para os trabalhadores, quando se trata de uma carreira laboral diversificada e abrangida por mais de um organismo.

A taxa de contribuições é de 4% da remuneração profissional a cargo dos trabalhadores, e igual percentagem a cargo dos empregadores, até ao limite de três vezes o «plafond» dos salários sujeitos a contribuições para o regime geral.

Os organismos franceses são administrados, paritariamente, por representantes das organizações patronais e das sindicais mais representativas.

Ainda segundo o senhor Perrin, a tendência da estruturação da S.S., através de sistemas sobrepostos de protecção, tem o mérito de atender os dois principais objectivos da S.S., moderna, um dos quais consiste em proteger o conjunto da comunidade nacional, no relativo aos riscos e encargos susceptíveis de afectar os membros, e o outro concerne, especialmente, à protecção dos trabalhadores e da sua família, em relação com a sua capacidade e a possibilidade de ganho, o qual está associado à actividade profissional.

Neste caso, a segurança colectiva respeita, sobretudo, aos cuidados de saúde, às prestações familiares e às pen-

sões sociais que concorrem para assegurar um nível mínimo de vida, conforme as normas da sociedade, enquanto a segurança profissional se liga, em particular, à garantia dos rendimentos de trabalho, na medida compatível com o nível de desenvolvimento nacional.

Nalguns países, como a França e a Suécia, desenvolveu-se um terceiro patamar de protecção, ligado aos R. Complementares de reformas, na base de contribuições em função de uma taxa superior à mínima obrigatória, destinadas a trabalhadores com vencimentos elevados, o que lhes dá um carácter elitista.

Conclusões

A análise do citado estudo leva-nos à conclusão de que o sistema de segurança social português está nas condições que justificam a criação de um R.C., pois as prestações são insuficientes e a participação dos utentes na administração do regime não passa de uma hipótese.

Porém, parece-nos que, antes de tudo, se impõe a vontade política para introduzir, no sistema português, princípios sociais que vigoram nos países da CEE, designadamente:

- a actualização dos salários considerados para o cálculo das pensões, a fim de compensar as consequências da inflação ao longo dos anos, até à data da atribuição da pensão;
- a fixação de uma pensão mínima de montante igual a, pelo menos, 50% do salário mínimo;
- a indexação semestral, das prestações, ao índice dos salários e/ou do custo de vida;
- a interdição de o Estado utilizar os fundos do Regime Geral para financiar prestações da sua respon-

sabilidade, em vez de o subsidiar como naqueles países e como está consignado na Constituição da República Portuguesa.

Depois de analisados os resultados destas medidas haveria, então, que considerar qual o tipo de R.C. mais indicado para o caso nacional, ou se não seria de alterar o esquema actual, para uma melhor compensação dos rendimentos de trabalho perdidos.

Por outro lado, consideramos que os regimes complementares de empresa reduzem, em certa medida, a vontade reivindicativa dos trabalhadores e têm riscos, como os verificados, no meio nacional, como a extinção da C.T.M. e da C.N.N. e a suspensão das pensões complementares na Lisnave, para eliminação de encargos sociais assumidos nos termos dos acordos colectivos.

Com governantes ao serviço do capital, o futuro é uma incógnita!

É de considerar ainda que, hoje, as entidades patronais, nalguns países com sistemas de economia de mercado, forçam a barra para a redução dos encargos sociais, propagandeando a extinção do que chamam «Estado-patrão»; «Estado Social», etc., no que são apoiados pelas seguradoras mercantis que, através de seguros individuais, procuram maiores lucros à custa do sacrifício dos sistemas de solidariedade colectiva.

Por isso, temos de estar desportos e não esquecer que só a segurança social colectiva pode garantir o nosso futuro, com a consciência de que a sua defesa é tarefa colectiva de hoje, porque amanhã poderá ser tarde. A invalidez espreita o homem.

Colaborador do MURPI



Encontros com o PSD (sem Cavaco) e com o MDP/CDE



PS avistou-se com partidos parlamentares

Cavaco ausente no encontro com Vítor Constâncio

Uma delegação do Partido Socialista composta por Vítor Constâncio, Manuel Alegre, António Gueterres, Jorge Sampaio e Ferraz Abreu, avistou-se com elementos das direcções do PSD, PCP, CDS e MDP/CDE, em encontros que tiveram como objectivo a apresentação de cumprimentos dos novos dirigentes socialistas e uma abordagem da situação política. Todos os encontros decorreram de forma positiva, segundo afirmaram os participantes, mas o alcance da entrevista com o PSD foi limitado pelo facto de Cavaco Silva não ter comparecido.

No final da reunião com os 45 minutos, Vítor Constâncio disse que «o facto de

Cavaco Silva não ter estado presente na reunião, não permitiu desenvolver as análises sobre a situação política no país e alguns problemas que nos inquietam no funcionamento do Governo».

No encontro, segundo disse o novo líder socialista, falou-se de questões «que podem no futuro vir a ser debatidas». Constâncio não disse quais.

A delegação do PSD era constituída por Eurico de Melo, António Capucho,

Correia Afonso, Vítor Crespo e Carlos Brito. Nenhum deles fez declarações aos jornalistas.

Outros encontros

Álvaro Cunhal, Carlos Brito e Domingos Abrantes formaram a delegação do PCP com quem os dirigentes socialistas se avistaram também ontem.

Sobre este encontro, Constâncio diria que tinha explicado aos comunistas a po-

sição do seu partido face à actual situação política.

Do encontro com o MDP/CDE, José Manuel Tenggarrinha, que estava acompanhado por António Galhordas, Mário Casquilho e João Corregedor, revelou que ficara decidido «responsabilizar o Governo de Cavaco Silva pelas situações de conflito que venham a surgir».

Adriano Moreira também falou no final do encontro

com o PS, tendo dito que no encontro fora feita a enumeração dos problemas mais urgentes da vida política portuguesa.

Adriano Moreira, que chefiava uma delegação formada por Narana Coissoró, Fernando Seara e Jose Maltês, sublinhou também as virtualidades destas iniciativas, afirmando que «as visitas entre partidos são uma prática muito útil para tornar mais fáceis as discussões no Parlamento».



PCP e CDS também conversaram com o PS



Disse-o Hermínio Martinho

"Não damos nem daremos um passo para derrubar o Governo"

«Não damos nem daremos um passo para derrubar o Governo». Quem o disse foi Hermínio Martinho à agência NP durante a visita que ontem efectuou a Leiria.

Na ocasião, o líder dos renovadores explicou assim aquela posição: o PRD deu «um pra-

zo bastante razoável de um ano para o Governo mostrar do que é capaz, pelo que não pensa para já criar instabilidade governativa ou patrocinar qualquer solução de Governo diferente da actual».

Sobre a entrada de Ramalho Eanes para o partido, Marti-

nho foi peremptório: ocorrerá em Outubro durante a Convenção Nacional do partido. Instado a pronunciar-se acerca da «participação política activa» do ex-Presidente da República no PRD afirmou que essa participação «é activa desde a fundação do partido há dois

anos».

Hermínio Martinho, que se deslocou a Leiria e Marinha Grande para participar num encontro com empresários e visitar algumas unidades fabris da região, inteirou-se da situação laboral em empresas do sector da cristalaria, electro-

domésticos e moldes industriais, bem como das suas perspectivas de desenvolvimento.

Numa conferência de Imprensa que se seguiu ao encontro com os industriais do distrito de Leiria, Hermínio Martinho revelou que o seu partido tenciona apresentar durante a

próxima legislatura e antes do fim do ano um projecto de legislação para os sectores do trabalho, formação profissional e segurança social, projecto que está presentemente a ser elaborado pelo gabinete de estudos do partido.

Cumprindo a promessa do Verão

Chegaram os "caracóis"

Nuno Ribeiro

Foto de José Tavares

Todos os anos, por esta altura, eles enchem as ruas num ritual de descobrimento e alegria, de cor e juventude, e percorrem os caminhos do nosso quotidiano, descobrindo a graça do pormenor que nos escapa na azáfama do dia a dia. São os jovens turistas estrangeiros que, mochilas às costas, marcha cansada de caracol, nos lembram as férias que não temos, o Verão que, na cidade, nos sufoca.

«Em média trocam 10 mil escudos», revela um funcionário bancário que, desde as 8 e 30 da manhã só atende os jovens estrangeiros que os comboios vão depositando na gare de Santa Apolónia. Na fala desinteressada do bancário residiu, anos atrás, a célebre frase de um secretário de Estado que, depois de fazer contas e consultar as estatísticas declarou guerra ao «turismo do pé de escalço». Anos depois, um país que perdeu as correntes dos dólares do turismo americano que, assustado, preferiu redescobrir as terras do Tio Sam, no qual os hotéis de muitas estrelas se acusam, mutuamente, de fazerem preços desleais para cativar clientela, o estigma do «pé de escalço» já passou à história. E, com a distância de anos, e a ausência do turismo «rico», em ritmo acelerado, porque a bicha é grande, o funcionário vai trocando os «travellers cheques» pelos escudos, dando uma justificação plausível para as poucas Donas Marias que saem do guichet. «Repare, é

o primeiro contacto, é dinheiro para apalpar terreno», refere.

«Eles fogem do Algarve»

Alheios à polémica, aliás incompreensível na Europa

da livre circulação a que aderimos..., cumprimentados pelo Sol nos rostos, braços e pernas, «tee-shirts» coloridas, os jovens vão trocando as divisas da nossa felicidade pelos escudos do nosso infortúnio.

«Vou a caminho de Marrocos», afirma Wiittstin, um jovem suíço de 18 anos que, de mapa em riste, percorria com o dedo o trajecto que ainda o separa de terras africanas. De Lisboa, recorda a Catedral, e refere que o que mais o impressionou foram os prédios velhos. Em Zurique, onde trabalha numa loja, «as casas são mais novas», declara.

A seu lado, acompanhando o lugar de um companheiro, lá está a mochila, o inimigo

número um dos bagageiros que, desocupados, empurram despreocupadamente os carros das malas.

Para Annete e Jens, dois alemães que se conheceram na longa espera do comboio, Portugal tem itinerários fixos: Porto, Lisboa e Algarve, o tempo dos transbordos de carruagem. Agora, sentados no passeio, saboreando a brisa do Tejo, Annete recorda os jogos de ténis do Algarve, enquanto pensa na próxima paragem. «Tenho inter-rail, e quinze dias».

Para o sueco Magnus, de 23 anos, acompanhado por uma amiga portuguesa, este é o terceiro contacto com o nosso país. Acabado de chegar de Madrid, tem itinerário definido: «penso ir até ao Algarve».

Mas, como afirmou ao «DL» o responsável de um grupo de escuteiros que, até 14 de Agosto, mantém um serviço de atendimento permanente, «eles vêm do Algarve chateados porque está lá muita gente e querem ir para o Norte».

Monsanto é o seu hotel

O serviço montado pelos escuteiros, em colaboração com diversas empresas, vai do acolhimento ao apoio burocrático, passando pelo encaminhamento. «Em geral, eles querem saber onde podem comer e dormir barato», prossegue o jovem escuta quando, no stand montado no átrio da estação, os idiomas se entrecruzam.

O parque de campismo de Monsanto, é o destino final

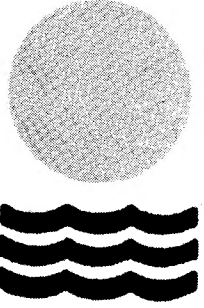


Em Santo Apolónia um gesto repetido: verificar os horários e o câmbio



Sapatos cansados, abandonados na escadaria

CRUZEIROS 86
LISBOA LISBOA
11 DIAS
N/M "ACHILLE LAURO"
CRUZEIRO AO MEDITERRÂNEO
OCIDENTAL E ATLÂNTICO
PARTIDAS:
JULHO 5-16-27
AGOSTO 7-18-29 - SETEMBRO 9-20
OUTUBRO 1-12
QUALIDADE INTERNACIONAL
TRADIÇÃO ITALIANA
HOSPITALIDADE PORTUGUESA
Elevado número de tripulação lusa
VISITANDO:
TÁNGER - PALMA DE MAIORÇA
MAHON - GÉNOVA - BARCELONA
MÁLAGA - CÁDIZ
PREÇOS DESDE 138 600 ESC.
N/M "AUSÓNIA"
8 DIAS
BARCELONA
BARCELONA
PÉROLAS DO MEDITERRÂNEO
SAÍDAS: TODOS OS DOMINGOS
VISITANDO:
BARCELONA - PALMA - TUNIS - PALERMO - CAPRI - NÁPOLES - GÉNOVA
INFORMAÇÕES E RESERVAS
VIAJAGENS 38
Rua da Madalena, 65/61
Telef. 87 88 21/2/3 - Telex 44846 LT 38
1100 LISBOA


**SOL E MAR
DISCO**
Albufeira, Algarve
Das 22 às 4 da manhã, todos os dias. Ar condicionado.
Direcção de **ABÍLIO MARQUES**. Selecção musical de **GILBERTO**
*Festa, surpresas, novidades
para jovens de todas as idades!*
HOTEL SOL E MAR ****
Organizações Hoteleiras FERNANDO BARATA


**CLUBE DE FUTEBOL
"OS BELENENSES"
CONVOCATÓRIA
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA**
Nos termos conjugados da alínea a) do Artigo 77.º e da alínea a) do n.º 1 do Artigo 83.º dos Estatutos do clube, convoco a Assembleia Geral Ordinária, a reunir no dia 19 de Julho de 1986 (sábado), pelas 9 horas, no pavilhão gimnodesportivo do Estádio do Restelo, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS
"Eleição dos seguintes membros dos corpos sociais do clube para o biênio de 1986-1988: presidente e vice-presidente da Assembleia Geral; presidente do Conselho Fiscal e presidente e presidente substituto da direcção."

De harmonia com o Artigo 78.º dos Estatutos, se a Assembleia não puder reunir à hora marca por falta de número legal de associados, realizar-se-á trinta minutos depois com qualquer número de sócios.

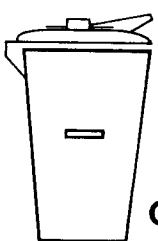
O acto eleitoral decorrerá até às 18 horas do mesmo dia, momento em que se dará por finda a votação.

Estabeleço o dia 11 de Julho de 1986 (sexta-feira) como prazo limite para recepção de candidaturas, que serão dirigidas ao presidente da Assembleia Geral do Clube de Futebol "Os Belenenses" — Estádio Restelo.

Lisboa, 4 de Julho de 1986

O Presidente da Assembleia Geral
Alberto Heleno do Nascimento Regueira

**TRIBUNAL DO TRABALHO
DE
LISBOA**
ANÚNCIO
Pela 1.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa correm seus termos uns autos de Execução de Sentença com o n.º 162-A/79, em que é Exequente José Maria da Costa e Executada, SOCIEDADE DE MOAGEM DE CARCAVELOS, L.D., com sede na Avenida do Loureiro, n.º 32 — Carcavelos, e neles correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, ou a contar da publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos do art.º 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.
Lisboa, 4 de Julho de 1986
O Juiz de Direito
**DR. ANTÓNIO SÉRGIO ABRANTES
MENDES**
O Escrivão Adjunto
LUÍS MANUEL FARIA ANTUNES
«DL» 10/7/86 — 1.ª Pub.


CML
proteja a sua saúde
mantenha a tampa fechada



Guia da cidade nas mãos, mochila às costas, olhos de ver: os «caracóis» já chegaram

dos «caracóis» que nos visitam, e que, durante o dia, do Castelo ao Bairro Alto, de Alfama à Mouraria, aliviados do peso das mochilas, descobrem as ruas e vielas, em circuitos preparados pelos jovens integrados na Organização dos Tempos Livres. Depois é o regresso ao descanso, no «14» da Carris.

Vêm da Europa, com especial incidência da Alemanha e da Grã-Bretanha, mas ontem, ao meio da tarde, os registos de acolhimento anunciavam a presença de dois islandeses, dois japoneses e um filipino que, de mochila às costas, dinheiro contado, desejo de descoberta, estão, anónimos, em Lisboa.

Figura que, aliás, não é muito diferente da que o cidadão lusiado tem feito por esse Mundo fora, sem que alguém se tenha preocupado em olhar para o seu calçado... São os caracóis que chegaram, cumprindo a promessa do Verão.

E, por favor, que ninguém lhes chame turistas de «pé descalço», a não ser naquelas auto-críticas em que somos mestres.



Annete e Jen, duas alemãs que se conheceram na espera do comboio

Ensino especial vai de mal a pior

Uma professora que há 19 anos exerce a sua actividade no ensino especial, contemplada há uma semana com um diploma por completar 25 anos de serviço oficial e uma medalha da Segurança Social, viu indeferida a sua requisição pelo Centro Regional de Segurança Social, sem qualquer explicação.

A colocação no ensino especial através de destacamento e requisição está a permitir situações inexplicáveis como aquela, queixando-se os docentes lesados de que a distribuição dos lugares está a ser afectada pela «política do compadrio».

A professora em causa, uma entre os muitos profissionais que se consideram lesados, tem o curso do Magistério Primário, curso de especialização no ensino de crianças e adolescentes deficientes visuais, dois anos de frequência do curso do Instituto de Orientação Profissional, e obteve o grau de bacharel pela Escola Superior de Educação pela Arte do Conservatório Nacional.

Devido a estas e outras anomalias que estão a passar-se no sector do Ensino Especial, já tão carenciado, os profissionais da Grande Lisboa realizaram hoje uma acção de rua em que distribuíram à população da capital panfletos com duas interrogações fundamentais: «Profissionais da educação especial: que segurança?»; «Crianças deficientes: que futuro?».

Enquanto a Lei do Ensino Especial, aprovada pela Assembleia da República em 1979 continua por regulamentar há 7 anos, os docentes do ensino especial estão sujeitos ao processo de destacamento anual, sem segurança nem estabilidade de emprego; não tem quadro nem carreira (situação que afecta todos os profissionais do sector e não apenas os docentes), apenas 15 mil das 300 mil crianças deficientes existentes em Portugal recebem atendimento e o Estado deixa chegar à asfixia financeira Cooperativas, e Associações de Pais sem fins lucrativos.

As crianças deficientes não podem legalmente frequentar o ensino regular e apenas uma pequena percentagem de jovens deficientes tem direito ao trabalho.

Excedente de 400 alunos em escolas de Faro

No próximo ano lectivo prevê-se um excesso de 400 alunos do sétimo ano unificado no conjunto das três escolas de Faro, alertou hoje o Sindicato dos Professores da Zona Sul.

O Sindicato afirma que nas escolas secundárias Tomás Cabreira e João de Deus e na Escola Preparatória número 2 está criada «uma grave superlotação em que todos os espaços disponíveis foram sendo progressivamente utilizados para salas de aulas, ocupadas ininterruptamente de manhã à noite (22.30 horas).

Acrescenta que a insuficiência das verbas e meios para manutenção e reparação e as carências em pessoal auxiliar «provocaram a rápida deteriora-

ção de instalações, equipamentos e material didáctico».

O Sindicato solidariza-se com os pais e encarregados de educação dos alunos do sétimo ano unificado, que recentemente criaram uma comissão encarregada de denunciar o problema das 15 turmas excedentárias no próximo ano lectivo, e exige do Ministério da Educação «prontas e rápidas medidas no sentido de atempadamente obstar a um ainda maior agravamento da situação existente».

Na sua última visita a Faro, em 21 de Junho, o ministro da Educação e Cultura, João de Deus Pinheiro, anunciou para 1988 a construção de uma nova escola preparatória em Faro.

ANÚNCIO

Falência de CAMPIMAR-FÁBRICA DE CARAVANAS, LIMITADA
Cantanhede

Tribunal de Cantanhede - 1.ª Secção
Proc. n.º 83/82
VENDEM-SE

- 1 - 1 sistema para cópias a álcool com mesa e quadros, verba n.º 93.
- 2 - 1 mesa de corte com visor electrónico marca Edgematic, verba n.º 385.
- 3 - Instalações fabris - casa de rés-do-chão e 1.º andar - sitas na Estrada da Varziela, inscrita na matriz urbana da freguesia de Cantanhede, sob o art.º n.º 3229, com uma área total de 3234 m², verba n.º 401.
- 4 - Pinhal e mato no mesmo sítio e limite, e freguesia, com a área de 10 000 m², inscrito na matriz rústica sob o art.º 7858, verba n.º 402.

As propostas que deverão ser especificadas por verba serão apresentadas ao Administrador da Massa Falida - Adérito Cortesão Beato, solicitador com escritório na Vila de Cantanhede - , até ao dia 21 de Julho de 1986, e serão abertas no Tribunal Judicial de Cantanhede, na presença do Exmo. Síndico e na do Exmo. Procurador do Circulo Judicial, no dia 22 do mesmo mês e ano, pelas 10.30 horas - art.º 890.º e 893.º do Código de Processo Civil.

Reserva-se o direito de adjudicação se o preço não convier.

O Administrador da Massa Falida,
a) Adérito Cortesão Beato

"D.L." 10/7/86 - 1.ª Pub.

ANÚNCIO

Falência de BIMOTA-Bicicletas Motorizadas, Ld.ª de Vilamar.

Tribunal de Cantanhede - 2.ª Secção
Proc. n.º 86/A/82

VENDEM-SE

- 1 - 1 máquina de contabilidade, marca Optimatic, Verba n.º 1.
- 2 - Instalações fabris - casa de t/c - com a área de 324 m² e anexo com área de 19,8 m² sítio em Vilamar, freguesia de Febres, inscrito na matriz predial urbana sob o art.º n.º 2340 Verba n.º 67.

As propostas que deverão ser especificadas por verba serão apresentadas ao Administrador da Massa Falida - Adérito Cortesão Beato, solicitador com escritório na Vila de Cantanhede - , até ao dia 21 de Julho de 1986, e serão abertas no Tribunal Judicial de Cantanhede, na presença do Exmo. Síndico e na do Exmo. Procurador do Circulo Judicial, no dia 22 do mesmo mês e ano, pelas 10.30 horas - art.º 890.º e 893.º do Código de Processo Civil.

Reserva-se o direito de adjudicação se o preço não convier.

O Administrador da Massa Falida,
a) Adérito Cortesão Beato

"D.L." 10/7/86 - 1.ª Pub.

ALMEIDA & GONÇALVES, LDA.

Certifico que, por escritura de 14 de Dezembro de 1983, lavrada de fl. 49 v.º e fl. 50 v.º do livro n.º 769 das notas do 4.º cartório notarial de Lisboa, a cargo do notário bacharel António Augusto Jorge Marçal, José Maria Ramos de Almeida Ferreira cedeu a Alberto Domingos a quota de 10 000\$ que possuía na sociedade por quotas de responsabilidade limitada, com sede nesta cidade, sob a firma Almeida & Gonçalves, Lda, e Manuel Fernandes Gonçalves cedeu a António Maria Ramos a quota de 5000\$ que também possuía na referida sociedade, renunciaram à gerência, dela deixando de ser sócios, e autorizaram que os seus nomes continuassem a figurar na sociedade e esta, em consequência, a girar sob a mesma firma.

Que, em virtude das cessões efectuadas, Alberto Domingos e António Maria Ramos ficaram sendo os únicos sócios da referida sociedade Almeida & Gonçalves, Lda, ficando o sócio Alberto Domingos também nomeado gerente, nos termos do respectivo pacto social.

Está conforme ao original.

Lisboa, 15 de Junho de 1981

O Terceiro-Ajudante do Cartório,
José Leal de Jesus Coutinho

"D.L." 10/7/1986

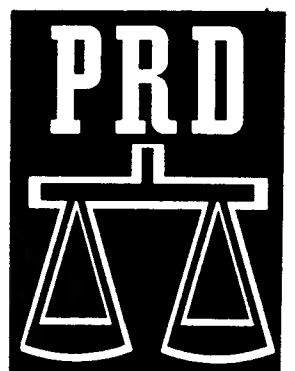
PARTIDO RENOVADOR DEMOCRÁTICO

2.º Tempo de Antena
na RTP
Hoje

Quinta-feira, dia 10
Às 20.30 h

EM FOCO:

- O PRD NO PARLAMENTO
- EANEZ VISITA AS DISTRITAIS
- O PRÓXIMO CONSELHO NACIONAL



Bombeiros tiveram noite ocupada

Ponte de Sor, Mirandela, Coimbra e Santarém foram zonas onde, durante o dia de ontem e primeiras horas de hoje, as corporações de bombeiros combateram as chamas que, no primeiro dos casos, se reacenderam, depois do fogo que lavrava desde terça-feira ter sido considerado extinto ao princípio da tarde.

«Ardeu muita área de pinheiro, sobreiro, muitas colmeias, e os prejuízos são muito elevados», indicou esta manhã ao «DL» um informador dos bombeiros Voluntários de Mirandela, fazendo o balanço do incêndio que desde as 12 e 30 de ontem lavrou junto à localidade de Ponte de Balthas.

A mesma fonte precisou que as chamas foram dominadas cerca das 3 horas de hoje, depois das corporações de Mirandela, Torre D. Chama e Valpaços, num total de 40 homens e 10 viaturas, terem conseguido preservar do fogo a aldeia de Vale de Telhas. Sobre a origem do sinistro, os «soldados da paz» que, naquela área têm tido um incêndio por dia, supõem tratar-se de um acto criminoso.

Por outro lado, em Santarém, foi considerado extinto às 23 horas de ontem o sinistro que deflagrou sete horas antes numa zona de mato e sobreiros da freguesia da Atalaia. As chamas, combatidas pelos Voluntários e Bombeiros Municipais de Santarém, que receberam o auxílio da corporação do Cartaxo, chegaram a ameaçar um aglomerado de 10 a 15 casas, onde os bombeiros mantiveram piquetes permanentes com o intuito de desviarem as chamas.

Apesar do vento que, a partir do fim da tarde e princípio da noite se fez sentir na zona, as chamas foram controladas e, segundo o «DL»

apurou junto do comandante dos Bombeiros Municipais de Santarém, terão ardido entre 9 a 10 hectares de mato, olival e restolho, num fogo cuja origem, de acordo com a mesma fonte, não é criminosa.

Ponte de Sor: dois dias de incêndio

Mais difícil foi a situação em Ponte de Sor onde, desde a tarde de terça-feira, um incêndio consumiu cerca de mil hectares de sobreiros, pinheiros, eucaliptos e mato.

Considerado dominado ao meio da manhã de ontem, e extinto ao princípio da tarde, as chamas voltaram a reacender-se no lugar da Torre das Vargens, apesar dos esforços desenhados pelos bombeiros de Ponte de Sor, Gavião, Alter do Chão, Abrantes, Sardoal e Tomar que só conseguiram vencer o incêndio às 23 e 45. Na origem deste incêndio, tudo indica que esteja um acto criminoso.

Por fim, em Coimbra, um incêndio que deflagrou junto aos bairros da Liberdade e do Ingote, e que consumiu uma área de oliveiras, foi extinto ao princípio da noite pelos Sapadores daquela cidade. Apesar da proximidade das habitações, os bombeiros conseguiram circunscrever as chamas à zona de olival.

Recorda-se que, também ontem, e em Coim-

bra, foi extinto pelos Sapadores um fogo na localidade de Cegonha, nos arredores da cidade, que chegou a pôr em perigo uma habitação. Naquele mesmo local, na terça-feira, um incêndio destruiu 160 hectares de terreno.

GNR deteve incendiário

Na sequência de averiguações sobre um incêndio que ocorreu na região de Caldelas/Freixedas/Pinhel, a Guarda Nacional Republicana de Freixedas veio a deter na manhã do passado dia 7, o agricultor José dos Santos, solteiro, de 18 anos, que, após identificado e interrogado foi presente ao Juiz de Instrução Criminal de Pinhel que manteve a prisão.

Recorda-se que as chamas consumiram cerca de um hectare de seara, matas e giestas, causando um prejuízo avaliado em cerca de 121 mil escudos.

Bombeiros da Anadia recuperam

Apesar de se manterem hospitalizados está a evoluir satisfatoriamente o estado de saúde dos bombeiros da Anadia que sofreram queimaduras durante o combate ao incêndio da Serra do Caramulo, em 14 de Junho passado. Os bombeiros, queimados gravemente nas mãos, têm tido alta aos fins-de-semana, enquanto que o oitavo elemento daquela corporação que está hospitalizado em Coimbra, regista sensíveis melhoras. Recorda-se que o balanço final do fogo da Serra do Caramulo foi de 18 mortos, dos quais nove eram bombeiros dos Voluntários de Agueda, quatro da corporação de Anadia, três civis, e de oito feridos.

Meios aéreos entram amanhã em funcionamento

Monchique está à espera do helicóptero prometido

Os meios aéreos de combate a incêndios florestais entram amanhã em funcionamento, segundo anunciou ontem o Presidente do Serviço Nacional de Bombeiros (SNB). António Laranjeira especificou que, para além dos cinco helicópteros que, desde amanhã estarão prontos a intervir, no início da próxima semana estarão prontos os restantes meios aéreos, nove pequenos aviões e dois helicópteros. No entanto, a distribuição geográfica não contempla o Algarve, apesar de, como declarou ao «DL» o presidente dos bombeiros de Monchique, haver a promessa do estacionamento de um helicóptero na zona.

«Na segunda-feira fomos informados que existem mais dois helicópteros de reforço, um que seria para o Norte, outro para o Algarve, que ficaria aqui em Monchique durante o dia», declarou ao «DL» Reis Luis.

No entanto, segundo o presidente do SNB, os reforços ficarão estacionados na Lousã, Proença-a Nova e Viseu, enquanto que o

esquema que amanhã entra em vigor, colocará helicópteros em Vidago, Arcos de Valdevez, Cabeceiras de Basto, Covilhã e Proença-a-Nova. António Laranjeira adiantou que os meios aéreos para o combate aos incêndios, que ficarão de prevenção até 15 de Outubro, e a sua respectiva estrutura de apoio de meios humanos e material representam uma verba de 400 mil contos.

Por outro lado, segundo a mesma fonte, 200 grupos de intervenção já estão nas zonas operacionais, e outros nas próprias matas, constituído, cada um, por cinco homens, dispondo de uma viatura de todo-o-terreno e de 500 litros de água.

Algarve: um ano tranquilo

A confirmar-se a opção definida pelo presidente do Serviço Nacional de Bombeiros, toda a região algarvia, e sobretudo a Serra de Monchique, ficará desprovida de meios aé-

reos de combate a incêndios, depois de, há dois anos, a floresta ter sido pasto das chamas.

De acordo com o presidente dos bombeiros de Monchique, a diminuição de focos de incêndio, ficou a dever-se a uma estrutura de vigilância entretanto montada, seguindo o princípio de que «os incêndios apagam-se por prevenção». O esquema implantado consistiu na criação de uma equipa de intervenção rápida, da implantação, pela Direcção-Geral das Florestas de dois postos de vigia, no Alto da Picota e no Alto da Foia, e do patrulhamento da Serra por efectivos da GNR a cavalo.

No contexto da prevenção que pretendem ver continuada, os bombeiros de Monchique consideram o helicóptero como um instrumento precioso na acção de vigilância durante o dia e, por isso, esperam que o reforço prometido possa contribuir para mais um ano de acalmia.

No 3.º andar dum prédio em Queluz

Estava sentada à janela e morreu ao cair à rua

Uma senhora de 52 anos, Maria Alieze Oliveira Maurício dos Santos, morreu ontem ao cair do 3.º andar do prédio onde morava sozinha, na Rua dos Lusíadas, em Queluz. A extinta, era, segundo os vizinhos, «uma senhora correcta, educada e culta», até que, há dois anos, se separou do marido, passando então a beber e a fazer desacatos, sentando-se com frequência, tal como ontem aconteceu, «no parapeito da janela, com as pernas viradas para a rua». Ainda recentemente, e de acordo com a mesma fonte a extinta atirara «mais de 50 baldes de água pelas escadas, inundando algumas casas». Junto ao cadáver de Maria Alice dos Santos foi encontrado um terço, parcialmente desfeito pela queda. A PSP local tomou conta da ocorrência.

Concluiu relatório preliminar do Governo

"Distracção momentânea" do motorista causou acidente em Vila da Feira

O relatório preliminar ordenado pelo Secretário de Estado dos Transportes e Comunicações, «com objectivos exclusivamente técnicos e independentes da instrução judiciária que deva ter lugar» acaba de concluir que o «excesso de velocidade e a possível distracção momentânea do condutor do veículo», estiveram na origem do acidente com o autocarro «Expresso», ocorrido perto de Vila da Feira, em 22 do mês passado, de que resultaram dez mortos e 25 feridos.

O relatório refere que «as

averiguações levadas a cabo até ao momento não podem, dada a necessária e evidente pouca profundidade que o caracterizam, conduzir a conclusões seguras e inequívocas acerca das causas do sinistro, adiantando que, «até prova em contrário, o mesmo teve lugar» por efeito da perda do domínio da marcha do veículo, motivada por distracção momentânea do motorista ou possíveis toques do veículo nos tramos do separador central, aliada a velocidade excessiva para as condições climaté-

ricas no momento em que se verificou o acidente».

Os membros da Comissão assinalam o facto de «a visibilidade do condutor ter sido afectada, dado o caudal de água», e concluíram que o valor da velocidade média atingida pelo autocarro, desde o ponto de partida, na Praça D. Filipa de Lencastre, no Porto, até ao local do acidente, na auto-estrada do Norte, entre a portagem de Grijó e o nó de Vila da Feira, em Santa Maria de Lamas, foi de cerca de 100 quilómetros por hora.



Mário Castrim

As chamas e as palavras

A televisão fala-nos uma vez mais dos bombeiros que morreram em Agueda.

Diz-nos que, em algumas famílias deles, «há casos de extrema miséria».

Pois. Mas foram tão bonitos os discursos...

Observação

A bola pode ser redonda, mas há cada comentador mais quadrado!

Exagero

Na corrida TV falou-se de um bandarilheiro que faz poemas. Pobre do touro, não lhe chegavam as bandarilhas...

São assim os cavalos

Locutor na mesma corrida:

— O cavalo, como animal inteligente, tem a sua moral, o seu estado de espírito... Quer dizer: tem as suas cavaliadas...

A gíria

Voltando à corrida TV que, citando o Jô Soares, foi um espanto: —... pode acontecer aquilo a que, na gíria, se chama uma ilusão de óptica. Estão a ver, na TV até já falam em calão...

A mais ou a menos...

O locutor falava de um touro chamado aldrabão e punha em relevo as suas investidas. Para o que lhe deu, homem! Na televisão, um aldrabão a mais ou a menos, que importância tem isso...

A lição de Confúcio

No jogo com a Bulgária, o treinador mexicano dá instruções aos seus jogadores através de desenhos que ele traça furiosamente. Fazia isso para ganhar tempo. Confúcio dizia que uma imagem valia cem mil palavras...

Reinvenção da realidade

A D. Cristina, exemplar e irrefutável dona de casa, perguntavam onde estava o marido. — Está lá dentro — respondeu, enquanto provava a sopa, com uma colher de pau — Está lá dentro a ver o futebol... E sorria deliciada com a invenção da palavra.

As estruturas

Declarações do ministro. — As estruturas de combate aos incêndios nas florestas estão a funcionar. Declarações de um bombeiro. — Que pena não ser um de Julho! Se fosse, já podíamos contar com auxílio de meios aéreos... Conclusão: bem, mas bem, só funcionam as estruturas... de propaganda...

E os cangurus?

A locutora diz que vão passar um documentário sobre a Austrália, «país do centro da Europa». Notícia fresquinha ou antecipação científica?...

Otelo recusou após o 25 de Novembro promoção a general e a vice-CEMGFA...

O Tribunal de Monsanto terminou ontem a fase de audição dos réus do processo FUP/FP-25, para prosseguir segunda-feira os seus trabalhos ouvindo os declarantes e testemunhas.

Na sessão de ontem — a 149.ª — o Tribunal decidiu a junção aos autos de mais dois documentos, um dos quais um manuscrito de Otelo intitulado «Bases para um artigo — história do Projecto Global que os réus vão contar em Tribunal».

A junção desse documento foi requerida pelo procurador da República, Teodósio Jacinto, que, em sessão anterior, declarou ter sido apreendido a Joaquim Dias Lourenço no carro em que se deslocava quando foi recapturado em 25 de Maio deste ano.

Romeu Francês, o advogado de Otelo, considerou que 'nas intenções do requerimento se pretendia estabelecer uma conexão, inexistente, entre o seu constituinte e Dias Lourenço', pelo que solicitou que a sua junção aos autos deveria ser 'condicionada a um esclarecimento inequívoco acerca do local onde fora apreendido'.

Tal pedido foi atendido pelo Tribunal que decidiu solicitar ao

segundo Juízo de Instrução Criminal, além da certidão do auto de apreensão, uma certidão comprovativa do local onde foi encontrado.

O outro documento agora também junto aos autos é uma certidão do Tribunal Judicial de Braga em nome de Macedo Correia.

Grandes convites

Grande parte da sessão de ontem foi preenchida com as respostas de Otelo às perguntas do seu advogado, Romeu Francês, que deixou bem clara a linha de defesa do ex-comandante do Copcon.

Otelo garantiu que a ECA era uma 'organização desarmada', acrescentando que os seus elementos apenas recebiam treino militar tendo em vista, como objectivo estratégico a longo prazo, a tomada do poder pelos trabalhadores.

Nessa altura, disse, 'seriam armados pela componente Quarteis'.

Para Otelo, em contrapartida, as FP-25 eram uma organização militarizada que utilizava armas de guerra, pois, embora tivessem objectivos estratégicos idênticos aos do Projecto Global (revolução proletária), defendiam a realização de acções armadas.

«Uma perspectiva errada que levou as FP-25 ao isolamento» e «perturbou a dinâmica do Projecto Global» — acrescentou.

Otelo condenou os assaltos a bancos como forma de obter dinheiro para uma organização revolucionária, considerando uma alternativa de financiamento pedir, ou ir pedir, como ele próprio fez, auxílio a organizações de países mais ricos.

Também os atentados contra patrões foram condenados por aquele militar, que, disse: «Nunca o Projecto Global pretendeu actuar contra o Estado democrático».

tico».

Como ideólogos das suas teses revolucionárias Otelo citou, sempre respondendo ao seu advogado, o teólogo brasileiro Leonardo Boff e a sua Teologia da Libertação, Rosa Luxemburgo e a teoria dos Conselhos Operários.

Otelo revelou igualmente, que devido aos seus «compromissos com o povo português» recusou, no dia seguinte ao 25 de Novembro de 75, a promoção a general

de quatro estrelas e a ser investido no cargo de vice-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas. Nada adiantou, porém — também não lhe foi perguntado — porque é que lhe ofereceram tal promoção e tal cargo.

Otelo declarou ainda ter recusado o lugar que lhe foi oferecido de embaixador em qualquer país à sua escolha e ainda a possibilidade de encabeçar uma lista do PS para deputado à Assembleia da República.

Utilizando como intermediária a África do Sul

Capitão e armador de navio sueco acusados de vender armas à RENAMO

O capitão de um navio, registado em Gibraltar e o seu armador, ambos de nacionalidade sueca, foram detidos em Estocolmo sob a acusação de terem vendido e transportado armas de contrabando para a Renamo. De acordo com o vespertino «Expressen», que se publica na capital sueca, os dois marinheiros estão a ser interrogados na sequência de denúncias feitas por membros da tripulação do navio, cujo nome não é referido, o qual em Fevereiro de 1984 teria carregado em Lisboa vinte contentores com armas com destino a Montevideo no Uruguai.

O carregamento teria sido fiscalizado pelas autoridades portuguesas. Uma vez no mar o navio teria sido pintado de novo, mudado de nome e de bandeira e o plano de viagem modificado na zona do Equador rumando então ao porto sul-africano de Durban. Em Durban teria sido descarregado sob a supervisão das autoridades sul-africanas, tendo um dos membros da tripulação declarado à Polícia sueca

ter ouvido dizer que as armas seriam enviadas para «os nossos amigos do Norte» (Durban fica a sul de Maputo).

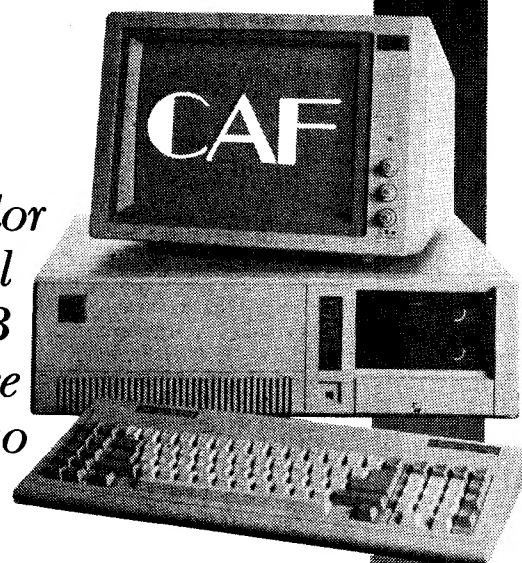
Segundo o «Expressen», que tem uma tiragem de 600.000 exemplares e é um dos mais importantes jornais da Suécia, o capitão teria na altura recebido documentos comprovando que os vinte contentores de armas teriam sido descarregados em Maputo. Depois de concluída a operação, o navio deixou Durban, mudou novamente de nome e embarcou carga normal na Libéria com destino à Dinamarca.

A acusação de contrabando de armas que recai sobre os dois suspeitos agora detidos é considerado delito grave pois a Suécia tem um embargo à venda de armas à África do Sul. A Polícia pensa que as armas se destinavam aos guerrilheiros da Renamo mas ainda não identificou o autor ou autores das encomendas e dos financiamentos da operação — refere ainda o artigo do «Expressen».

380 contos*

até 31. Julho

* é o preço de um Computador Profissional CAF Compatível Modelo College III com 20 MB que a CMC (Portugal) lhe oferece em troca do seu equipamento usado



Veja nos Concessionários:

COIMBRA - MI-MICROINFORMÁTICA, LDA.
ÉVORA - MICROTRÓNICA
LOUSÃ - V. CORREIA + L. CORREIA
PONTA DELGADA - GIA — GABINETE DE ESTUDOS E INFORMÁTICA DOS AÇORES, LDA.
QUELUZ - CONTA ALPHA
S. JOÃO DO ESTORIL - ESTORILMÁTICA
SINES - DIGITAL SUL, LDA.
VILA DO CONDE - HARDSOFT-INFORMÁTICA E GESTÃO, LDA - Tel. 63 18 63



Rua Sanches Coelho, 2 1600 LISBOA Telef. 777012/770661

CMC
PORTUGAL

OVNI terá "visitado" ontem um batatal em Cantanhede

A aterragem de um objecto não identificado num batatal dos arredores de Cantanhede, alegadamente ocorrida ontem à tarde, foi comunicada à Guarda Nacional Republicana, que se deslocou ao local — disse uma fonte da GNR.

Aquela força policial deslocou-se a um batatal próximo da «Quinta da Quebrada» na sequência de uma comunicação feita por Manuel dos Santos Silva, cantoneiro da Câmara Municipal, que afirma ter visto «uma coisa grande e redonda com duas luzes muito fortes».

Segundo a GNR de Cantanhede, Manuel dos Santos Silva, conhecido por «Zao», estava num «grande estado de nervosismo» e afirmou ter sentido «um remoinho de vento muito forte, muita poeira e uma explosão».

«Fugi para debaixo de uma árvore que aquilo parecia um relâmpago. Foi tudo muito

depressa e pareceu-me ver uma coisa grande e redonda com duas luzes muito fortes» — disse à GNR Manuel dos Santos Silva («Zao»).

Já no local, a GNR de Cantanhede inteirou-se da existência de um pequeno buraco no terreno e verificou que algumas batatas estavam queimadas, não tendo encontrado quaisquer outros vestígios.

«Não podemos adiantar nada, não sabemos o que se passou, não podemos dizer o que foi aquilo» — disse um dos elementos da GNR que se deslocou ao local da ocorrência, tendo acrescentado que Manuel dos Santos Silva apresentava a camisa chamuscada.

Admitiu, todavia, que as características da eventual ocorrência em tudo se assemelham às provocadas pela explosão de uma bomba «tipo-foguete».

Sobre eventuais intenções incendiárias, caso se confirme a segunda hipótese levantada (a do foguete), a GNR nada adiantou.

«Nós não apresentamos versão nenhuma, que é para não nos enganarmos» — sublinhou a fonte da GNR contactada pela Anop.

Referiu, entretanto, que nas proximidades do referido batatal «já houve um incêndio mais ou menos grande, já lá vão dois ou três anos».

A ocorrência teve lugar num local distante cerca de trinta metros de uma estrada, constituído por batatais e aboboreiras, mas com uma zona de pinhal nas proximidades — concluiu a mesma fonte.

Informática: tema em secundária dos Olivais

O professor deve dominar o computador para não se deixar ultrapassar por ele, afirmou à Anop Vitor Costa, professor da Escola Secundária n.º 2 dos Olivais, a propósito do encontro sobre «Informática no Ensino» que ontem começou ali. O mesmo docente disse à Anop que o computador deveria ser para qualquer professor «uma ferramenta de trabalho como qualquer outro meio audiovisual».

Por seu turno, o aluno Rui Santos, de 17 anos, considerou que o professor nunca deverá ser dispensado de estar presente nas aulas como orientador, mas que a informática virá revolucionar a compreensão da matéria por parte dos alunos.

Ao exemplificar que através do sistema informático os professores de Física poderiam passar num ecrã a fusão e o choque de átomos, Rui Santos acrescentou que o interessante dessa questão «é que o aluno possa, por si próprio, alterar e programar o sistema para dar respostas precisas a todas as questões».

O docente José Navarro, um dos promotores deste encontro, considerou a utilização da informática no ensino como «a terceira vaga do ensino» ou «a própria revolução».

«São imensas as potencialidades que existem na utilização da informática no ensino» afirmou à Anop, explicando que elas vão da elaboração de programas com as matérias a leccionar, até à sua utilização no sector administrativo da escola, como por exemplo em estatísticas, ficheiros, notas e até recibos.

O encontro é patrocinado pela Direcção-Geral do Ensino Se-

cundário e por várias empresas do sector da Informática. E conta com a participação de cerca de 300 professores provenientes de todo o país.

A iniciativa tem como objectivo divulgar a introdução de novas tecnologias no ensino, promover a divulgação de material didáctico e incentivar a troca de experiências entre escolas. Do programa faz parte a realização de conferências subordinadas ao tema da informática no ensino e também de reuniões de trabalho, promovidas por professores de várias disciplinas, que exporão os trabalhos de informática já realizados nessas cadeiras.

A escola secundária n.º 2 dos Olivais promove paralelamente exposições de material de vídeo e mantém aberto ao público uma biblioteca com cerca de mil exemplares de obras sobre o tema.

Rádio Comercial: "Grelha FM" apresentada frente ao Tejo

Foi no «Albatroz», em Cascais. De frente, o mar e corpos lindos. Junto à piscina do hotel, João David Nunes e Jaime Fernandes, Pedro Castelo e toda a administração da RDP (drs. Bráulio Barbosa, Arlindo Carvalho, Fausto Correia, Cardoso Meneses e Adrião Rodrigues) trocando amabilidades com os representantes dos restantes órgãos de Comunicação Social que foram saciar a curiosidade sobre os reajustamentos na «grelha» da Rádio Comercial.

Muitas inovações no FM/estéreo que entre 2.ªs e 6.ªs feiras, das zero às 24, passará a ser assim: «Morrison Hotel», realização: Rui Morrison; «Guarda Nocturno» (Simultâneo OM/FM) Animação: Darwin Cardoso; «Diário Rural» (Sim. OM/FM), realização: Costa Macedo; «Piadinhas e Torradinhas» (Sim. OM/FM), produção: Parodiantes de Lisboa; «Programa da Manhã», realização: José Ramos; «TNT — Todos no Top», realização: Jorge Pêgo; «Clube Estéreo», realização: João Carlos Vieira; «Discoteca», realização: Adelino Gonçalves; «Casa da Música», animação: José Maria Corte Real; «Som da Frente», realização: António Sérgio; «Rock em Stock», realização: Luís Filipe Barros; «Círculo em FM», realização: José La Féria; «Em Órbita», realização: João David Nunes; «Nova Geração», produção de João Martins e realização de Humberto Boto; «Mil e uma Noites», realização: Aníbal Cabrita.

Programação para os sábados, também em Frequência Modulada/Estéreo, igualmente a partir do 1.º minuto de cada dia e até às 24: «Música para Camaleões», animação: Clara Pinto Correia e António Mega

Ferreira; «Os novos concertos da Comercial», realização: Jorge Lopes; «Guarda Nocturno» (Sim. OM/FM), animação: Darwin Cardoso; «Diário Rural» (Sim. OM/FM), realização: Costa Macedo; «Astro Rádio», realização: Edite Maria; «Isto É...» (Sim. OM/FM), realização: Matos Maia; «Rebêubéu pardais ao ninho» (Sim. OM/FM), realização: Herman José; «Tempo de fuga», realização: José Ramos; «Vivóvelho», realização: Fernando Quinas e Pedro Albergaria; «Lança chamas», realização: António Sérgio; «Top do TNT», realização: Jorge Pêgo; «Country Music (Música da América), realização: Jaime Fernandes; «Luso Clube», animação: Pita; «Missonautas», animação: Jorge Lima Barreto; «Topless», realização: Carlos Ribeiro, Adelino Gonçalves, Luís Filipe Barros, Jorge Pêgo, João Carlos Vieira, João David Nunes, Jaime Fernandes, Pedro Castelo, José La Féria, Jorge Perestrelo, Darwin Cardoso, Maria Alexandra, Ana Bola e António Sérgio (um dia cada um).

E chegamos a domingo. Vinte e quatro horas, também em FM/E, assim saltando para o éter: «Topless» (continuação); «Guarda Nocturno» (Sim. OM/FM), animação: Darwin Cardoso; «Diário Rural» (Sim. OM/FM), realização: Costa Macedo; «Astro Rádio», realização Edite Maria; Missa (Sim. OM/FM); «Verbo e Som» (Sim. OM/FM), um programa da Juventude do Patriarcado de Lisboa; «Meia Praia» (Sim. OM/FM), animação: Maria Alexandra; «Clube Português de Imprensa», um programa do Clube de Imprensa; «4 Tempos», realização: Pedro Castelo; «Cruzeiro de Férias», anima-

ção: Jaime Lopes; «Sete por Sete», produção: «Sete»; «Musicando», realização: José Freire; «As Noites Longas do FM/Estéreo», realização: António Santos.

Muita gente conhecida para tomar conhecimento com esta aposta dos homens da Sampaio Pina: desde Francisco Romãozinho a Tozé Brito, de António Pinho e Carlos Barbosa, de Alberico Cardoso a Maria Elisa, de Fialho Gouveia, José Manuel Barroso e Ruy Castelar, a, em força, representantes das principais editoras musicais cá do burgo. Jaime Fernandes (um dos responsáveis por esta aragem alegre da Rádio Comercial) contar-nos-ia:

— Uma boa parte desta nova programação irá ao encontro dos gostos dos ouvintes que vão estar de férias: aligeirou-se a FM e criaram-se novas rubricas para (inclusive) combater a «explosão» de rádios locais, que carecem de definição e organização, mas lançam imensa confusão no ouvinte. Veja-se este caso: só na zona de Cascais existem 16 rádios que se aglutinam, «morando» em cima uns dos outros!

Sobre a emulação da Rádio com outros concorrentes mais ou menos directos, Jaime Fernandes tem opinião firme:

— Sempre a Rádio manterá a sua importância, dada a facilidade e rapidez com que pode cobrir os acontecimentos e dar notícias; e, quanto à RTP, não a poderemos considerar concorrente. Tem um campo específico, mas não assusta a Rádio.

Daí esta bela aposta no FM/Estéreo da Comercial. Uma onda que vai ser companhia em todo o Verão. N. de S.

CASA PIA DE LISBOA



uma grande escola para a vida

LOTARIA COMEMORATIVA

DO

206.º ANIVERSÁRIO

DA

CASA PIA DE LISBOA

TALUDA 60.000 CONTOS

E AINDA 25.215 OUTROS ESPECTACULARES PRÉMIOS

Dia 11 anda a roda

Guiné-Bissau

Morte no hospital de mais um dos implicados no golpe de Fevereiro

Foi ontem anunciada em Bissau a morte de mais um dos implicados na tentativa de golpe de Estado de 17 de Fevereiro, imputada ao ex-vice-Presidente Paulo Correia. Com a morte de António Biag Kabi, eleva-se para seis o número de implicados na intentona cujo óbito sob detenção foi anunciado pelas autoridades guineenses. Entretanto, o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros prossegue hoje em Moçambique a sua «missão de paz», enquanto se multiplicam os anúncios de sanções contra a África do Sul.

António Biag Kabi, 44 anos, morreu cerca das 10 e 30 de ontem no hospital Simão Mendes, em Bissau, «vitimado por uma hemorragia cerebral causada por uma hipertensão arterial severa de que sofria há longa data», segundo anunciou a agência noticiosa guineense, ANG. Kabi foi assim o quinto implicado na tentativa de golpe de 17 de Fevereiro a morrer na prisão devido a «problemas de saúde».

Segundo a equipa médica que o assistiu, Kabi estaria em coma há já seis dias. Por ter sido hospitalizado em 26 de Maio, Kabi não compareceu às sessões do julgamento

do chamado caso «17 de Fevereiro», cujas alegações orais terminaram terça-feira.

O Procurador-geral da República da Guiné-Bissau, Joseph Turpin, afirmou, em 16 de Junho, que os seis implicados entretanto mortos faleceram de doença, excepto o ex-secretário da Juventude e dos Desportos, abatido a tiro por um guarda prisional quando tentava evadir-se da cadeia.

Segundo Turpin, Bnhate na Beate foi vitimado por problemas de tensão, Fore na Bitna por edema pulmonar, Agostinho Gomes por insuficiência cardíaca e João Zaccarias por uma longa doença

que se agravou durante a prisão...

Missão de paz

O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Geoffrey Howe, chega hoje a Maputo onde será recebido por Samora Machel para consultas junto do governo moçambicano sobre a situação na África do Sul.

A visita de Howe, que ontem esteve na Zâmbia e no Zimbabwe, enquadra-se nas resoluções da CEE, que adiou por três meses uma decisão sobre sanções económicas a aplicar à África do Sul.

Enquanto Howe prossegue a sua missão, o primeiro-ministro britânico, Margaret Thatcher, justificou em entrevista à BBC a sua oposição à imposição de sanções contra a África do Sul, considerando-as «inefcazes e imorais».

A posição da chefe do governo britânico não é, contudo, partilhada por outros países que já anunciaram a intenção de aplicarem sanções contra a África do Sul. O governo norueguês

fez ontem publicar nos jornais de maior tiragem anúncios sobre novas restrições ao comércio com aquele país, com efeitos a partir de 15 de Julho. Por seu lado, o governo australiano foi ontem pressionado por forças do interior do Partido Trabalhista no poder a impor sanções contra a África do Sul.

As sanções pedidas pelos trabalhistas incluem a retirada de direitos à companhia de aviação sul-africana para escalar a Austrália.

Em Washington, um porta-voz da Casa Branca anunciou que o Conselho Nacional de Segurança pedira a Ronald Reagan que profira um discurso de clarificação sobre a política dos EUA para a África do Sul, enquanto na RFA a Federação da Indústria exigia a Pretória reformas rápidas para eliminar o apartheid.

Entretanto, o governo de Pretoria, pressionado por uma ameaça de greve geral e processado em dois Tribunais, revogou um diploma que proibia todo o género de reuniões sindicais.

Dynuance
Ref. 5711

A nuance exacta da sua ideia de branco

Agora, para interiores.
a Dyrup criou a Tinta Plástica Dynuance.
A vida foi colher a verdade de todas as nuances do branco, desde os brancos Primavera à nostalgia dos brancos do Outono:

"Dynuance Azul"

A frescura da Primavera no quarto das crianças...

"Dynuance Creme"

A alegria das cores quentes do Verão para a sua sala...

"Dynuance Rosa"

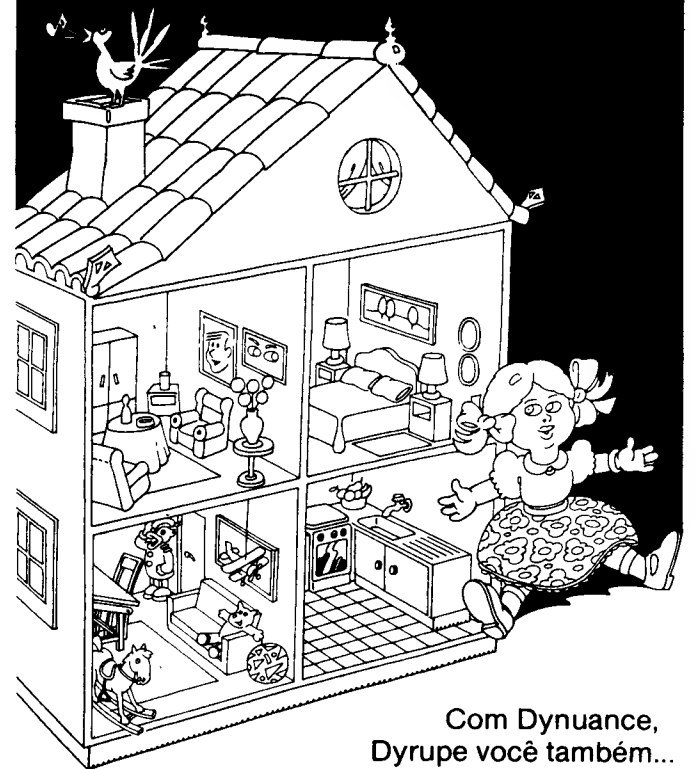
No seu quarto, o convite ao sonho nos tons rosados de um entardecer de Outono...

"Dynuance Verde"

Um repouso estimulante. Um Inverno que se aconchega no calor da família.

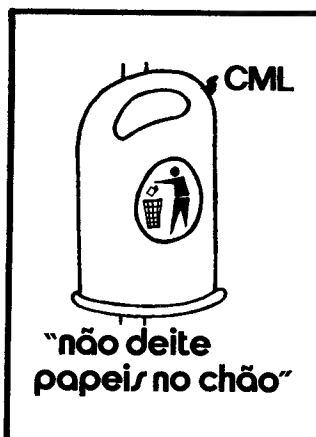
"Dynuance Branco"

A coroar a claridade que escolheu, a elegância do branco total.



Com Dynuance, Dyrupê você também...

TINTAS DYRUP



PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 69 364 «PROCESSO PARA A OBTENÇÃO DE PELÍCULAS DE POLIOLEFINAS PARA UTILIZAÇÃO NA AGRICULTURA, EM GRANDES SEMEITEIRAS».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

Bomba mata um polícia em Paris

Uma bomba explodiu ontem numa secção de investigações criminais da Polícia francesa, matando um inspector e ferindo 27 outras pessoas, três das quais com gravidade, disseram as autoridades.

O ministro da Segurança Robert Pandraud confirmou que a explosão foi provocada por bomba. Anteriormente suspeitava-se que uma fuga de gás pudesse estar na origem do ocorrido.

O atentado ocorreu às 16 horas locais (15 horas de Lisboa) e destruiu completamente as paredes do quinto e sexto andares do edifício, um anexo de um Departamento de Investigações Criminais da Polícia francesa.

O edifício onde se registou a explosão fica situado muito perto da Câmara Municipal de Paris, à qual preside o primeiro-ministro

Jacques Chirac, que ali possui um apartamento.

Chirac viria a deixar o seu gabinete desloca ao local do atentado e a Assembleia Nacional francesa interrompeu o seu debate sobre legislação referente a imigrantes para permitir ao ministro do Interior, Charles Pasqua, uma visita ao edifício abalado pela explosão.

Já no cenário da explosão Chirac manifestou-se «abalado» pelos acontecimentos «que desta vez ultrapassaram todos os limites» considerou.

«É uma odiosa provocação. Mais uma vez foi a Polícia que pagou com o seu sangue o facto de garantir a segurança de todos os cidadãos», comentou Chirac.

O inspector morto na explosão foi identificado como Marcel Badevant, de 54 anos e apenas a cinco meses de atingir a reforma.

Entretanto os guerrilheiros urbanos da Facção do Exército Vermelho (RAF) reivindicaram o atentado bombista que vitimou ontem, em Munique, um executivo da empresa alemã-federal Siemens e o seu motorista, disse a Polícia.

O membro da direcção da Siemens, Karl Geinz Beckurts, 56 anos, e o seu motorista Eckhardt Goppler, 42 anos, morreram ao princípio da manhã quando uma bomba accionada por controlo remoto fez voar o carro em que se conduziam com destino ao local de trabalho em Munique, disse um porta-voz.

O gabinete do procurador federal em Karlsruhe disse que numa nota deixada no local do atentado um «comando Mara Cagol» da Facção do Exército Vermelho reivindicou a sua autoria.

Beckurts um professor de física nuclear que trabalhou durante mais de 20 anos para a indústria da energia atómica, começou a trabalhar na Siemens, a terceira maior empresa da RFA, em 1980.

A sua responsabilidade geral pela investigação e tecnologia também o envolveu a ele e às actividades do grupo no sector de armas.

Um porta-voz do gabinete do Ministério Público disse que o nome de Beckurts fora encontrado numa lista de «alvos» da «RFA» apreendida pela Polícia num esconderijo da guerrilha em Frankfurt, em 1984.

A Polícia disse que a bomba de dez quilos que matou Beckurts e o seu motorista fora presa à base de uma árvore e detonada à distância na altura da passagem do automóvel blindado.

Divulgada lista de bases nucleares na Europa

Um lapso aparente cometido ontem pelo Congresso dos Estados Unidos permitiu a divulgação das 20 bases militares da Europa e do Extremo-Oriente onde a Força Aérea norte-americana mantém aviões dotados de armamento nuclear.

A lista das bases foi incluída na acta de uma reunião da Comissão de Orçamentos e Atribuição de Verbas da Câmara de

Representantes, que se destinou à discussão dos planos de construção de silos de segurança para o armazenamento das armas nucleares.

Os silos serão construídos em cinco bases da Alemanha Federal, outras tantas da Turquia, três da Grã-Bretanha, três da Itália e uma da Holanda. Bélgica, Grécia e Coreia do Sul.

O Pentágono não fez qual-

quer tentativa para evitar a divulgação da lista e indicou, em comunicado, que os planos para a construção desses silos «não são considerados confidenciais quando não precisam que o local em questão servirá para armazenar armamento nuclear».

Os planos serão classificados de confidenciais se o país onde estão instaladas as bases apresentar um pedido nesse sentido.

indica o comunicado.

Não obstante, um alto funcionário da Secretaria de Estado salientou que a lista poderia ser objecto de uma «classificação mais restrita» que a de segredo de Estado.

«Jamais divulgamos, confirmamos ou reconhecemos os locais de armazenamento de armas nucleares», acrescentou o alto funcionário.

Mitterrand elogia Gorbachev no último dia da sua visita à URSS

O presidente francês, François Mitterrand, que hoje encerrou a sua visita à União Soviética, disse que a França está extremamente interessada no debate dos problemas do desarmamento.

Mitterrand considerou «verdadeiramente sensacionais» as propostas feitas ultimamente pelo líder soviético Mikhail Gorbachev, «que dizem respeito tanto aos armamentos nucleares, estratégicos e convencionais, como às armas químicas».

Na conferência de Imprensa dada hoje no Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, Mitterrand disse sobre Gorbachev: «mais do que nunca, ele parece-me um homem muito moderno, um homem dos nossos tempos. Encara os problemas sob o aspecto que eles têm em 1986».

Na cerimónia de despedida do chefe do Estado francês, no grande palácio do Kremlin, Mikhail Gorbachev e sua mulher, Raisa, apresentaram cumprimentos a François Mit-



François Mitterrand visitou um centro de treino de astronautas soviéticos acompanhado por sua mulher e por Mikhail e Raisa Gorbachev

terrand e a sua mulher, Danielle.

O líder soviético, Mikhail Gorbachev, tinha proposto ontem ao presidente francês, François Mitterrand, que os cinco membros permanentes do

Conselho de Segurança das Nações Unidas realizem uma conferência sobre o Médio Oriente.

Gorbachev apresentou a ideia durante duas horas e meia de conversações com Mitterrand,

durante as quais foram ainda abordados o controlo de armamentos, questões Leste-Oeste e relações bilaterais, revelou um porta-voz do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, Gennady Gerasimov.

24 HORAS

Achille Lauro: prisão perpétua

Um tribunal italiano condenou hoje três homens a prisão perpétua, entre eles o dirigente palestino Abu Abbas, pelo seu envolvimento no sequestro do navio Achille Lauro. Nenhum dos que recebeu aquela sentença de encontra preso. Os três réus que estão na cadeia receberam penas entre 15 a 30 anos de detenção.

Trinta mil evacuados

Trinta mil pessoas foram evacuadas de Miamisborg e outras três localidades vizinhas no estado norte-americano de Ohio, quando se incendiou a carga de ácido fosfórico de um comboio descarrilado terça-feira. Apesar de a situação estar aparentemente sob controlo, as autoridades locais referem que muitos residentes nas áreas afectadas pela nuvem tóxica se manifestaram relutantes em regressar a casa. Pelo menos 183 pessoas receberam tratamento hospitalar devido a problemas respiratórios causados pela nuvem tóxica.

Polícia dispersa manifestação

A Polícia chilena empregou gás lacrimogénico e canhões de água para dispersar quarta-feira duas mil pessoas presentes no funeral de um jovem a quem foi lançado fogo pelas forças de segurança, durante uma manifestação antigovernamental. Os embaixadores dos Estados Unidos e da França e diplomatas da Itália, Espanha e Bélgica presenciaram a intervenção policial das janelas dos escritórios da Comissão Chilena de Direitos Humanos.

A EPAL deseja-lhe Boas Férias



Vá para férias mas assegure-se de que a sua conta com a EPAL ficará em dia. Dê já ordens ao seu Banco para proceder às liquidações dos seus consumos. É mais fácil. É mais cómodo. É mais seguro. De 2 em 2 meses a EPAL enviar-lhe-á então uma factura-recibo com a indicação do valor que deverá pagar. A factura indicará também a data a partir da qual a importância deverá ser descontada na conta bancária. Se fizer o pagamento por transferência bancária, a factura funcionará automaticamente como recibo, válido em todas as circunstâncias. No seu interesse, antes de ir para férias, informe-se junto do seu Banco sobre o pagamento de recibos através de conta bancária.

**Construir hoje
a qualidade de vida do amanhã**

EPAL



EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS LIVRES

XXI
1 a 21 de Julho de 1986
• Festival de
Sintra

AVISO

No sentido de proporcionar a uma audiência mais vasta a actuação do grande violoncelista **Mstislav Rostropovitch**, a Comissão Organizadora do XXI Festival de Sintra transferiu a realização deste concerto para o **Teatro Nacional de São Carlos**, em vez do **Palácio Nacional de Queluz**, como tem vindo a ser anunciado. Este concerto, que conta com a colaboração do **Teatro Nacional de São Carlos**, realizar-se-á na data e horário previamente anunciados. (13 de Julho, 21.30h).

As pessoas que eventualmente tenham já adquirido os respectivos bilhetes, deverão trocá-los, a partir do próximo dia **5 de Julho**, na bilheteira do Teatro Nacional de São Carlos.

O restante público poderá adquirir os bilhetes nos locais habituais: Turismo de Sintra, estabelecimentos em Lisboa do Valentim de Carvalho e no Teatro Nacional de São Carlos.

A Comissão Organizadora

Rodoviária pára quatro manhãs durante a próxima semana

Os trabalhadores da Rodoviária Nacional entregaram um novo pré-aviso de greves parciais para a próxima semana, comentando Eduardo Travassos Pereira, da Comissão Negociadora Sindical que esta terceira semana de paralisações foi justificada pela «intransigência do conselho de gerência da Rodoviária e do Governo relativamente à negociação da tabela salarial».

Os autocarros da Rodoviária vão estar paralisados entre as

4.30h e as 9.30 horas de segunda, terça, quinta e sexta-feira da próxima semana, de acordo com o pré-aviso ontem entregue.

Para aqueles mesmos dias estão previstas também paralisações parciais dos trabalhadores dos centros de mercadorias.

No centro de mercadorias da Região Sul, as greves decorrerão entre as 6.00 horas e as 11.00 horas para o pessoal afecto aos vagões e entre as 14.00 horas e as 18.00 horas; no do Porto entre as

13.00 horas e as 20.00 horas; no de longo curso entre as 4.30 horas e as 9.30 horas e no do distrito de Lisboa entre as 14.30 horas e as 19.30 horas para os restantes trabalhadores.

No centro de mercadorias de Santa Iria efectuar-se-ão greves parciais, no período da tarde, em todos os dias da semana.

Situação idêntica está prevista para os trabalhadores das oficinas, manutenção e serviços administrativos, cujas paralisações

serão cumpridas de segunda a sexta-feira, igualmente no período da tarde.

Nenhum avanço nas negociações

Os trabalhadores da Rodoviária Nacional decidiram marcar uma concentração frente ao Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações para a próxima terça-feira.

De acordo com o mesmo informador sindical, «não se regis-

taram avanços formais nas negociações durante as greves desta semana».

O patronato, disse, continua a propor um aumento de 14,5 por cento dos salários e de 14 por cento da massa salarial global.

Os trabalhadores reivindicam aumentos salariais «nunca inferiores aos já registados para outras empresas públicas do sector, os quais oscilaram entre 18,5 e 20,5 por cento», acrescentou a mesma fonte.

A comissão negociadora sindical — adiantou — decidiu ainda iniciar hoje uma operação de informação junto do público, com a «entrega de tarjetas à população onde se explicam as razões da greve».

A actual adesão à greve foi estimada pelo mesmo dirigente sindical entre 90 e 95 por cento no que se refere ao material circulante e em 90 por cento para o total dos trabalhadores da empresa.

Greve dos bancários seguida a noventa por cento

A greve nacional dos trabalhadores da banca nacionalizada, que hoje continuou, teve uma adesão de 83,5 por cento para os quadros técnicos e cerca de 90 por cento para os restantes funcionários, informou uma fonte sindical, em balanço ao primeiro dos dois dias de paralisação.

A mesma fonte disse à Anop que em Lisboa a banca nacionalizada «não funcionou», enquanto que a banca privada e estrangeira abriu as suas portas ao público. Nos Açores, segundo outra fonte sindical, que cerca de 91 por cento dos bancários da região aderiram à greve.

«A maioria das instituições de crédito das nove ilhas do arquipélago dos Açores esteve fechada ao público durante o dia e aquelas que abriram fun-

cionaram com menos de metade do pessoal», disse.

Na Madeira apenas duas instituições de crédito — a Caixa Económica do Funchal e o Montepio não foram afectadas pela greve dos bancários.

Um comunicado da União dos Sindicatos da Madeira refere que na ilha a adesão foi «muito significativa, não tendo aberto a maioria das instituições de crédito».

O presidente dos bancários do Centro, Osório Gomes, disse que 90 por cento das agências bancárias dos distritos de Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu encerraram aos utentes.

O Governo é o responsável

«O Governo é o responsável por todos os prejuízos que

a greve venha a causar à banca e aos seus utentes», assinalam os sindicatos do sector em comunicado.

«O Governo quer destruir a banca nacionalizada se continuar a promover e a proteger a banca privada, contra os interesses da economia nacional e do povo português», refere o comunicado dos órgãos representativos dos trabalhadores bancários.

Depois de acentuar que os bancários «querem defender a economia nacional e a banca nacionalizada», o documento apela depois para a «compreensão e solidariedade da população face aos eventuais incómodos causados pela greve».

A greve de dois dias dos trabalhadores bancários visa conseguir melhores condições salariais.

Após acordo na madrugada Orçamento europeu votado esta tarde

Após 10 horas de negociações, o Conselho de Ministros e a Comissão de Orçamento do Parlamento Europeu chegaram hoje de madrugada a acordo sobre o Orçamento Comunitário para 1986.

O Orçamento que foi apresentado ao Parlamento de manhã para ser votado à tarde pelos deputados, atinge os 35 252 milhões de ECU e contém um aumento de 123 milhões de ECU, esgotando assim a totalidade dos recursos próprios da Comunidade Europeia no quadro de 1,4 por cento dos Impostos sobre o Valor Acrescentado.

O acordo deverá ser hoje formalizado através do voto e não deverá suscitar qualquer dúvida ou problema, dado que a decisão foi tomada na Comissão de Orçamento por unanimidade, com excepção de três deputados que se abstiveram.

Em relação ao Orçamento votado em Dezembro pelo Conselho de Ministros, o actual projecto orçamental regista um aumento de 2 500 milhões de ECU (Unidade Europeia de Conta igual a 146 escudos portugueses).

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44\$45	50\$45
ALEMANHA FED. (marco)	67\$55	68\$75
ÁUSTRIA (xelim)	9\$55	9\$75
BÉLGICA (franco)	3\$140	3\$340
BRASIL (cruzado)	4\$00	6\$50
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106\$55	109\$05
(notas de 5 a 1000)	107\$05	109\$55
DINAMARCA (coroa)	18\$15	18\$55
ESPAÑA (peseta)	1\$034	1\$154
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147\$10	150\$60
(notas de 5 a 100)	147\$60	151\$10
FINLÂNDIA (marka)	29\$05	29\$65
FRANÇA (franco)	21\$10	21\$80
HOLANDA (florim)	60\$00	61\$10
IRLANDA (libra)	204\$85	208\$85
ITÁLIA (lira)	\$090	\$990
JAPÃO (iene)	\$893	\$928
NORUEGA (coroa)	19\$75	20\$25
REINO UNIDO (libra)	227\$15	231\$65
SUÉCIA (coroa)	20\$75	21\$25
SUÍÇA (franco)	83\$05	84\$55
VENEZUELA (bolívar)	6\$30	7\$30

Observações:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Três empréstimos da EFTA: cinco milhões

O Comité Directivo do Fundo EFTA de Desenvolvimento Industrial aprovou três novos empréstimos a Portugal, num montante de 5 milhões de dólares (cerca de 738 000 contos), indica um comunicado daquela organização.

Um dos empréstimos, no montante de 1,9 milhões de dólares (278 000 contos), faz parte de uma vasta operação de financiamento destinada a permitir à Sociedade Arpem, Lda, lançar um projecto no sector da pesca do atum na Madeira.

De acordo com o comunicado do Comité Directivo do Fundo

trata-se de um projecto de «grande interesse social e regional, já que visa financiar a construção de seis navios incorporando novas tecnologias e ocupando jovens pescadores».

Um outro empréstimo, de cerca de 2 milhões de dólares (290 000 contos), foi concedido à Portucel, para financiar parte de um projecto destinado a economizar energia e a diminuir a poluição.

O terceiro empréstimo, de 1,1 milhões de dólares (170 000 contos), irá para a Seldex, sociedade portuguesa especializada em equipamento de escri-

tório.

O financiamento destina-se a aumentar a capacidade de produção da empresa, a introduzir novas técnicas de fabricação e a modernizar a gama de produtos, de forma a que respondam melhor às exigências do mercado.

Este organismo da EFTA aprovou, durante os seus nove anos e meio de existência, cerca de 400 empréstimos a Portugal, totalizando 17,5 milhões de contos (cerca de 117 milhões de dólares ao câmbio actual), o que correspondeu a um investimento de 45 milhões de contos (300 milhões de dólares).

Universidade Livre

LISBOA E PORTO

UL

SECÇÃO DE LISBOA

ATÉ 15 DE JULHO 1986

INSCRIÇÕES PARA EXAMES DE SERIAÇÃO
PARA ADMISSÃO AOS 1.º ANOS

LICENCIATURAS EM:

- DIREITO
- ESTUDOS PORTUGUESES
- LÍNGUAS E LITERATURAS MODERNAS
- CIÊNCIAS HISTÓRICAS
- ECONOMIA
- GESTÃO
- MATEMÁTICAS APLICADAS E MATEMÁTICAS MODERNAS.

INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS NA SECRETARIA
DA UNIVERSIDADE

RUA VÍTOR CORDON, 45 — 1200 LISBOA
Telefones: 36 88 37 - 37 17 22/23/83 - 37 37 71/72

Trabalhadores acusam a Administração de má gestão

Centrel anuncia centenas de despedimentos

A administração da Centrel foi ontem apontada pelas organizações representativas dos trabalhadores (ORT's) como a «principal responsável» pela situação de crise que a empresa atravessa. Em conferência de imprensa promovida pela Comissão de Trabalhadores e pelo Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas, a administração de Rocha de Matos foi acusada de pretender despedir cerca de mil trabalhadores e de procurar «assacar

todas as culpas ao Governo e aos CTT/TLP».

Reconhecendo todavia a responsabilidade destas duas entidades - designadamente no que respeita às «nefastas consequências» da programação adoptada para a digitalização da rede telefónica - as ORT's consideram que a direcção da empresa cometeu «enormes erros de gestão desde o princípio», e que se encontra unida ao Governo num objectivo: despedir metade dos trabalhadores. Com

esta finalidade o processo de despedimento colectivo estaria mesmo pronto a entregar, dizem os trabalhadores, e um comunicado da administração confirmou ontem que vão ser suprimidas «largas centenas de postos de trabalho».

Num outro comunicado, distribuído já depois da conferência de imprensa das ORT's, os gestores indicam que vão reduzir o tempo de trabalho nas fábricas de Cabo Ruivo e da Quinta da Princesa, passando a trabal-

har-se apenas 3 dias por semana na primeira delas e 2 dias na outra.

De acordo com a CT, os erros da gestão levaram à «desarticulação de toda a produção», sendo exemplo dessa situação o estado a que chegou a fábrica da Quinta da Princesa, actualmente «sem capacidade de resposta, mesmo que surgissem grandes encomendas».

As soluções avançadas pela direcção da empresa, acrescentam, passam todavia pela redução do número de empregados, dos actuais 2498 para menos de metade.

Reestruturação e de-emprego

A última proposta, que lhes foi apresentada na segunda-feira pela administração, garante apenas a manutenção de cerca de 940 postos de trabalho e a criação de quatro novas empresas a partir da Centrel Automática Eléctrica Portuguesa. Uma delas ficaria com a produção de equipamentos electromecânicos, enquanto ela durar, e teria 550 trabalhadores; a segunda empregaria 200 pessoas e dedicaria-se ao fabrico de centrais digitais com a Siemens; a terceira trabalharia na área dos equipamentos terminais, com 150 a 300 postos de trabalho; e a última absorveria 40 ferramentais na produção de ferramentas.

Esta solução implicaria o despedimento colectivo de 1055 dos actuais trabalha-

res da CAEP e exigiria mesmo assim que fossem obtidas algumas garantias dos CTT/TLP quanto a encomendas e à actualização dos preços a pagar pelos equipamentos.

De acordo com um comunicado da administração ontem distribuído ao pessoal, este «Plano de Reestruturação da CAEP» depende do estabelecimento, até hoje mesmo, de uma «plataforma mínima de entendimento que permita a sua reestruturação industrial com a inerente modernização tecnológica, salvaguardando assim o maior número possível de postos de trabalho, na certeza porém de que largas centenas já não terão essa possibilidade». A plataforma referida tem a ver com as já aludidas garantias a fornecer pelos CTT/TLP, as quais representariam no decurso dos próximos anos - tantos quantos aqueles que durar a transição das centrais electromecânicas para as digitais - um acréscimo de um milhão e 700 mil contos no volume de vendas da CAEP.

De qualquer modo, com acordo entre a empresa e os CTT/TLP ou sem ele, os representantes dos trabalhadores consideram o plano em questão como «um esquema duvidoso de viabilização da empresa», pois parte do pressuposto do despedimento de cerca de um milhão de pessoas.

Para já, o problema da paralisação que se verificava desde há algum tempo na

fábrica da Quinta da Princesa e do não pagamento do subsídio de férias aos trabalhadores que entraram de licença no princípio do mês foi ontem ultrapassado. Segundo uma informação da administração - que as ORT's afirmam «não ser por coincidência» que foi distribuída no dia em que se realizaram diversos plenários na empresa - foi possível desbloquear 100 mil contos, na noite de terça para quarta-feira, «referentes a um adiantamento dos CTT/TLP por conta de facturação já efectuada». Em relação à Quinta da Princesa, a informação diz que a fábrica estava parada por «falta de meios financeiros» para o aprovisionamento de componentes, mas que foi possível encontrar esses meios «com o apoio de outras unidades do Grupo Centrel», pelo que «a produção será retomada no fim do mês de Agosto».

Assembleia Geral

Entretanto a III Série do Diário da República de hoje publica uma convocatória da Assembleia Geral Extraordinária dos accionistas da Centrel (empresa privada com 21% de capital público) para «deliberar sobre o futuro da sociedade». A assembleia terá lugar no próximo dia 17 e nela será dado conhecimento da resposta dos CTT/TLP nas negociações em curso.



III FESTA DE TEATRO DE ALMADA

PÁTIO DO PRIOR DO CRATO-ALMADA VELHA

8 A 23 JULHO 1986

TERÇA 8	21,45h-GEORGE DANDIN, de Molière. COMP. TEATRO de ALMADA. ENC. Joaquim Benite com Adelaide João, António Assunção, Canto e Castro, Carlos Gonçalves, etc.		
QUARTA 9	18h-BOM DIA PALHAÇO, de Carlos Pinhão COMP. TEATRO DE ALMADA (para a infância)		21,45h-O MORGADO DE FAFE EM LISBOA, de C.C. Branco TEATRO NACIONAL. ENC. Ruy de Matos, com Varela Silva no Protagonista
QUINTA 1	21,45h-CORO DA ACADEMIA DE AMADORES DE MÚSICA, dirigido por Fernando Lopes Graça		
	22,45h-CALAMITY JANE, de Helder Costa BARRACA com Maria do Céu Guerra	SABADO 12	21,45h-UM DIA NA CAPITAL DO IMPÉRIO A BARRACA, ENC. Helder Costa
	21,45h-O GATO MALHADO E A ANDORINHA SINHA, de Jorge Amado TAI-Teatro Amador de Intervenção (Porto), ENC. José Caldas		16h-JOSEPH K, de Kafka GRUPO CÉNICO DE DIREITO. ENC. Alberto Lopes
SEG 14	21,45h-AUTO DA INDIA, de Gil Vicente TEATRO LABORATÓRIO DE FARO. ENC. Isabel Pereira e João Soromenho		
TERÇA 15	21,45h-FARSA DE INÊS PEREIRA, de Gil Vicente. CENTRO CULTURAL DE ÉVORA. ENC. José Peixoto	QUARTA 16	21,45h-COMÉDIA DOS ANFITRÍOES, de Camões TEATRO EXPERIMENTAL DE LEIRIA. ENC. José Valentim Lemos
QUINTA 17	21,45h-A ILHA DOS ESCRAVOS, de Marivaux Grupo BORDA D'AGUA (Chamusca). ENC. Joaquim Benite	SEXTA 18	21,45h-MÁRIO GIN TÓNICO. TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO com Mário Viegas 24h-HAPPENING DE DANÇA MODERNA
SABADO 19	21,45h-D. QUIXOTE, de António José da Silva MARIONETAS DE S. LOURENÇO		17h-CONCERTO DE MÚSICA DE CÂMARA, com Madalena Sá Pessoa, Pimenta de Magalhães, Luis Sá Pessoa e Celeste Amorim
DOMINGO 20	10,30h-CONCERTO BANDA DA A.I.R.F.A. dirigida pelo Maestro Filipe da Conceição 21,45h-COMANDO PARA A MORTE, de A. Sastre. GOIA. ENC. João Barros		15,30h-CONCERTO BANDA DA SOCIEDADE MUSICAL CAPRICHOS SETUBALENSE, dirigida pelo Maestro Ferrer Trindade
SEGUNDA 21	21,45h-CORCUNDA POR AMOR, de A. Garrett TEAR (Porto). ENC. Castro Guedes	TERÇA 22	21,45h-O REI DA VELA, de Oswald de Andrade Grupo da GUILHERME COSSOUL. ENC. Hermínio Fernandes
QUARTA 23	21,45h-D. AFONSO DE HENRIQUES. O BANDO. ENC. João Brites		

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA-GRUPO DE CAMPOLIDE



Caminhos de Ferro Portugueses Informação

PORTO / LISBOA / PARIS

DIAS 14 e 21 DE JULHO

* (Circulações especiais)

— Carruagens — couchettes (sem transbordo em Hendaye)

— Carruagens de 2.ª classe

PORTO	9.56	LISBOA	8.50
ESPINHO	10.26	SANTARÉM	9.36
OVAR	10.38	ENTRONCAMENTO	9.58
ESTARREJA	10.47	FÁTIMA	10.13
AVEIRO	10.59	CAXARIAS	10.28
		ALBERGARIA	10.37
		POMBAL	10.52
		ALFARELOS	11.15
		COIMBRA	11.30
PAMPILHOSA	12.00	SALAMANCA	20.06
MORTÁGUA	12.26	VALLADOLID	22.13
S. COMBADO	12.40	BURGOS	00.14
NELAS	13.14		
MANGUALDE	13.27	HENDAYE	6.14
GOUVEIA	13.43	BAYONNE	6.43
CELORICO	14.12	BORDÉUS	8.56
V.F. NAVES	14.29	ANGOULLEME	10.05
GUARDA	15.02	S. PIERRE CORPS	12.03
CERDEIRA	15.17	PARIS	14.09
V. FORMOSO	16.12		

- * — Condições tarifárias especiais, designadamente para grupos e jovens (BIJ)
- Reserva de lugar gratuita
- Horários que permitem boas ligações para algumas cidades espanholas

Para melhor esclarecimento, consulte as nossas Secções de Informação, as Estações e as Agências de Viagens.



Hoje: pólo aquático na Baixa de Lisboa

Talvez poucos acreditem, por isso o convite aí fica: durante o dia de hoje, na Baixa Lisboaeta, joga-se pólo aquático, numa iniciativa da Seagram Portuguesa (Rocha Neves) que tem o apoio dos nossos colegas «Gazeta dos Desportos» e «O Seculo».

Grças aos Sapadores Bombeiros e ao Corpo Nacional de Escutas (Agrupamento 57), a festa é proporcionada a meninos dos 5 aos 7 anos, tendo esta tarde (16 horas) uma finalíssima que será arbitrada pelo mais «internacional» dos futebolistas portugueses: o benfiquista Nené. Curiosidade: o último jogo deste curioso torneio será disputado entre rapazes e meninas em plena Rua de Santa Justa, defronte das instalações da Lanalco. Uma iniciativa da decoradora Fernanda Martins: a «mulher aranha» que, um dia destes, andou a trepar pelas fachadas dos edifícios do Chiado. E volta (sempre) a ser notícia.

Os almirantes sem esquadra

Neves de Sousa

Ainda mal sacudida a tremenda pressão que dominou o futebol mundial envolvido nas andanças mexicanas e já batem à porta, para distração de outros problemas muito mais importantes, as transferências de «estrelas» e os horizontais campeonatos nacionais, as taças uefeiras e o início da esgrima por um troféu dominante no velho continente, o apuramento para Seul e o mais que, por aglutinação, vem pendurado no calendário de um tempo vertiginosamente disparado.

Por cá, no meio de um túnel onde ninguém pode (com o mínimo de ousadia) adivinhar o termo ou a luz, prossegue o derrame de forças em torno de um caso que deveria ter ficado sepultado à nascença: e onde todos quantos passearam por Saltillo, em pulo escasso ou em salto de longa permanência, ficaram com culpas acorrentadas. Lavar a roupa suja perante um painel de curiosos sempre foi maneira triste de revelar o que vai em cada lar.

Mas, pior que isso, para além de dioxetos do mais soez significado, de ameaças medievais como de gestos de transitória arrogância que não se compadecem com o virar dos anos, assiste-se a uma torrente de choques frontais, cada qual mais eivado de sarcasmo ou de dúbia intenção. E, no entanto, o momento deveria apenas funcionar para reflexão: um arguto e imparcial aquilatar de factos e casos, para modesto disciplinar de orgulhos, tenham a assinatura com que aparecerem. Certo e sabido (a história dos tempos relembra sempre isso) que é difícil morar eternamente entre as colunas do Capitólio e sempre, mas sempre, herói sucedeu a herói. O Povo, que escolhe e define as suas vedetas, não as utiliza tempo infinito, ainda que por acasos do destino possam indelevelmente ficar residindo no seu coração: versátil e flutuante, como mulher volúvel, cada minuto tem preferência diferente, sem se comprazer om os ídolos que vão morando na poeira da estrada. Oxalá isto lembrasse sempre aos que, numa volta do destino, ficam no alto da onda e aí se julgam almirantes sem esquadra.

Modalidades

Ténis: Taça Galea

Os tenistas portugueses Nuno Marques e Cunha e Silva vão discutir hoje com os jogadores israelitas o apuramento zonal da Taça Galea.

Nuno Marques venceu ontem nos «courts» do Estoril, o israelita Naor (6-1, 6-4), enquanto Cunha e Silva perdeu frente a Bloom (6-2, 7-5). Em pares, os portugueses Nuno Marques e Cunha e Silva impuseram-se a Bloom/Naor (6-3, 8-6, 6-4). O México, ao vencer (3-0) o Chipre assegurou a 3.ª posição na competição.

Ténis infantil

Na jornada de ontem do Campeonato de ténis infantil, verificaram-se algumas surpresas. Em infantis (rapazes) registou-se a eliminação de Rodrigo Manzarra por Pedro Patrício, ambos a militarem no Benfica. E no mesmo escalão etário de Infantis (até 14 anos), Nuno Filipe, Clube de Ténis de Guimarães, eliminou Pedro Patrício, tornando-se revelação desta edição da prova. Para hoje, caber-lhe-á defrontar Emanuel Couto, cabeça de série número 2 e um dos principais favoritos à vitória final.

André Mota, que nas duas rondas anteriores apenas tinha perdido um jogo, sentiu dificuldades ontem frente a Nuno Almeida, como os parciais (7-6, 7-5) indicam.

Nas meninas (iniciadas), Mónica Caetano que não era cabeça de série qualificou-se enquanto que em infantis, das oito jogadoras dos quartos de final, apenas uma conseguiu eliminar uma cabeça de série: Sara Santos Silva (Boavista) afastou Sandra Fontes (Vilamoura) por 6-2, 7-6.

Bibliografia desportiva

«Cadernos Setemetros»

Coincidindo com o «I Clinic Setemetros» que contou com o apoio da Associação de Andebol de Lisboa, a revista «Setemetros» acaba de lançar um novo título: «Cadernos Setemetros». Como se pode verificar na «nota prévia», trata-se de uma iniciativa que persegue objectivos idênticos aos da própria revista: permitir, através de textos de qualidade, o enriquecimento do andebol português.

Serão tratados temas actuais, com artigos que pela sua extensão não teriam cabimento na «Setemetros». Neste número são abordados dois assuntos: a Evolução dos sistemas defensi-

vos (por Miguel Roca) e o sistema defensivo 3:2:1 (da Federação Catalã de Andebol, com base em texto do jugoslavo Hasanefendic, treinador da selecção suíça).

«Portugal, turismo, actualidade»

Uma vez mais a revista «Portugal, Turismo, Actualidade» debruçando-se sobre vários recantos do nosso país e abordando temas que muito viajam em torno das atracções que reunimos para cativar «consumidor» de qualquer gosto. Da Madeira aos Açores, é um vasto convite que se oferece. E o desporto, numa viagem pelo «mundial» do México é também

notícia na publicação que tem responsabilidade directa de Albérico Cardoso, Rui Freitas, Margarida Moreira e Gabriela Fernandes.

— Máximos —

Ciclismo: recorde

A União Soviética bateu o recorde mundial por equipas na prova de perseguição em ciclismo, com quatro minutos 12.830 segundos. A equipa soviética foi constituída por Vyacheslav Yekimov, Sergei Khmelin, Alexander Krasnov e Vasily Shpundov. O anterior máximo mundial de 4.14,264 estava igualmente na posse da União Soviética, desde 1984.



10 anos por Abril - confiança e luta



AVISO AO PÚBLICO

Por motivos da atitude da Sr.ª Ministra da Saúde em recusar-se sistematicamente ao diálogo com os trabalhadores e seus representantes, os trabalhadores da Saúde **viram-se obrigados a adoptar formas de luta**

- Vigília frente ao Ministério da Saúde na semana de 7 a 11 de Julho no período das 11 às 18 h.
- Plenário geral de trabalhadores, dia 15 de Julho na sala de conferências do Hospital da Estefânia.
- Nova greve na 2.ª quinzena de Julho (data a anunciar)

Apelamos à compreensão e boa vontade da população em geral e dos utentes em particular, pelas **consequências derivadas das formas de luta. Aquelas são da inteira responsabilidade da Ministra da Saúde e do Primeiro Ministro** ao tomar idêntica atitude de silêncio e recusa ao diálogo.

Lisboa, 27 Junho 1986

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores



Serviços Municipalizados

da

Câmara Municipal do Barreiro

AVISO

MOTORISTAS PARA TRANSPORTES COLECTIVOS

Estão abertas inscrições para admissão de motoristas para os transportes colectivos — agente único, para os serviços municipalizados.

EXIGE-SE:

- Idade não superior a 35 anos
- Carta profissional com averbamento de serviços públicos
- Capacidade física e psíquica para adaptação à função;

OFERECE-SE:

- Vencimento equivalente à Letra «M» da Função Pública — 33 700\$00;
- Subsídio de almoço de 220\$00/dia e demais regalias em uso na Função Pública.

As inscrições devem ser feitas na divisão de recursos humanos, nestes serviços municipalizados, na Rua José Magro, N.º 2-A, e manter-se-ão abertas pelo prazo de 20 dias a partir da data da publicação deste anúncio.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, aos 4 de Julho de 1986.

O Presidente do Conselho de Administração (Júlio Guilherme Lopes Freire)

informação

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO



Caminhos de Ferro Portugueses - E. P.

12/86

Aviso ao Público CONCURSO

Até às 17 horas do dia 5 de Agosto de 1986, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão no apeadeiro de Barcarena.

A anuidade mínima a oferecer é de 80 000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da CP, a quantia de 13 400\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Cacém
- Barcarena
- Região Suburbana de Lisboa
- LISBOA (Rossio)
- Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

“Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão no apeadeiro de Barcarena.”



Futebol de salão: nova coqueluche



Afinar a pontaria: cuidado da GNR

GNR faz desporto: futebol em salão

A Guarda Nacional Republicana promoveu campeonatos de futebol de salão e de tiro. O torneio de futebolistas processou-se no pavilhão do Clube Atlético Campo de Ourique (Lisboa) e compreendeu 16 jogos entre formações do 1.º e 2.º escalão etário: os triunfos pertenceram ao Batalhão n.º 4

(1.º escalão) e Batalhão n.º 3 (escalão 2). Por seu lado, o campeonato de tiro decorreu na Base Aérea da Ota. Os melhores em pistola: 1.º Batalhão n.º 4; 2.º Regimento de Cavalaria e 3.º Batalhão n.º 1; espingarda: 1.º Brigada de Trânsito; 2.º Batalhão n.º 4 e 3.º Batalhão n.º 3.



Lisboa e Algarve mais próximos

Mais dois comboios directos Diários!

A CP oferece-lhe agora mais e melhores serviços diários entre Lisboa e o Algarve. Trata-se de 2 comboios directos com reserva de lugar, ao mesmo preço dos comboios normais, e mais rápidos do que estes 40 minutos.

Consulte as Secções de Informações ou o seu Agente de Viagens

Dê um mergulho no Algarve Ou venha almoçar a Lisboa De comboio, claro.



Comboio, a opção dinâmica

Manos Castro na Europa

Domingos Castro (Sporting) ao vencer a prova de 10 mil metros e o seu irmão Dionísio (igualmente dos «leões») ao ficar em 3.º lugar na competição disputada durante os «Goodwill Games» (em Moscovo) conseguiram os mínimos para o campeonato europeu de atletismo. Domingos Castro ganhou com 28.11,21 minutos, enquanto Dionísio Castro percorreu os 10 quilómetros em 28.12,04. O norte-americano Gerard Donakowski terminou em 2.º lugar, com 28.11,87.

O mínimo de qualificação para a prova de 10.000 no «euro-peu» é de 28.20,00.

Entretanto, o atleta canadiano Ben Johnson, ao vencer a prova de 100 metros com 9.95 segundos, ficou apenas a dois centésimos de segundo do recorde mundial.

Johnson alcançou a segunda melhor marca mundial de todos os tempos, continuando o norte-americano Calvin Smith a ser o recordista do mundo com 9.93 segundos, marca obtida há três anos, em Colorado Springs.

Ontem, em Moscovo, o norte-americano Carl Lewis ficou em 3.º lugar com 10.06, atrás do nigeriano Chidi Imot (10.4).

Disco: nacional

Por cá o sportinguista Paulo Santos melhorou o seu recorde nacional do lançamento do disco, com 51.80 metros, durante o «Grande Prémio da Associação de Atletismo de Lisboa» disputado no Estádio de Alvalade. Paulo Santos progredir dois centímetros em relação ao seu anterior máximo.

Microscópio

Hóquei em patins: nacional

Hoje, (21 e 30), no Pavilhão da Luz, a turma do FC Porto e o Benfica realizam a 2.ª mão da final do campeonato nacional de hóquei patinado. Aos «dragões» (que venceram na «mão» inicial 10-4) bastará um empate para logrem o título. Se perderem, terá de realizar-se um encontro decisivo.

Para o apuramento do 3.º classificado efectua-se, também hoje, às 21 e 30, em S. João da Madeira, o Sanjoanense-Sporting, respeitante à segunda «mão». Em Alvalade, os sanjoanenses venceram por 6-5.

Europeu de patins

Um total de 42 atletas nacionais e estrangeiros participam no campeonato europeu de jovens em corridas de patins, que decorre sábado e domingo próximos, na ilha açoriana do Pico. Trata-se da 7.ª edição do campeonato europeu de corridas em patins.

que conta com a participação das selecções masculinas e femininas da Alemanha Federal, Espanha, França, Itália, Grã-Bretanha e Portugal. Nas provas, que se realizam na Vila da Madalena do Pico, não participa nenhum atleta açoriano integrado na selecção nacional.

Luís Santos:

«mestre internacional»

O xadrezista Luís Santos, que regressou a Lisboa após ter participado no «Torneio Aberto de Andorra», obteve na prova a 3.ª norma de «mestre internacional», que lhe concede este título com carácter vitalício.

Basquetebol: Mundial

A Jugoslávia venceu a Argentina (87-68), em jogo do grupo D da fase prévia do campeonato do Mundo de basquetebol, realizado em Santa Cruz de Tenerife, na Espanha.

Para a mesma prova, a China derrotou a Costa do Marfim (84-72) em partida do grupo C, que teve lugar em Málaga. Em

Ferrol, para o grupo B, Cuba triunfou sobre Angola (81-53). O Brasil bateu a Grécia (115-95) num encontro do grupo A, efectuou em Saragoça.

Todos estes jogos se integram na 5.ª jornada da fase prévia do Mundial de basquetebol masculino, a decorrer em Espanha.

Andebol:

«Clinic Setemetros»

Constituiu um êxito o «I Clinic Setemetros», realizado com o apoio da Associação de Andebol de Lisboa, que decorreu na Escola Náutica, em Paço de Arcos. A capacidade de comunicação e a profundidade de análise de Miguel Roca foram as características fundamentais que prenderam a atenção dos 55 inscritos. Realce para as sessões demonstrativas, que tiveram a colaboração entusiasta da selecção regional de juniores e permitiram a abertura de alguns caminhos muito interessantes, no que toca ao trabalho individualizado com jovens promessas.

Acácio desce no «Tour»

Acácio da Silva, apesar de ter hoje terminado a 6.ª etapa da Volta à França na 25.ª posição, desceu três lugares na classificação geral. O português está agora em 104.º lugar a 5m 54 s do «camisola amarela», o holandês Johan Van Der Velde.

O italiano Guido Bontempi ganhou ao «sprint» a tirada disputada entre Evreux e Cherbourg, na distância de 200 quilómetros, no tempo de 4h 47m 01s à média de 41.809 km/hora.

Acácio da Silva gastou mais 56 segundos que o vencedor da etapa.

Classificação geral após a 6.ª tirada: 1 — Johan Van Der Velde (Holanda) 23 h 49m 47 s; 2 — Dominique Gaigne (França) a 36 segundos; 3 — Guido Bontempi (Itália) a 37s; 4 — Thierry Marie (França) a 42s; 5 — Charles Mottet (França) a 45s; 6 — Laurent Fignon (França) a 49s; 7 — Joel Pelier (França) a 56s; 8 — Yvon Madiot (França) a 1.02 minutos; 9 — Eric Boyer (França) a 1.05 e 10 — Eric Maechler (Suíça) a 1.28.

Hoje, disputa-se a 7.ª etapa entre Cherbourg e Saint Hilaire du Harcourt, com 201 km, cinco contagens para o Prémio da Montanha e cinco metas volantes.

Merckx «aposta» em Hinault

Eddy Merckx, «lenda» do ciclismo, que venceu por cinco vezes a difícil «Volta à França», prevê que Bernard Hinault pode bater o seu recorde, antes de se retirar este ano.

CALÇADO ORTOPÉDICO DESCONTAMOS O IVA

EXECUÇÃO DE TODO O RECEITUÁRIO ORTOPEDIA AO CHIADO

LISBOA — RUA NOVA DA TRINDADE — 6-A

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA 1.º JUÍZO ARREMATACÃO 1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 22 de Julho de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Bramcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados, penhorados a EDITORIAL ASTER, Lda., com sede no L.º D. Estefânia, 8-1.º esq.º Lisboa, no proc.º executivo n.º 120/77.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao arrendamento e trespasse do 1.º esq.º do prédio sito no Largo D. Estefânia, n.º 8 — Lisboa, sendo paga a renda mensal de 12 850\$00, a que se atribui o valor de 600 000\$00.

Verba n.º 2 — Uma máquina fotocopadora marca NASHUA em bom estado, a que se atribui o valor de 200 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 7 de Julho de 1986

O Juiz de Direito (João Cordeiro Dias)

O Escrivão José Henriques

«DL» — 10/7/86 — 1.ª Pub.

ANÚNCIO

Falência de EUROCAMPO-INDÚSTRIA DE MADEIRAS E CASAS PRÉ-FABRICADAS, LDA. de Cantanhede.

Tribunal de Cantanhede — 1.ª secção Proc. n.º 33/83

VENDE-SE

Terreno com cerca de 14 000 m² que foi eucaliptal sito em Ponte de Vagos, da freguesia de Cantanhede, inscrito na matriz predial rústica da mesma freguesia sob o art.º n.º 8506.

As propostas deverão ser apresentadas ao Administrador da Massa Falida — Adérito Cortesão Beato, solicitador com escritório na Vila de Cantanhede — até ao dia 21 de Julho de 1986, e serão abertas no Tribunal Judicial de Cantanhede, na presença do Exmo. Síndico e na do Exmo. Procurador do Circuito Judicial, no dia 22 do mesmo mês e ano, pelas 10.30 horas — artigos 390.º e 893.º do Código do Processo Civil.

Reserva-se o direito de adjudicação se o preço não convier.

O Administrador da Massa Falida, a) Adérito Cortesão Beato

«D.L.» 10/7/86 — 1.ª Pub.

Sporting: momento de indefinição no futebol

No funteol sportinguista vive-se um momento particularmente incandescente: o técnico Manuel José exprime (para quem o quer ouvir) que não lhe estão a ser dadas as condições básicas para formar uma equipa que reúna qualidade para se bater já nos compromissos que estão planeados para antes do campeonato nacional.

Até agora, apresentaram-se em Alvalade os seguintes futebolistas: Damas, Gabriel, Morato, Oceano, Fernando Mendes, Sérgio, Venâncio, Mário Jorge, Carlos Xavier, Duílio, Litos, Manuel Fernandes, Jordão, Virgílio, Meade, Jaime Pacheco, Forbs, Lima e juniores promovidos (Nelson Reis, Rui Correia e José Carlos). Todavia, o centrocampista Jaime Pacheco está a poucos dias de completar o seu contrato e ainda não firmou qualquer compromisso para continuar em Alvalade. Por seu lado, Sousa não remete novas nem mandados: apenas informou que, não abdicando do seu anual mês de férias, logo verá o que deve fazer com vista a um futuro que (perante o Sporting) também ainda se mantém bastante indeciso.

Reforços? Ainda não surgiram: nem Zinho (Braga) nem Vital (Portimonense). Contudo, estiveram presentes em Alvalade futebolistas que andam na boca dos «leões» como possíveis dispensas: Jordão e Carlos

Xavier (por exemplo), tais como Forbs e Sérgio (que consta viajarem para o Portimonense), Lima (indicado para o Farense) e Eugénio (que esteve rodando no Recreio de Águeda).

A Direcção mantém uma estranha apatia: nada fez ainda para apetrechar a equipa!, lamenta-se Manuel José, que não parece muito disposto a arriscar o nome no prolongamento de um contrato sem ter ao dispor um «plantel» que jogue para todos os títulos.

Benfica organiza-se

O Benfica vai arrumando a casa: depois de contratar Dito (Braga), Edmundo (Vitória de Setúbal) e o brasileiro Chiquinho (Botafogo) espera-se a todo o momento a última decisão de Manniche, o dinamarquês que parece preferir o amadorismo na sua terra que o bem remunerado profissionalismo por estas terras.

Mas, na Luz, já muita gente trabalha: ao lado do reforço Tueba (Zaire) e enquanto os «mundialistas» cumprem o derradeiro período de férias (Bento, Diamantino, Carlos Manuel, Oliveira e Rui Águas) outros colegas começaram as inspeções médicas: César Brito, Bastos Lopes, Vando, Samuel, Rui Pedro, Veloso, Neno, José Luís, Nunes, Pietra e Shéu. Mas há saídas: Delgado, Vítor Duarte e Carlos Pereira vão para o Farense onde se lhes deve reunir Padinha. Carlos Ribeiro parece firme no Belenenses. E, no rol das dúvidas, está um pequeno monte de figuras: Elísio, Albuquerque, Navalho, Pedro Miguel, Pita, Neto, Rui Lopes e Paulo Renato.

Porto: Novidades

Com a turma já treinando, algumas notícias do que se passa no FC Porto: os brasileiros Celso e Elói (que ainda não regressaram às Antas) têm um «presente» à espera:



Chiquinho: do Botafogo para o Benfica

ou muitas no valor de 500 contos ou bilhetes de regresso a casa.

Por seu turno, enquanto Bobó e Paulo Ricardo acertaram as últimas condições para irem representar o Marítimo, começa a ser difícil a transferência (mesmo por cedência temporária) de Celestino e Paquito: eles querem (mesmo) completar os contratos com o grémio dos «dragões», que receberá amanhã o reforço de Kabongo, um «internacional» zairense. E, enquanto prosseguem as obras no Estádio das Antas, os «azuis e brancos» treinam (graciosamente) no Parque da Maia.

Guimarães

Dado que os técnicos contratados no Brasil (Marinho Peres e um adjunto) e diversos jogadores (Cascavel, Roldão e novas aquisições) ainda se encontram pelo Rio de Janeiro, os treinos do Vitória de Guimarães só principiarão na 2.ª feira.

Chaves: firme

Chaves também já se atirou ao trabalho: e o treinador Raul Águas não perde o ensejo para desabafar:

— Dentro de uma «guerra» temos muitas batalhas para

vencer. E a dos árbitros não é a mais pequena.

Comentando acremente o modo como, de ano para ano, mais se vai aprimorando o denominado «sorteio dos jogos» pela vontade dos maioraes, Raul Águas conta quem saiu do Desportivo de Chaves: António Borges e Carvalhal (para o Sporting de Braga), Amândio (Sporting de Espinho), Pio (Penafiel), Alfredo (Fafe), Paulo Rocha (Beira-Mar), Areias (Vila Real) e Sidney (que voltou ao pátrio lar brasileiro). Contratações: Chico (Cachão), Garrido (Gil Vicente), Edgar e Gilberto (Salgueiros), Jorginho (Felgueiras), Luís Saura (Portimonense), David (Sporting de Espinho), Lacota (Vieira do Minho) e Fontes (Sporting de Braga). Mais: promoção do júnior Toni (guarda-redes) e esperança na vinda de Barroso, que tem estado nos EUA.

Juvenis: fase final

O Marítimo venceu o Futebol Clube do Porto, por 2-1, em jogo da fase final do campeonato nacional de juvenis. O encontro teve lugar no Campo da Imaculada Conceição, no Funchal.

Woodcock no Colónia

Tony Woodcock assinou um contrato por duas épocas com a equipa do Colónia. Woodcock (30 anos), ex-Arsenal, é o segundo estrangeiro contratado esta época pelo Colónia, depois do dinamarquês Morten Olsen ter trocado o Anderlecht (Bélgica) por aquele clube alemão-federal. Os dirigentes do Colónia procuram ainda um jogador para a ala esquerda, para substituir Littbarski, que se transferiu para o futebol francês.

São Paulo

O Palmeiras e o Santos empataram (1-1) no encontro correspondente à 9.ª jornada da 2.ª «mão» do campeonato



Jaime Pacheco: pelo sim, pelo não, vamos lá à inspecção



Alvalade: perante a Imprensa, o técnico Manuel José desbafa a meio tom

de futebol de São Paulo. Outros resultados: Paulista-Corinthians, 2-1; Guarani-São Paulo, 1-1; Santo André-São Bento, 0-0; XV Jau-Portuguesa, 0-1; América-Ponte Preta, 0-0; Comercial-XV Piracicaba, 0-0; Ferroviária-Botafogo, 3-0; Mogimirim-Internacional, 0-0 e Juventus-Novorizontino, 3-2.

Classificação da 2.ª «mão»:

1.º, Internacional, 11 pontos; 2.º, América, 11; 3.º, Santo André, 10; 4.º, Ferroviária, 10; 5.º, Juventus, 10; 6.º, Pal-

meiras, 9; 7.º, Mogimirim, 9; 8.º, XV Jau, 8; 9.º, Santos, 8; 10.º, Portuguesa, 8; 11.º, Novorizontino, 7; 12.º, Corinthians, 7; 13.º, Botafogo, 7; 14.º, XV Piracicaba, 7; 15.º, Guarani, 7; 16.º, São Paulo, 7; 17.º, São Bento, 7; 18.º, Comercial, 6; 19.º, Ponte Preta, 6; 20.º, Paulista, 6. O Santos, que venceu a 1.ª «mão», encontra-se classificado para o torneio que decidirá o título deste ano, no qual participará o vencedor da 2.ª «mão» e as suas equipas que somem mais pontos no total.



Tueba: do Zaire para a Luz, talvez com cedência ao Vitória de Setúbal

assim vai o **totobola**

Diário de Lisboa, 111 X2X XX1 X1XX; A Voz do Domingo, 111 111 11X 111; Reconquista, 111 111 121 X112; Penalty, 111 111 1X1 X121; O Algarve, 111 2X1 X22 1121; Jornal de Sintra, 1X2 112 111 1121; Linhas de Elvas, 11X X12 X11 112X; O Jornal de Amarante, 111 111 121 1121; Defesa de Espinho, 112 112 111 1121; Jornal da Beira, 111 111 1x1 11X2; Correio do Vouga, 111 111 111 1121; Correio de Coimbra, 11X X11 111 1111; Eu Sei Tudo, 112 111 111 1X12; Folha do Domingo, 1X1 111 2X1 1111; Clube da Manhã, X11 2X1 112 1111; O Diário, 111 X22 22X 1112; Jornal do Sul, 111 2X1 XX1 1121; Notícias de Viseu, 11X

X11 111 11X2; Diário de Viseu, X11 111 11X 1122; A Defesa, 11X 122 1X1 1X21; No Estúdio e no Estádio, 1X2 1X1 1XX 1122; Maria da Fonte, 111 111 2X1 11X1; Gazeta de Felgueiras, 11X 111 212 1122; Litoral, 111 XX2 X12 1111; Voz de Lamego, 112 111 X12 11X1; Notícias de Felgueiras, 11X X21 X22 11XX; O Jornal de Felgueiras, 11X X21 1X1 11X1; Notícias de Guimarães, 2XX X11 X11 X122; Notícias do Douro, 1XX 112 111 X1X1; Gazeta das Caldas, 111 11X X21 11XX; O Jornal da Lixa, 11X 111 211 112X; Notícias de Gouveia, 11X 121 211 111; O Mensageiro, 1X1 XX2 111 X222; Ecos de Cacia, 11X 11X 12X. 1111; Rádio Totobola,

1X1 212 11X 1X1X; Voz do Ave, 111 11X 1X1 1111; Rádio Sports, 11X 1XX 111 1122; A Arte de Bem Madrugar, 11X X21 11X 1112; O Comércio de Leixões, 111 1X2 X11 11XX; De Tudo Um Pouco, 111 1XX 1X1 11X2; Jornal de Gaia, 11X 211 211 X122; Jornal da Graça, 11X 1XX 2X1 12X1; O Primeiro de Janeiro, 111 1X1 111 21X1; Quadrante Norte, 11X 2X1 11X 2221; Repórter do Dia, 112 X1X 112 1212; Resenha Desportiva, 111 11X XX1 1121; Alvo Desportivo, 111 111 XX1 2111; Alvo, 111 111 X21 X121; Alvo Suplemento, 1XX 222 12X 1XX1; A Voz dos Ridículos, 112 X22 111 2122; Rádio Placard, 111 1X1 211 11X1; Estúdio 64, 111 11X X11 11XX.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 28 DE 13 DE JULHO DE 1986

	R E S U M O			B O L A S (º)		
	1	X	2	1	X	2
1. Dusseldorf-Nimega	49	2	1	10	1	1
2. St. Liège-Lausana	44	8	0	10	2	1
3. B. Uerdingen-U. Berlim	27	18	7	6	4	2
4. Videoton-Gornik	32	13	7	7	3	2
5. Erfurt-Witoscha	30	13	9	7	3	2
6. Hannover-Young Boys	30	10	12	7	2	3
7. Admira Viena-Grasshopper	29	14	9	7	3	2
8. Aarhus-Ujpesti	29	14	9	7	3	2
9. St. Gallen-Brondby	36	9	7	8	2	2
10. Magdeburgo-W. Lodz	39	8	5	9	2	1
11. Gotemburgo-Serdez Sofia	44	4	4	10	1	1
12. Vitkovice-Zurique	15	16	21	3	4	5
13. Lucerna-Ferencváros	28	8	16	6	2	4

a) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será:
111 111 111 1121

Ginásio Clube Português: o belo retorno à natação

É autenticamente imparável, essa prestigiosa colectividade que se chama Ginásio Clube Português e, detentora dos troféus olímpicos «Fearnley» e «Taça Olímpica» (atribuídos pelo Comité Internacional Olímpico, respectivamente em 1951 e 1980) prossegue uma senda de realizações que são verdadeiro orgulho para todo o desporto português.

Agora mesmo concretizou-se uma promessa da direcção comandada por António Pinto Tibúrcio: o regresso do Ginásio Clube Português à natação, modalidade de que estava afastado, após largas dezenas de anos a prestar-lhe um serviço de toda a dignidade.

A festa processou-se na Galeria Principal da Piscina do Areeiro, durante um «Porto de honra» em que o emblema das estrelinhas se reuniu com representantes dos órgãos de Comunicação Social, sempre a seu lado nos momentos decisivos do Ginásio Clube Português. E, recordou-se história bem bonita: a abertura (em 1905) da primeira escola de natação fundada por um clube e, um ano

depois, a organização da «Meia Milha do Mar». O prémio foi uma taça oferecida pelo rei D. Carlos: quem a recebeu? Um português ilustre, universalmente conhecido: Gago Coutinho (associado do GCP) foi o triunfador na prova.

Em 1907 (relembrou-se) o Ginásio Clube levou a cabo a 1.ª «Travessia do Tejo», a nado. E foram muitas mais realizações até que, há cerca de cinco dezenas de anos, o símbolo ginásista travou a presença nessa disciplina desportiva que ressurge agora, muito especialmente devido à persistência do eng.º Eduardo Manaças, prontamente enquadrado por todos os responsáveis do GCP: e, na piscina do Areeiro, 75 associados do clube deram as braçadas de reencontro com o passado, abrindo percurso a perto de 200 inscritos nas aulas de natação.

Registraram-se palavras de muita saudeira por parte de Crisóstomo Teixeira (evocando as aulas em Pedrouços, porque só o Sport Algés e Dafundo possuía piscina e as outras colectividades tinham de ensinar os seus alunos nas águas do

Tejo. Era o tempo da ligação Trafaria-Pedrouços: no Tejo, praticava-se (mesmo) a natação.

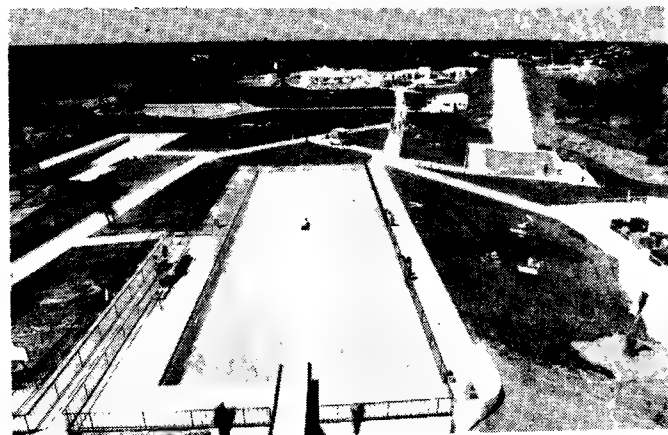
António Pinto Tibúrcio, presidente da direcção do Ginásio Clube Português, falou para o nosso jornal:

— A abertura desta escola, aqui, no Areeiro, deve-se, em grande parte, ao eng.º Eduardo Manaças (um antigo nadador, agora responsável pelas aulas a continuadores). O lema principal não será criar campeões: eles despontam por si próprios. Talvez a principal dificuldade do Ginásio Clube, neste capítulo da volta à natação, seja a contratação de excelentes professores, até por que temos a grande preocupação de, ensinando, procurarmos favorecer períodos de convívio entre todos os associados. Mas todas as dificuldades serão vencidas.

Mais individualidades usaram da palavra: o comandante Vicente de Moura (presidente da Federação Portuguesa de Natação), em comovida saudação ao GCP e em citação ao apoio

recebido da Câmara Municipal de Lisboa que, com a cedência das piscinas, mostra compreender modelarmente qual a tarefa de que é responsável perante a população. Pela edilidade lisboeta, falou o eng.º Sande Freitas: e no ar ficou a certeza de que o Pelouro de Turismo e Desporto da CML (dirigido pelo vereador, dr. Vítor Gonçalves) tem ideias firmes sobre a obra que se impõe realizar, para revigorar sectores que estavam cercados nos seus voos.

Merecem citação, neste recorte da festa ginásista, as presenças, no acto de regresso à natação, de outros amigos do clube da antiga Praça das Águas Livres, hoje justamente «baptizada» com o nome da instituição de utilidade pública fundada em 1875: José Afonso Paula (presidente da Associação de Nataçao de Lisboa), os responsáveis pela piscina do Areeiro (José Dias e João Matias) e diversos monitores que, em conjugação com Eduardo Manaças, vão contribuir para alargar o vasto leque de actividades de uma colectividade que merece o maior respeito de todos os portugueses.



Um convite aos mais crescidos



Especialmente para a garotada

Piscinas para todos: um convite algarvio

Só visto: o melhor parque aquático da Europa e um dos maiores do Mundo situa-se em território português. É o «Big One» e localiza-se no Algarve, entre Porches e Alcantarilha, na estrada que liga Faro a Lagos.

Empreendimento inédito por estas bandas é o resultado do trabalho e do sonho de um português (Daniel do Adro) que conseguiu reunir outras boas vontades em seu redor: agora, uma enorme variedade de «escorregas» e brincadeiras aquáticas enquadra piscinas sensacionais onde (certamente) vão nascer muitos campeões, a prolongarem Mário Simas e Guilherme Patrone, Franco do Vale e Rui Abreu, Yokochi e Lilliana, vultos que foram marcando épocas e etapas de uma das modalidades desportivas universalmente classificadas na fila cimeira da apreciação e do apelo.

Pois, amigos, «The Big One» é também um festival para o olhar. Num país que traçou caminhos ao mundo saltando as águas, anos a fio deficitário em matéria de apetrechamento para a juventude poder aprender a nadar, é gostoso verificar que, para além de qualquer apoio governamental, a iniciativa privada oferece ensino para a nossa meninada se tornar mais sã e esportiva. E há, nesta realização algarvia, um implícito convite aos pequeninos para aprenderem a mergulhar: bonecos gigantes, pneus, labirintos, um sem número de brincadeiras vão conduzindo os petizes até à total perda de receio perante as águas. Daí à conquista de campeões será apenas um passo, até porque (ao dispor dos mais crescidos) o «Big one» coloca outra torrente de imãs e atractivos: viagem em «escorregas» circulares ou passeio no rasteiro tapete que vai ao sabor dos mo-



Já podemos treinar para os Jogos Olímpicos

vimentos da água. Mas, se depois de umas horas de brincadeira ainda existirem algumas forças, aí está o pulo (a 14 metros de altura) de um carro para outra piscina ou o lento desfile nas «pistas brandas», onde se pode viajar como melhor apetecer, até ao apetitoso mergulho. Com efeito, sem procuração nem qualquer obrigatoriedade de louvor, é caso para dizer que os jornalistas convidados para a visita ao «The Big One» ficaram perfeitamente siderados: piscinas para todos, ao belo sol algarvio, são um convite a quem procurar, água e sol, pelo relógio da modernidade. Depois de uns testes à aptidão natatória, resta o caminho para um trono de campeão: bronzado, como é da praxe.

N. de S.

EXT. (S) SÉNECA-S.GAMA

Av. Almirante Reis, 73 e 106 — Tel. 520092 e 822776

CICLO — UNIFICADO — GERAL E COMPLEMENTAR — 12.º ANO — INFORMÁTICA

ALMEIDA & GONÇALVES, LDA.

Certifico que, por escritura de 23 de Março de 1980, lavrada de fl. 8 a fl. 9 v.º do livro n.º 662 das notas do 4.º cartório notarial de Lisboa, a cargo do notário bacharel António Augusto Jorge Marçal, Alfredo da Almeida, da quota de 10 000\$ que possuía na sociedade por quotas de responsabilidade limitada, com sede nesta cidade, sob a firma Almeida & Gonçalves, Lda, cedeu a Raul Coelho da Fonseca uma parte igual a 5000\$ e cedeu a José Maria Ramos de Almeida Ferreira a restante parte da mesma quota, de igual importância, e Manuel Fernandes Gonçalves cedeu a António Maria Ramos uma parte da sua também declarada quota de 10 000\$ que possuía na indicada sociedade, igual a 5000\$, e reservou para si a restante parte, de igual valor, ambos renunciaram à gerência, deixando o cedente Alfredo de Almeida de ser sócio da referida sociedade, mas autorizando que o seu nome continue figurando na sociedade e esta, portanto, a girar sob a mesma firma.

Que, em virtude das cessões efectuadas, Manuel Fernandes Gonçalves, Raul Coelho da Fonseca, António Maria Ramos e José Maria Ramos de Almeida Ferreira ficaram sendo os únicos sócios da referida sociedade Almeida & Gonçalves, Lda, ficando Raul Coelho da Fonseca, António Maria Ramos e José Maria Ramos de Almeida Ferreira nomeados gerentes, sendo sempre necessária a intervenção e assinatura de dois gerentes para obrigar a sociedade em todos os actos e contratos de responsabilidade. Está conforme ao original.

Lisboa, 15 de Junho de 1981

O Terceiro-Ajudante do Cartório,
José Leal de Jesus Coutinho

"DL." 10/7/1986

TRIBUNAL JUDICIAL DA
COMARCA DE S. JOÃO
DA MADEIRA

ANÚNCIO

FAZ SABER que na Acção Sumária n.º 2106/85 pendente na 2.ª secção do 1.º Juízo desta comarca, em que é Autora BULHOSAS (IRMAO) Lda, Sociedade Comercial por quotas com sede em S. João da Madeira e R. RENATA — SOCIEDADE INDUSTRIAL E COMERCIAL DE VESTUÁRIO, Lda, com última sede conhecida na Quinta da Galega — Paio Pires — Seixal na pessoa do seu legal representante, é esta Ré CITADA para no prazo de DEZ DIAS fôr a dilatação de TRINTA DIAS, contado a partir da segunda e última publicação do anúncio, CONTESTAR, querendo, a Acção Sumária acima indicada, sob pena de não o fazendo ser condenada no pedido.

O pedido feito pela Autora, consiste no pagamento a esta, por parte da Ré da quantia de 196.829\$00, juros, custas e demais encargos.

O duplicado da petição inicial, encontra-se patente nesta secção à ordem da citanda, a fim de lhe ser entregue quando solicitado.

S. João da Madeira 2 de Julho de 1986

O Juiz de Direito
SERAFIM ANTÓNIO GOMES
ALEXANDRE

A Escrivã Adjunta
MARIA DA CONCEIÇÃO FERREIRA
DA SILVA

"DL." 10/7/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO
DE 1.ª INSTÂNCIA
DE LISBOA
1.º JUÍZO

ARREMATACÃO
1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 21 de Julho de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a SOCIEDADE MONTAGEM ESTUDOS TÉCNICOS, Lda, com sede na Rua da Moeda, n.º 1-1.º D.º em Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 349/77.

BENS PENHORADOS

Verba única — O direito ao arrendamento e trespasse do 1.º andar direito, sala 3 do prédio sito na Rua da Moeda, n.º 1 em Lisboa, composto de uma divisão ampla e casa de banho, pagando a renda mensal de 1643\$00 a que foi atribuído o valor presumível de 1 000 000\$00 (um milhão de escudos) e o respectivo recheio, composto por cinco cadeiras, cinco secretários e quatro estantes em mau estado a que se atribui o valor de 1500\$00 (mil e quinhentos escudos) e ainda uma máquina de escrever Olivetti Linea 88, fabrico inglês não portátil, em razoável estado de conservação e funcionamento a que se atribui o valor presumível de 1500\$00 (mil e quinhentos escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 7 de Julho de 1986

O Juiz de Direito
(João Cordeiro)

O Liq. Trib.
(F. Lopes)

"DL." — 10/7/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO
DE 1.ª INSTÂNCIA
DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATACÃO
1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 22 de Julho de 1986, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a AUTO ACESSÓRIOS DO LARGO DA GRAÇA DE DÁRIO FERREIRA E CARVALHO, Lda, com sede no L.º da Graça, 74 — Lisboa, no proc.º executivo n.º 2050/83 e Ap.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao trespasse e arrendamento do estabelecimento sito no L.º da Graça n.º 74-Lisboa, composto de 3 div. e casa de banho, sendo paga a renda de 15 614\$00, a que se atribui o valor de 1 500 000\$00.

Verba n.º 2 — Vinte e dois conjuntos de prateleiras Handy cada um c/oitos divisões, no valor de 10 000\$00.

Verba n.º 3 — Três corpos grandes de vitrines em alumínio c/vidros de correr a que se atribui o valor de 7500\$00.

Verba n.º 4 — Dois balcões expositores metálicos com tampos em madeira, no valor de 5000\$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 7 de Julho de 1986

O Juiz de Direito
(João Cordeiro Dias)

O Escrivão
José Henriques

"DL." — 10/7/86 — 1.ª Pub.

Morte com gin-tónico

Carlos Porto

A BIRRA DO MORTO, de Vicente Sanches. **Dramaturgia, Encenação, Cenografia:** Mário Viegas. **Assistente:** José Moreira. **Interpretação:** Alberto Mutchanga, Augusta Pereira, Emília Silvestre, Fernanda Gonçalves, Fernando Sá, José Bessa, José Moreira, Laura Perry, Manuel Maya, Mário Sancho, Rosa Barbosa, Rufino F. **Teatro Experimental do Porto.** Estreia: 25-4-1986 (21-5-1986, FITEI).

MÁRIO GIN-TÓNICO, de Mário Henrique-Leiria. **Interpretação:** Mário Viegas. **Teatro Experimental do Porto.** Estreia: 17-5-1986 (FITEI).

Foram duas as prestações do TEP para o FITEI/86. Ambas foram uma prova segura de que a recuperação do grupo portuense, graças sobretudo à presença de Mário Viegas, é um facto (irreversível? essa a dúvida).

Dois espectáculos com os seus valores próprios mas cada um deles com a marca de um homem de teatro a sério mesmo quando parece brincar.

«A Birra do Morto» é uma peça com sorte. É que até para se ser peça de teatro é preciso sorte porque também aí a desigualdade impera.

De facto, peças há potencialmente fortes que permanecem no limbo das obras invisíveis enquanto outras, mais débeis, despertam a gula dos encenadores gulosos. «A Birra do Morto», de Vicente Sanches pertence a este número. Permitted o Orlando Neves um trabalho de encenação bastante criativo quando da sua apresentação no ciclo «Autores de Gaveta», na Sala Experimental do Teatro Nacional do Teatro Nacional D. Maria II («DL» 17-8-84).

Desta vez foi Mário Viegas quem se deixou tentar utilizando o texto para produzir um outro espectáculo interessante, embora numa linha bastante diferente. Talvez, ao fim e ao cabo, a peça de Vicente Sanches merecesse a dupla oportunidade que lhe proporcionaram não por se tratar de um grande texto teatral, que de facto não é, mas por ser como a plasticina, material fácil e sensível para os interessados.

Na leitura sem-cerimónias de Mário Viegas o resultado depende fundamentalmente da disposição do público. Como o espectáculo consiste num velório em que participam actores e espectadores é

bom de ver que a participação do público pode ser uma faca de dois gumes: porque há aqueles que em quaisquer circunstâncias tomam sempre a morte a sério, e aqueles que, pelo menos no teatro, não se importam de levar a ideia da morte a brincar. Quando são estes a actuar, o espectáculo está naturalmente salvo. Na noite em que vi «A Birra do Morto» o protagonista foi o público e em especial um «intérprete» que resolvera tomar a sério o seu papel de consolador de viúvas. Com uma figura e uma composição adequadas (lembrava um daqueles anafados e bem-dispostos negociantes alemães caricaturados por Grosz), o nosso homem saiu-se de tal maneira que no fim perguntei ao Mário Viegas, embora por graça, se ele não fazia parte do elenco. Aliás, a mulher acompanhava-o muito bem achando imensa graça às brincadeiras do marido da viúva e companheiras, às carícias prodigalizadas, embora essa graça patenteasse alguma inquietação. Era de morrer a rir. Todo o espectáculo era um prodígio de humor (negro, claro) em que actores e espectadores participavam com igual convicção.

Não se pense, de resto, que o espectáculo era só graça já

que Mário Viegas tem sempre algum jogo na manga. A presença de um jovem actor que interpretava um soldado a quem competia ler o Regulamento dos Funerais — leitura que o sargento analfabeto repetia — não era gratuita: representava, é evidente, o soldado português pós-25 de Abril (ainda há disso?).

«A Birra do Morto» é, como se imagina, uma farsa de que a principal personagem é um cadáver que se recusa a ir para a cova. Exige intérpretes capazes de manter essa fissura entre o cómico e o sério pois será dela que nascerá o riso. Como nascia, com abundância, mesmo quando parecia nervoso, no decorrer do espectáculo do TEP.

Mário & Mário

O segundo espectáculo do TEP para o festival portuense foi uma criação monológica de Mário Viegas sobre textos de Mário Henrique-Leiria, um dos mais dotados e inventivos e cáusticos escritores daquilo a que poderíamos chamar, sem grande rigor, surrealismo marginal.

Para este espectáculo, Mário Viegas repescou textos do autor de «Contos de Gin-Tónico» publicados em jornais aos quais o escritor esteve ligado, alguns dos quais não estão assinados embora sejam facilmente referenciáveis.

O que impressionava no espectáculo era o forte, indestrutível relacionamento entre os textos e a sua leitura pelo intérprete. Essa assunção dos textos de Mário Henrique-Leiria por parte de Mário Viegas não só implicava o profundo conhecimento deles e do seu autor como a sua própria teatralidade com os textos funcionando a dois níveis: o da sua própria capacidade de comunicação e o da força comunicante do actor. Era um belo momento de teatro.



XII FESTIVAL DE MÚSICA DA COSTA DO ESTORIL

JULHO E AGOSTO 86



TEATRO S. LUIS — Lisboa 10 Jul — 21.30	BALLET ESPAÑOL DE MADRID / Goyo Montero (direcção artística) Prologo, El Jaleo, Amargo* e Suite Española*
PALÁCIO DA CIDADELA — Cascais 11 Jul — 21.30	Gernot Winischhofer (violino) / Elisabeth Fheodoroff (piano) / Novos intérpretes Schubert, Beethoven, Langner*, Paganini, Debussy e Sarasate
SÉ — Lisboa 12 Jul — 21.30	Ferdinand Klinda (órgão) Vivaldi, Bach, Cesar Franck e Liszt
PALÁCIO DA CIDADELA — Cascais 14 Jul — 21.30	«MAESTROS ESPANHÓIS DO SÉCULO XVI» Giuliano Balestra (vihuela) Milan, Valdeirabano, Mudarra e Narvaez
PALÁCIO DA CIDADELA — Cascais 15 Jul — 21.30	António Rosado (piano) / Novos intérpretes Vianna da Mota e Liszt
TEATRO S. LUIS — Lisboa 16 Jul — 21.30	ORQUESTRA SINF. JUVENIL / CORO DO INSTIT. GREGORIANO / Novos intérpretes Christopher Bochmann (direcção), Lia Altavilla (soprano), Marina Ferreira (contralto), Alberto Lobo da Silva (tenor), Vaz de Carvalho (barítono) Vivaldi e Mozart
TEATRO GIL VICENTE — Cascais 17 Jul — 21.30	«HOMENAGEM A EMILIO PUJOL» / Alberto Ponce (guitarra) Tarrega, Llobet, Granados e Pujol
PALÁCIO DA CIDADELA — Cascais 18 Jul — 21.30	Fausto Neves (piano) / Novos intérpretes Bach, Schumann, Franck, Martin, Debussy e Lopes-Graça
PALÁCIO DA CIDADELA — Cascais 19 Jul — 18.30	Isabel Ettinger — Rui Martins (guitarra) / Novos intérpretes Scheidler, Cimarosa, Sor, Kleynjans*, Brouwer e Ruiz-Pipó*
CASINO — Estoril 21 Jul — 21.30	ORQUESTRA SINFÓNICA DE ZURICH / Daniel Schweizer (direcção), Michiko Tsuda (piano) Rossini, Kellner*, Schumann e Schubert
CLAUSTRO DOS JERÓNIMOS — Lisboa 22 Jul — 21.30	ORQUESTRA SINFÓNICA DE ZURICH / Daniel Schweizer (direcção): António Savote (clarinete) / Novos intérpretes Honegger, Kurpinsky, Marti* e Beethoven
IGREJA DOS SALESIANOS — Estoril 24 Jul — 21.30	ORQUESTRA SINFÓNICA DE ZURICH / Daniel Schweizer (direcção), Mário Marques (contratenor) / Novos intérpretes: Wolf Streicher (violino), Ludwig Streicher (contrabaixo) Rossini, Vivaldi, Kellner, Honegger e Bottesini*
TEATRO S. LUIS — Lisboa 25 Jul — 21.30	ORQUESTRA GULBENKIAN / Walter Hendl (direcção), Eugen Istomin (piano) Beethoven, Mozart, Wagner e Prokofiev
TEATRO S. LUIS — Lisboa 26 Jul — 21.30	Peter Schreier (tenor) / Charles Spencer (piano) Beethoven, Liszt e Schumann
CASINO — Estoril 29 Jul — 21.30	BALLET GULBENKIAN / Jorge Salavisa (direcção artística) Hero, Interiores e Danças dos Espíritos
TEATRO S. LUIS — Lisboa 30 Jul — 21.30	Pavel Kogan (violino) / Sequeira Costa (piano) Beethoven, Prokofiev e Brahms
CASINO — Estoril 30 Jul — 21.30	BALLET GULBENKIAN / Jorge Salavisa (direcção artística) Benção de Deus na solidão: Antigas vozes de crianças e Escargot
CASINO — Estoril 31 Jul — 21.30	BALLET GULBENKIAN / Jorge Salavisa (direcção artística) Escargot, Três canções de Nina Hagen, Espaço vazio e Dança dos Espíritos
TORRE DE BELÉM — Lisboa 1 Agt — 21.30	«O ÉXTASE DO MUNDO» / The Hilliard Ensemble Cantos Mozárabe, Gregoriano e Litúrgicos dos séculos XII a XV
IGREJA DOS SALESIANOS — Estoril 2 Agt — 21.30	CORO GULBENKIAN / Jorge Matta (direcção) Cinco Vilancicos do séc. XVII e Capdeville
TEATRO GIL VICENTE — Cascais 4 Agt — 21.30	«HOMENAGEM A FERENC LISTZ» / Jenő Jandó (piano) Listz
TEATRO GIL VICENTE — Cascais 8 Agt — 21.30	Quarteto Kodaly / Jenő Jandó (piano) Mozart, Beethoven e Bontempo
CASINO — Estoril 10 Agt — 18.30	Tania Achot (piano) Schumann, Berg, Liszt e Scriabine
TEATRO GIL VICENTE — Cascais 14 Agt — 21.30	Quarteto Kodaly / Sequeira Costa (piano) Schubert e Cesar Franck
TEATRO GIL VICENTE — Cascais 15 Agt — 21.30	Tibor Varga (violino) / Arto Noras (violoncelo) / Roberto Szidon (piano) Luis de Freitas Branco, Kodaly, Schumann e Brahms
TEATRO GIL VICENTE — Cascais 16 Agt — 21.30	Tibor Varga (violino) / Roberto Szidon (piano) Luis de Freitas Branco, Ravel, Brahms e Debussy
PALÁCIO DA CIDADELA — Cascais 17 Agt — 21.30	«OS TROMPETES NAS CORTES DOS SÉCULOS XVII E XVIII» / Edward Tarr Natural Trumpet Ensemble

*Estreia em Portugal

MANIFESTAÇÕES PARALELAS:

Concertos dos XXIII Cursos Internacionais de Música da Costa do Estoril, 16º Cascais Jazz/«Jazz num dia de Verão-86», Teatro TEC, Exposições e outras manifestações (ver programa geral)

Patrocínios: Secretaria de Estado da Cultura, Secretaria de Estado do Turismo, Câmara Municipal de Cascais, RDP/Programa 2, RDP/RC, Iberia, Estoril-Sol, Nestlé, Swissair, Metropole Seguros e Amigos do Festival

Colaboração: Câmara Municipal de Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, Fundação Calouste Gulbenkian, Embaixada dos EUA, Rank Xerox, Diário de Notícias, Diário de Lisboa, O Século, O Jornal, JL-Jornal de Letras, Artes & Ideias, APN, Hotel Cibra, Grande Hotel, CP — Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Hotel Tivoli Lisboa, Touring Club Estoril, TEC, Sojazz, Welcome Portugal-Viagens e Turismo e MZM — Publicidade

Bilheteiras: Estoril — Casino, Cascais — Discoteca AIFAI, Lisboa — Teatro S. Luis e ABEP

Informações: Secretariado — Telef. 28 00 44 Organização — AIMCE e JTCE

APOIO Diário de Lisboa

CALAMITY JANE

Uma Mulher de Armas
ou
O Monólogo da Vaqueira

De 3.ª a Sáb., às 21.30 h
Sáb. e Domingos,
também às 16 horas

A BARRACA

Rua Alexandre Gusmão, 70 — 1200-1 Lisboa

RESERVAS — TEL. 686300

2.º MES • Ar condicionado

PROCURA-SE! MARIA DO CÉU GUERRA

música

António Cardoso
direcção

Helder Costa

0000\$00

Veja bem e seja visto

Reveja periodicamente as luzes

do seu veículo

circular e viver.

Praça de Touros de Cáceres. Sexta-feira, 30 de Maio de 1986. Touros de Alejandro Garcia para Luis Reina, Pepin Jimenez e Vitor Mendes.

Lembrança para «Clarito»

Feira de Maio, em Cáceres. Tarde quente, das que obrigam a procurar o lado da rua onde faça sombra se fizer que para sol basta o da praça, para onde se encaminha a gente. «A los Toros!» Num largo próximo, junto a um quiosque onde se vendem gelados, pastilhas e chupa-chupas os músicos da banda foram-se juntando, recolhem do maestro as partituras dos passodobles, prendem-nas às flautas e trompetes. É além, a porta do sector 1, que em Cáceres fica na «solanera». Vou entrando, lá dentro se fará mais fresca a meia hora que falta para subir ao tendido. Vagueio pela meia escuridão do corredor. Ao fundo, quieto, encontro um cavalo castanho e grande. E em cima dele, um menino. Pequeno, coisa de cinco anos. Veste de curto, jaqueta medida, chapéu de aba larga, com traje assim vai decerto ser ele a conduzir o passeio. No rosto sereno nem uma contracção, nem um sorriso, como se fosse hábito já gasto esperar o grito dos clarins, sair à frente dos toureiros, montado no seu cavalo, guardados para os dois os primeiros aplausos da tarde. Um velho camponês aproximou-se daquele canto solitário, boina inclinada na cabeça, uma malha de gola negra assomando na brancura da camisa. Um velho conspícuo, pendurada do lábio uma beata com ar de segunda mão, aspecto de tonto de aldeia passeando sua curiosidade inofensiva. Assentou no menino e

no cavalo os olhos esbugalhados e grandes, e ali os deixou ficar presos, como se tardassem em descobrir como um cavalo tão grande, com o menino em cima, iria sair daquele corredor, caber na passagem que dá para o pátio das quadrilhas. Pátio é maneira de dizer, praça de terceira não tem espaços separados para cada cena do ritual que contam nos livros. Meto-me por trás do cavalo quieto e grande do menino, espreito pela passagem o bulício vizinho. Já foram chegando e se cumprimentaram os matadores e sua gente, ficaram a trocar impressões sabe-se lá de quê, apertam mãos que chegam, e eles não sabem, quantas delas, a quem pertencem. A figura pequena de Luis Reina move-se de um para outro poiso, como se querendo sacudir os nervos, agitados por mais esta oportunidade, poucas tem tido, em cada uma tem de expor como se fosse a última. Pepin Jimenez arrumou-se a uma parede, as mãos cruzadas na montera à frente do corpo esguio, uma expressão que não consegue parecer serena. Vitor Mendes foi junto dele, gratejou qualquer coisa. Pepin sorri, e à volta os bandarilheiros riem, raio de português, hora assim de medo e dá-lhe o desabafo para a chalaça, parece peixe em água sem tubarões. Mas já, do outro lado da arena, com essa pontualidade estranhamente rigorosa, o lenço branco do presidente se mostrou, chamando. Na solidão do corredor, o menino tocou ao

Pela direita e pela esquerda

de leve as esporas, debruçou-se para a frente, a cabeça baixando-se com a do cavalo, à justa transpuseram a passagem, entre os alambres de ouro e prata se meteram, até se pôem na frente de todos, ao sol da arena, o cavalo arrogante, e no rosto do menino uma serena gravidade, como se pensasse que ali perto, apesar dos toureiros que riem, quem sabe se não andará a morte.

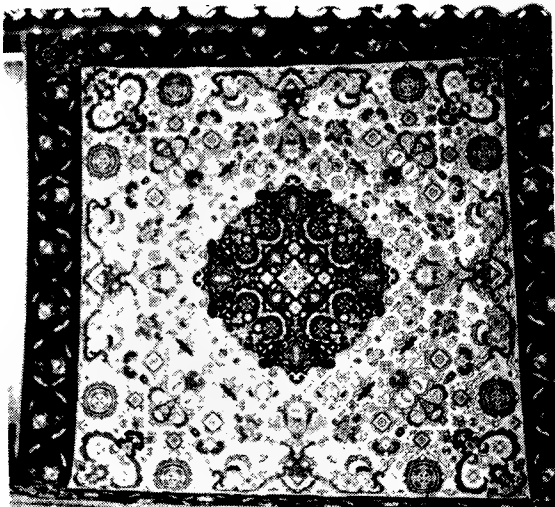
* * *

O velho ficou ainda uns instantes a olhar o vazio, depois foi andando pelo corredor, mostrou o bilhete na primeira porta, subiu incerto e vagaroso até uma fila meio vazia das de cima, onde nem importava o número do bilhete. Lá em baixo, despejada a arena, retirado o menino no galope passado do seu cavalo grande, era hora de começarem a sair os touros lidados a nome de Lorenzo Garcia, que para maior chamariz os cartazes anunciavam serem procedentes de Nuñez, sinal de bondade. Nem por isso. Desiguais na presença, nas hastes, no poder, parecidos só na tendência para a mansidão e a incerteza, de que se salvou a clareza do Terceiro, a que Mendes cortou uma orelha, após um término de bandarilhas em que os aplausos foram crescendo até fazerem fumo na ovação final, que o português recolheu num chapéu que à arena lhe tinham lançado, e a que se seguiu uma faena onde o mais meritório foram duas séries de naturais, adiantando o trapo, tirando do touro, obrigando-o também por esse lado, por onde passava pior. Picados os brios de Luis Reina, logo saiu a receber o quarto com duas largas afaroladas de joelhos; e apagado o aplauso unânime que nas bandarilhas ganhou

o seu peão Curro Alvarez, saiu o de Almendralejo disposto a dobrar a parada dos troféus. Faena à base de expor, a decidida coragem no lugar de ausentes sossegados aromas, rematada com um «estoconazo», donde a mão saiu tingida de sangue. Já de sangue não se tingiu a anatomia de Pepin Jimenez. Silenciado foi no segundo e quinto, os mansos que lhe tocaram, touros sonsos como seu matador, que pela arena andava numa defensiva triste. O género não era o mais próprio, o ânimo do toureiro também não, pela direita e pela esquerda buscando desanimado o sítio, e por nenhum dos lados o encontrando.

* * *

Pela direita e pela esquerda... Pretecto para lembrarmos Cesar Jalon, «Clarito», que passou à história das letras taurinas como dos seus cultos de mais incisivo engenho. Morreu faz poucos meses, no último dos noventa e seis invernos da sua vida, já distante aquela Primavera em que «Don Modesto» o descobriu na redacção de «El Liberal». No mundo da Festa, que tão bem conheceu e com tanta finura contou, «Clarito» cruzou-se também com o da política. É no livro fascinante das «Memórias de Clarito» que ele refere um episódio passado com Primo de Rivera. Queixou-se o ditador que o acusavam constantemente de ser homem de direita, quando afinal, dizia ele, «a política é como o toureiro. Que mais dá tourear pela direita ou pela esquerda, desde que se toureie bem?» E logo em resposta escreveu «Clarito»: «O general, como bom andaluz, e portanto aficionado, não ignora que para tourear com a direita é preciso apoiar-se na espada.»



Quadros em ponto cruz podem ser apreciados no Shopping Center das Amoreiras

Exposições

- No Espaço 2063 do Shopping Center das Amoreiras, está patente até ao próximo dia 13 uma exposição de **Marcadores de Ponto Cruz dos Séculos XIX e XX**. A colecção de 150 exemplares apresentada nas Amoreiras pertence a 20 coleccionadores que se reuniram, sendo de especial destaque os trabalhos pertencentes a Maria Luisa Goulão, Vitor Candeias, Maria Helena Megre, Helea Albergaria e Lamy Carneiro, entre outros. Esta exposição desenrola para trás o fio do tempo até uma época em que as horas, os dias, os meses tinham para a mulher um outro ritmo, uma dimensão diferente. Mostuário de bordados, a eles era atribuída, ainda nos finais do século XIX, a função de preservar os desenhos e os pontos para as gerações seguintes. Ganhavam, pois, o valor dum património que passava de mães para filhas e que, como tal, era legado, figurando em inventários de bens e testamentos lado a lado com casas e terras.
- Na Casa da Cultura de Beja inaugura-se amanhã, pelas 18.30 horas, uma exposição cultural palestiniana. Mais tarde, pelas 21.30 horas, haverá um espectáculo musical, enquadrado no âmbito da exposição.

Música

- No Teatro Académico de Gil Vicente tem lugar esta noite a partir das 21.30 horas, um **concerto de guitarra** por Luis Adé. O espectáculo é organizado pela Direcção-Geral da A.T.C.
- O complexo turístico «Praia Nova-Bar Cuica», na Costa da Caparica, completa hoje o seu 2.º aniversário e, para o festejar realiza uma festa com a participação dos artistas **Tony de Matos, Alexandra, Mady e Vasco Rafael**, para além do habitual artista **Zé Americano** da Banda Cuica. A festa que tem lugar na praia é gratuita.

Teatro

- A partir de hoje e até ao dia 12, pelas 21.30 e 13, às 17 horas, no Instituto Franco-Português, os alunos finalistas do Curso de Actores Encenadores e do Curso de Cenografia da Escola Superior de Teatro e Cinema do Conservatório Nacional levam à cena a peça de Jean Genet, «**As Criadas**». A encenação pertence a Ivo Bernardo Vaz, a cenografia e figurinos a Helena Simões e a interpretação está a cargo de Graça Afonso, Maria Ana Tamen e Maria José Pascoal.
- A companhia profissional Teatro Laboratório de Faro apresenta novamente hoje, no Instituto Superior Politécnico, o seu mais recente espectáculo, «**Guerra Nossa**», criado a partir dos textos de Fernanda Arrabal «Guernica» e «Piquenique». «Guerra Nossa» tem encenação do director da companhia, Luis Aguilar e interpretações de Durval Lucena, João Soromenho, Isabel Pereira, Rosa Estêvão, Alexandre Parracho e Marinell Matos. A cenografia pertence a Eduardo Coutinho. O espectáculo insere-se no programa «projecto do Ano Internacional da paz» do Instituto Superior Politécnico de Faro.
- O Teatro Ibérico mantém-se em cana em Xabregas com a sua última produção, a peça «**Avareza, Luxúria e Morte na Arena Ibérica**», do dramaturgo espanhol D. Ramon del Valle-Inclán. Com música original de Luis Cília e encenação de Blanco Gil, a peça é interpretada por lia Gama, Lúcia Branco, Jorge Sousa Costa, António Cruz, Manuela Cassola e António Filipe, entre outros.

Bailado

- No Teatro S. Luiz, o **Ballet Espanhol de Madrid** dá esta noite o seu segundo espectáculo, inserido no «XII Festival de Música da Costa do Estoril». Esta noite são apresentados pela primeira vez ao público português os bailados «Amargo» (G. Montero e F. Diego), uma nova produção incluída na «Homenaje a Frederico», e «Suite Espanhola» (P. Azorin e R. Gimenez).

S.  R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 28 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-E.P., Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/6474-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Algueirão-Mem Martins, concelho de Sintra, de um P.S. n.º 6474 a 10 KV, anexo ao P.T. n.º 3203-C, de Elisio Gonçalves Reduto, sitos junto à Estrada Nacional, n.º 250-1, ao Km 6,480 (Quinta do Pinheiro), no Algueirão.

Linha mista a 10 KV, n.º 702, com 200 metros, entre o poste n.º 28 e o P.S. n.º 6474, anexo ao P.T. n.º 3203-C, de Elisio Gonçalves Reduto, sitos junto à Estrada Nacional, n.º 250-1 ao Km 6,480 (Quinta do Pinheiro), no Algueirão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 30 de Junho de 1986

Pel'O Engenheiro Director de Serviços,
Joaquim Gonçalves dos Santos

Esta noite

Música na «III Festa de Teatro de Almada»

A «III Festa de Teatro de Almada», que tem vindo a decorrer na zona velha daquela cidade, prossegue esta noite com dois espectáculos musicais. Assim, no palco da Esplanada, João e André efectuarão um espectáculo de música instrumental, com início marcado para às 21 horas. No pátio do Prior do Crato realiza-se pelas 21h45 um concerto pelo Coro da Academia de Amadores de Música, dirigido pelo maestro Fernando Lopes

Graça, cidadão honorário da cidade.

Amanhã, às 22h45, também no pátio do Prior do Crato, a actriz Maria do Céu Guerra, do grupo «A Barraca», leva à cena a peça «Calamity Jane», encenada por Helder Costa, enquanto no palco da Esplanada têm lugar mais dois espectáculos: música popular pelo grupo «31 de Boca», às 21 horas e danças e gaitas de foles da juventude da Galiza, pelos «Anakinhos da Terra».

Angústia Desespero Solidão
54 45 45
uma voz amiga estará contigo



Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER
(não acons. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
13.30, 16.15, 18.45, 21.30 e 00.15 h

Alfa Club

T. 763319

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

VIVER EM MORRER EM LOS ANGELES
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Ávila

— T. 539930

007 — ORDEM PARA MATAR
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

A LEI DO SEXO
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00 e 21.30 h
Contém cenas chocantes

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitório

— T. 372358

TABU O INCESTO
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h



Uma cena do filme «Nova Iorque fora de Horas» do realizador Martin Scorsese. Grande Prémio da melhor realização/Cannes 86. Em exibição no Quarteiro e Estúdio 444.

Castil

T. 530194

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

A FILHA DO MINEIRO
(n. acons. m. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OS PIRATAS DAS ILHAS SELVAGENS
(maiores 6 anos)
24.00 h

Cine Camões

T. 324194

O FILME ATACA DE NOVO
(n./ acons. a men. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

YOUNG MR. LINCOLN/ 1939
(18.30 h)
THE CRIMINAL CODE/ 1931
21.30 h

Cine 222

— T. 579460

ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(não acons. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O ESTRIPADOR DE NOVA IORQUE
(maiores 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

COMANDO
(m. 12 anos)
16 e 21.45 h

Estúdio Sheza

A TESTEMUNHA
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

APOCALIPSE NOW
(não acons. men. 18 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h
O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
(int. 18 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O PROTECTOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

ARTHUR, O ALEGRE CONQUISTADOR
(n/ acons. m. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

A ÚLTIMA REPORTAGEM
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

UM CASAMENTO
(int. men. 13 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini

— T. 734009

O PROTECTOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

A EXPERIÊNCIA DE FILADÉLFIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30, e 24 h

Imperio

— T. 555134

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

ABSOLUTE BEGINNERS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

ABSOLUTE BEGINNERS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

O PROTECTOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

O ROMANCE DE MARTHY
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

MISSÃO FINAL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

VAMOS FALAR DE SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe

— 821933

O IMPERADOR DOS BÁRBAROS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

CARNE PARA O III REICH
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

O CASAMENTO DE MARIA BRAUN
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
VINGANÇA DE UMA MULHER
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 2

«PSICO»
(maiores 17 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
NOSFERATU, O FANTASMA DA NOITE
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 3

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A MULHER PÚBLICA
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 4

A ESCRAVA DO AMOR
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
1900 (1.ª parte)
(maiores 16 anos)
00.45 h

N'Gola

ENCERRADO PARA OBRAS

Restelo

T. 610375

ENCERRADO

Cinema Rex

JOÃO BRONCAS E OS MALUCOS DA BOLA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma

T. 889192

O PROTECTOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxo

T. 548560

O CHANFRADO DA BOLA
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3

OS DIAMANTES SÃO ETERNOS
(m. 13 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45

7.ª Arte

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

GENTE GIRA N.º 2
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon

T. 368480

A EXPERIÊNCIA DE FILADELFIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

MILI (filme indiano)
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «Justiciero de Nova Iorque», às 21.30 h (maiores 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Um lugar no coração», às 15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Babilónia, «Rambo — A vingança do herói», às 15.15, 18.30 e 21.30 h
Estúdio Dois Eme — «O enigma da pirâmide», às 21.30 h (maiores 12 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — «Juventude inquieta», às 17.00 e 21.15 (m. 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Loucas Aventuras de Amor e Sexo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Os dois superpolicías em Miami», às 15.15 e 21.30 h (maiores 6 anos)

Sala 2 — «Vampiros em fúria», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)

CASCAIS — Miramar/Sala 1 — «África Minha», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «A última reportagem», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «O enigma da pirâmide», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Oxford — «Juventude inquieta», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «O golpe dos enforcados», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Academia — «Lejoke, o assassino», às 15.30 e 21.30 h (int. 13 anos)

ALMADA — Cinestúdio Almada — «Três homens e um berço», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 6 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «As minas de Salomão», às 15.45 e 21.30 h (maiores de 12 anos)

Sala 2 — «Heróis e amantes», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

CRUZ DE PAU — Lord — «Juventude inquieta», às 16.00 e 21.00 h (maiores 16 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O justiciero de Nova Iorque», às 15.00 e 21.15 h (m. 16 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Gente gira», às 16.00 e 21.30 h (n./ acons a m. 13 anos)

MOSCAVIDE — Stop — Encerrado para férias

ODIVELAS — Cineodivel — «Gente gira n.º 2», às 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Cineoceano — «Rocky IV», às 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

TRAFARIA — Pavilhão Jardim — «Comando», às 16 e 21.30 h (maiores 16 anos)

MOSCAVIDE — Stop — Encerrado para férias

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles;
17.00: Pequeno jornal; 17.15:
Musicomania; 19.00: Informação
e música; 20.00: Música portu-
guesa; 20.15: No estúdio e no
estádio; 20.30: A viver também se
aprende; 21.00: Movimento;
21.30: Imaginário. Noticiários de
hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX;
16.35: Trechos de óperas; 17.00:
Integrais; 17.30: O Quarteto
Amadeus; 18.00: «Ritual à Me-
mória de Bruno Maderna», de
Pierre Boulez; 20.40: Música or-
questral; 21.00: Música portu-
guesa; 21.30: Música instrumen-
tal; 22.20: Sonata, n.º 6, em dó
maior, de Weber; 22.30: Música
coral sinfónica; 23.45: Solos de
órgão, de Cesar Frank; 00.30:
Música de Arnold Schoenberg;
01.00: Fecho. Noticiários de hora
a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; 17.00: A
feira mágica; 20.00: Conta cor-
rente; 21.00: Discos pedidos;
22.00: Portugal e a CEE; 22.15:
Religiosos; 22.30: Tempo de des-
porto; 23.00: Vigésima quarta
hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música;
16.00: O som da frente; 17.00:
Rock em stock; 18.00: Círculo em
FM; 19.00: Em órbita; 20.00:
Nova geração; 21.00: Jazzofone;
22.00: As mil e uma noites. Noti-
ciários de hora a hora.

PARA AS
SUAS FÉRIAS



A POLÍCIA JUDICIÁRIA
ACONSELHA:

2 - SE VAI PARA O ESTRANGEIRO.
ADQUIRA DIVISAS APENAS NAS
INSTITUIÇÕES DE CRÉDITO AUTO-
RIZADAS A EXERCER O COMÉRCIO
DE CÂMBIOS. Lembre-se: os
passadores de notas falsas servem-se
com frequência do mercado clandestino
de divisas.

RTP/1

15.00 — Desenhos Animados
«Corridas Loucas»

15.35 — Inventário Musical

(1.º programa): «Bonecos de Santo Aleixo I»

16.06 — Retalhos da Vida
de um Médico

(1.º episódio): «A Prima Cláudia». Pedro Mar-
tins, finalista de Medicina da Universidade de
Coimbra, vai a Condeixa visitar a família, pequenos
burgueses que fizeram grandes sacrifícios para lhe
pagarem o curso.

16.50 — Ontem Viu?

«Foi Êxito na TV»

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos
A emissão desta tarde é preenchida com mais um
episódio das séries «Lendas do Mundo» e «O Urso
Teddy».

18.45 — País, País

19.15 — Festival Internacional
de Folclore

«Santarém» (1.º episódio)

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.34 — Direito de Antena

Espaço reservado ao Partido Renovador Demo-
crático (P.R.D.)

20.50 — Corpo a Corpo

(88.º episódio):

Teresa afirma a Osmar que está arrependida do
que fez e pede-lhe que volte para Eloá. Osmar rece-
be-a friamente e diz-lhe que a única coisa que lhe
interessa é ver Heloísa. Teresa promete pensar no
assunto.

Ao tomar conhecimento que Cláudio e Sónia se
namoram, Cristina acha graça pensando nos comen-
tários que Lúcia irá fazer. Os quatro passam o fim-
de-semana em Friburgo.

Depois Osmar procura Heloísa e fica a saber que a
pequena já partiu para os Estados Unidos. Teresa,
ainda arrependida, procura Eloá.

21.40 — Europa

«Instituições Europeias»

22.15 — Noite de Touros

Transmissão directa da Praça do Campo Pequeno.

00.20 — 24 Horas

00.45 — Volta a França em
Bicicleta

01.00 — Encerramento da Emissão

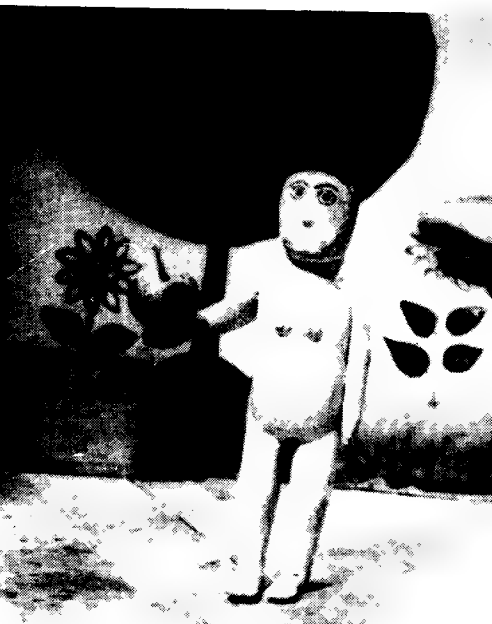
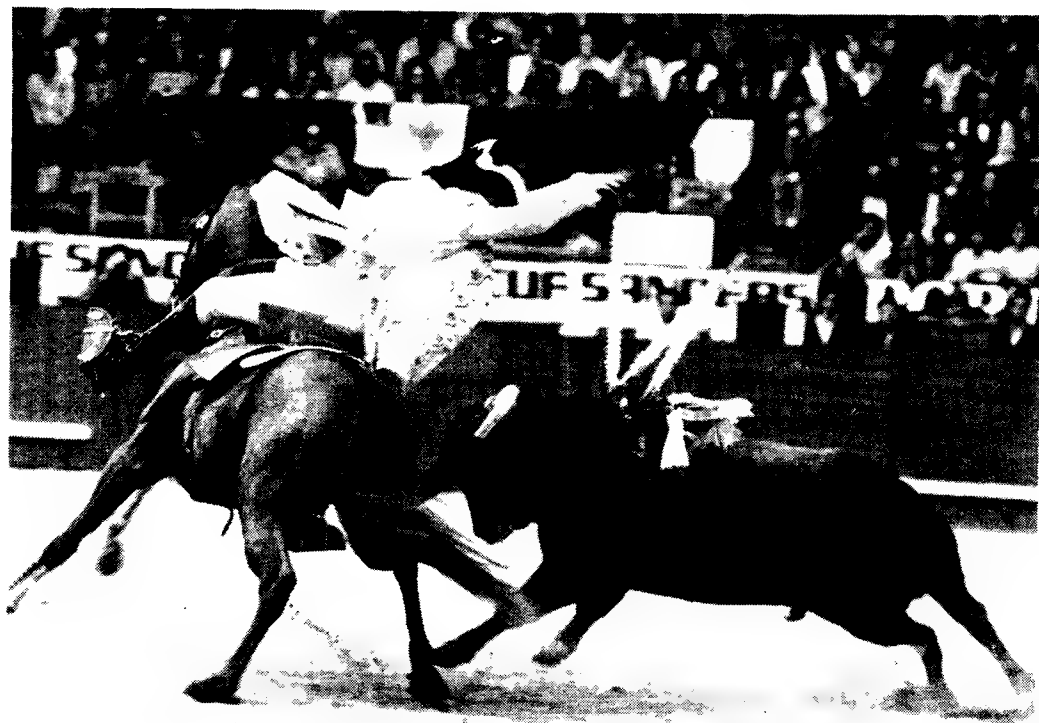
RTP 2

16.30 — Indicativo do
«Europa TV»

O Tempo

16.35 — Tempo dos
Mais Pequenos

«Tic Tac» e «O Mundo Maravilhoso de Gigi».



17.05 — Count Down

17.50 — Série

«Espaço Verde»

18.20 — O Mundo Amanhã
O Tempo

18.30 — Eurorepórter Especial

19.00 — Música

«Trio Beau Arts»

20.00 — Notícias

20.05 — Desenhos Animados

«Recruta Beiley»

20.30 — Caminhos do Eterno

(3.º episódio): Anton, ao saber que um novo tra-
tamento para a paralisia — esperado com tanta an-
siedade — não é, infelizmente, aplicável ao caso de
Edith, suplica ao médico que não a desiluda.

21.50 — Encontros Com...

«Sagrários de Lisboa»

22.25 — Últimas Notícias

22.30 — Vereda Tropical

(56.º e 57.º episódios)

00.00 — Encerramento da Emissão

Amanhã

RTP/1

11.00 — Sumário

11.07 — Documentário

11.30 — Espaço 11/13

12.30 — Vereda Tropical

13.15 — Jornal da Tarde

15.0 — Desenhos Animados

15.25 — Documentário

15.40 — Espaço Visual

16.00 — Entre Marido e Mulher

16.35 — O Mar e a Terra

17.05 — Ontem Viu?

17.35 — Se Bem me Lembro

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos

18.45 — País, País

19.15 — Recrear o Espaço

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

21.30 — Tatoo Militar de Viseu

23.00 — 24 Horas

23.30 — Volta a França em Bicicleta

RTP 2

16.30 — Europa TV

20.00 — Notícias

20.05 — Respire Ar

20.30 — Adágio

21.00 — Museu do Cinema

21.25 — Notícias

21.30 — Directo/2

22.25 — Últimas Notícias

22.30 — Vereda Tropical

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1

19.15
Festival Internacional
de Folclore

RTP 2

22.35
Vereda Tropical

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570



Vereda Tropical



MARÉS DE HOJE			
PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
05.08 3,50 m		10.29 1,20 m	
17.18 3,70 m		23.00 1,10 m	
Dia 11			
05.43 3,50 m		11.08 1,20 m	
17.52 3,70 m		23.39 1,10 m	

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS	
BRAGANÇA	18"
VIANA DO CASTELO	16"
VILA REAL	15"
PORTO	16"
COIMBRA	15"
CABO CARVOEIRO	16"
CASTELO BRANCO	16"
PORTALEGRE	20"
LISBOA	16"
ÉVORA	12"
BEJA	13"
FARO	16"
SAGRES	15"
PONTA DELGADA	21"
FUNCHAL	19"

Vítima de acidente perto da Praia de Mira

Estrangeiro por identificar no Hospital de Cantanhede

Vítima de acidente de viação ocorrido ontem junto à praia de Mira, encontra-se por identificar na casa mortuária do Hospital de Cantanhede o cadáver de um cidadão estrangeiro. O referido indivíduo viajava à boleia num automóvel conduzido pelo emigrante português no Canadá, Gabriel Miranda Domingues, de 24 anos, que ficou ferido, tal como o outro passageiro, João Manuel dos Santos Martins, de 20.

O acidente ocorreu quando o veículo, por motivos ainda não apurados, se despiستou indo embater contra uma árvore plantada junto à berma da estrada.

Preços das cartas de condução podem aumentar todos os anos

Os preços praticados pelas escolas de condução passam a partir de agora a poder ser alterados livremente de ano a ano, bastando para tanto que os seus proprietários comuniquem aos Serviços de Viação os preços que pretendem fazer vigorar.

A legalização desta norma consta de uma portaria conjunta dos Ministérios da Indústria e Comércio, e das Obras Públicas inserida na toalha oficial de hoje, a qual refere que a presente medida «se insere na linha programática do Governo, destinada a implantar as regras de economia de mercado de forma gradual e progressiva».

De acordo com a portaria, «o ensino da condução automóvel fica sujeito ao regime especial de preços, devendo as escolas e os instrutores por conta própria comunicar aos Serviços de Viação os preços que querem praticar».

Unanimidade na Comissão rejeita aumento do défice

Continuação da pag. 1

O debate na generalidade iniciou-se esta manhã na Assembleia e o Orçamento Suplementar deve ser votado ainda hoje ou amanhã de manhã.

O ministro das Finanças, ao falar de improviso, admitiu, serem, de facto, as receitas deste ano superiores às orçamentadas. Só de receitas do IVA o Governo espera recolher até Dezembro 20 milhões de contos acima das expectativas.

No entanto, Cadilhe disse no seu improviso que o Governo mantém a disposição de aumentar o défice, uma vez que só na altura da apresentação do Orçamento para 87, o que deve acontecer em Outubro, a questão pode ser revista.

A Comissão Parlamentar de Economia e Finanças, presidida pelo deputado social-democrata Rui Machete e que tem outro deputado da bancada do Governo como relator, Guido Rodrigues, é de parecer contrário e por unanimidade decidiu que a cobertura das despesas extraordinárias (Forças Armadas e reformas antecipadas) deve fazer-se por transferência de verbas e não pelo recurso ao crédito público, que teria como consequência o aumento do défice em 7,1 milhões de contos.

Faça o teor destas posições, nomeadamente às assumidas pelos deputados sociais-democratas na Comissão o Governo será forçado a recuar, a menos que, por uma questão de sete milhões de contos, assumo o risco de desencadear uma crise política grave.

D/E/C/A/R/A/S/



ASSIS PACHECO, actor, há uns meses acidentalmente «morto» nas páginas do «DL», foi ontem alvo de uma homenagem no termo de um espectáculo da «sua» companhia, no âmbito do III Festival de Teatro de Almada. A reconhecer o mérito de um actor que vivo ou «morto» faz parte da História do teatro português, esteve uma boa plateia e representantes do Grupo de Teatro de Almada e da Câmara local, e o director do Teatro Nacional, que lhe fizeram entrega de placas alusivas à cerimónia ou tentaram encontrar as palavras adequadas ao acto. Assis Pacheco chegou ao fim visivelmente emocionado, até porque recordava o desprezo a que o teatro é votado em Portugal.

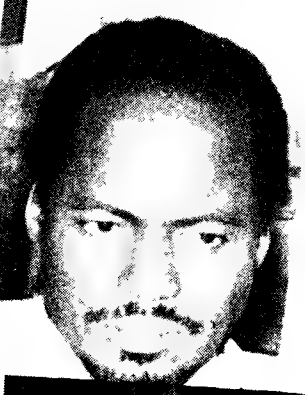
CHARLES L. DONNELLY JR., comandante em chefe das Forças Aéreas americanas na Europa, chegou ontem a Lisboa, a convite do chefe do Estado Maior da Força Aérea Portuguesa, para uma visita oficial às instalações daquele ramo das nossas Forças Armadas. Ainda ontem, assistiu a um «briefing» no comando da Força Aérea em Alfragide e visitou, de seguida, o CEMGFA, general Lemos Ferreira. Seguir-se-ão visitas



à Base Aérea nº 5, em Monte Real e às Oficinas Gerais de Material Aeronáutico. Regresso à Alemanha marcado para amanhã.

JOAQUIM CHISSANO considerou na terça-feira que «o apartheid é a maior monstruosidade jurídica, política, económica e moral com que os povos da África Austral de defrontam». O ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, que discursava no seminário internacional sobre a paz que decorre em Maputo acabou por responsabilizar uma vez mais a África do Sul pela situação que se vive naquela região. «A situação explosiva prevalecente na região deve-se única e exclusivamente a essa monstruosidade, a esse sistema desumano internacionalmente definido como crime contra a Humanidade», disse.

JAIME GAMA foi agraciado com a Grã-Cruz de Mérito da Soberana Ordem Militar de Malta pelo seu trabalho desenvolvido enquanto ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal. O embaixador da Ordem em Lisboa, Conde de Nigra, impôs a condecoração a Jaime Gama em nome do príncipe Grão-Mestre da Ordem de Malta, instituição que funciona junto da Santa Sé e



que tem por objectivo desenvolver acções que se prendem com o estreitamento das relações entre a Santa Sé e os Estados.

VARGAS LLOSA congratulou-se com o facto de Cavaco Silva, Felipe González e Helmut Kohl terem debatido o estabelecimento de laços sólidos entre as democracias europeias e as latino-americanas. O escritor peruano citou o chefe do Governo alamo-federal como tendo-lhe dito, pessoalmente, que discutira com os seus homólogos portugueses e espanhol, numa reunião à margem da cimeira de Haia, a necessidade de reforço dos laços entre as democracias da Europa e da América Latina. Do ponto de vista de Llosa é imperioso que as democracias do Ocidente e particularmente as europeias prestem todo o apoio às suas «aliadas naturais» da América Latina.

KURT WALDHEIM afirmou ontem o seu agrado por uma investigação ao seu passado por um Tribunal internacional. O novo presidente austríaco intervinha na sua primeira conferência de Imprensa desde que tomou posse e aproveitou para repetir a sua confiança em que não será colocado numa «lista de observação» por alegados crimes nazis.

Governo acelera reforma de funcionários

O secretário de Estado do Orçamento, Rui Carp, confirmou ontem na Assembleia da República que o Governo pretende passar à reforma antecipada 33 200 funcionários públicos, para o que vai desencadear em breve uma campanha na televisão, rádio e jornais. Cerca de metade desses funcionários poder-se-á reformar até ao fim do ano.

Esta disposição do Governo foi manifestada à Comissão de Economia e Finanças, no quadro das reuniões preparatórias da discussão do Orçamento Suplementar agendada para hoje no Parlamento. A votação do diploma só se deverá, no entanto, realizar na próxima terça-feira.

Segundo Rui Carp, a campanha de sensibilização para a reforma antecipada será completada com cartas individuais assinadas pelo ministro das Finanças, Miguel Cadilhe e enviadas aos funcionários que o Governo considera em condições de se reformarem já.

Um exemplar da carta referida pela Anop e datado de 17 de Junho diz que os funcionários com mais de 30 anos de serviço ou mais de 20 de serviço e 60 de idade «podem apresentar-se sem necessidade de apresentação a junta médica com direito a pensão correspondente ao número de anos de serviço acrescida de 20 por cento até ao limite equivalente a 36 anos de serviço».

«Trata-se pois de um regime de aposentação antecipada, voluntária e bonificada. A Caixa Geral de Aposentações poderá esclarecer quaisquer dúvidas que eventualmente tenha», diz a carta.

Miguel Cadilhe explica que a medida se insere «num plano mais vasto de decisões que visam modernizar a gestão dos recursos humanos na administração pública, sem esquecer aqueles que ao longo de dezenas de anos serviram o Estado o melhor que puderam, porventura com sacrifício familiar e profissional».

Lemos para si

Coerência e Rigor, Vítor Constâncio, Pub. Dom Quixote, col. Participar, Junho de 1986.

A candidatura ao lugar de secretário-geral do PS exigia uma operação de *remaking* e de agendamento da imagem pública do governador do Banco de Portugal. Mas discreta, de acordo com o homem. Foi feita. Em livro, naturalmente. É este **Coerência e Rigor**, mera antologia de intervenções públicas. Só que... com um apreciável desprendimento e sinceridade, o próprio Constâncio pediu a Nuno Brederode Santos que o prefaciasse. O pequeno texto que daí resulta cumpre a função apologetica a que se destinava, mas com uma irreverência e um bom humor que avançam contra a corrente das apologias de circunstância, constituindo uma saborosa lufada de ar fresco no discurso mastigado em que os profissionais da política gostam de ouvir falar de si próprios.

Brederode Santos diz que tem havido um equívoco em torno de Constâncio:

«O equívoco nasce dessa constatação pública do grande economista. A partir dela, espera-se — e com alguma legitimidade estatística — um senhor de gravata e pasta, que veste sombrio, vive de e para os números e só sonha com relatórios. Um homem cujo pulmão pede escritório, porque as vigílias só as pode afogar na colecção **Vampiro** (da qual, aliás, nem sabe apreciar as coisas boas). Alguém que só está vivo no exercício da sua competência, para além da qual estão a emoção e a aventura — e esse muro não se salta vergado ao peso da respeitabilidade social.»

Não fica por aqui:

«Colaborando involuntariamente nesse logro, o Constâncio dá-se a ver ao País de gravata e pasta, e, mais do que sombrio, veste-se de governador do Banco de Portugal, que nem sequer é a forma menos lúgubre de alguém se vestir de morto. São os indícios bastantes para consolidarem o mito do tec-



A foto do livro: para o Congresso, o novo secretário-geral do PS não despiu o fato de governador do Banco de Portugal, mas pôs-se, pelo menos, em mangas de camisa

nocrata: competente até ao brilho, o mais deve ser cinzento, prosaico, indeciso — e com o inevitável pendor direitista do que não tem garra, nem festa, nem sonho, nem inquietação.»

Mas atenção, garante o prefaciador, ao outro Constâncio, «espírito inquieto, curioso e ávido», que fez teatro, que não perde um bom filme, que

«respira na água de uma das bibliotecas pessoais mais versáteis (...) e devora os livros até à destruição material (cantos dobrados, anotações manuscritas nas margens, lombadas descoladas)».

Constâncio gosta de Popper, há muitos anos. E ao que parece, mostrou a Brederode, pedindo-lhe o prefácio, aquela frase de «Unended Quest» (que

será muito em breve editado em português) em que o autor de «The open society and its enemies» diz: «Se pudesse existir um socialismo conciliável com a liberdade individual, eu ainda hoje continuaria socialista.»

A citação de Popper não é um programa, mas iluminará sem dúvida boa parte do sonho que Constâncio acalentou ao candidatar-se, vitoriosamente, à direcção do PS.

Constâncio, que fará em Outubro 43 anos, vem da animação que a **Moraes** e a sua «O Tempo e o Modo» representaram a meio dos anos 60. Isso significa que vem também da **Pragma** (de que foi fundador) e da **Codes**, nomes que quem hoje ronda os 40 anos identifica como lugares bem precisos da movência oposicionista daquela década.

Mais para trás tinham ficado a direcção da JUC de Económicas, e portanto João XXIII, o Concílio e a «Pacem in terris».

Um curioso texto biográfico, fornecido à editora durante a campanha preparatória do Congresso que elegeu Constâncio secretário-geral, e incluído no livro, lembra que, vindo de Bristol para Lisboa imediatamente após o 25 de Abril, ele foi convidado para o lugar de secretário de Estado do Plano pelo então ministro Vasco Vieira de Almeida. Aceita o lugar e, acrescenta o texto, «adere ao PS. Mas os equilíbrios da rede de forças políticas no Governo eram, ao tempo, delicados.

O PS só formalizará essa adesão em Abril de 1975, depois de Constâncio deixar de ter funções governativas. No entanto passa, logo em 74, a ser convidado para reuniões com o Secretariado Nacional do PS... Oh, la, la, assim mesmo, também o PS praticou o submarinismo ao mais alto nível, incluindo o do seu actual secretário-geral.

O livro permite, através da sequência de textos datados, seguir o itinerário que virá a afastar Constâncio de sucessivos governos: ele sempre defendeu — e é essa tese que acaba de vencer o Congresso — que o PS deveria recusar-se a compor, nomeadamente com os sociais democratas do

PSD, qualquer «bloco central», aceitando, pelo contrário, o balanço bipolarizador.

Uma análise de conteúdo, mesmo que sumária, das moções apresentadas por ele e por Gama durante a campanha para o Congresso mostrará talvez que o seu opositor usa uma linguagem e aborda questões consideradas mais vitais para o *aggiornamento* do socialismo, hoje; dessa comparação não resultaria claro que Constâncio está mais próximo de Popper do que o seu rival. Mas quem o preferiu sabe que o mundo não é apenas feito de palavras, e que o funcionamento interno do partido, o desgaste e a usura provocados por determinado estilo no exercício do Poder, e a capacidade de mover, ou não, de forma participada o conjunto dos militantes num projecto que se quer socialista no final dos anos 80, não são exclusivamente apreciáveis nas palavras.

Constâncio — repete-o o último texto incluído nesta edição — quer «refazer um partido vencedor». Evo-cando as presidenciais, ele diz que, ao sair eleito, Soares deixou ao PS «uma prova e uma pista de como se lidera a esquerda sem compromissos políticos».

É difícil segui-lo em todas as paragens da sua argumentação, nomeadamente quando ele salienta que «a primeira volta das presidenciais foi, nas primárias da esquerda, a vitória da modernidade contra o arcaísmo»: Pinta-silgo e Zenha serão assim, para Constâncio, sobretudo, sintomas de *arcaísmo*? Mais problemático será acompanhar Constâncio quando ele sugere que a segunda volta das presidenciais revelou que «apesar de partir de uma posição difícil, o PS continua a ser o líder de uma maioria social». A vitória da candidatura de Mário Soares não nos parece legitimar *aquela* conclusão. Mas no que toca ao futuro, no que toca ao projecto da nova direcção socialista, Constâncio merecerá, pelo menos, o benefício da dúvida. Leia este **Coerência e Rigor** quem disto discorde, e ajuíze do Constâncio nele constante.

João Mendes

Estante Infantil

Título — A Raposa das Botas Altas

Autor — António Torrado

Ilustrador — Miguel Branco

Editor — Editorial Comunicação

S INCERAMENTE: começo a ficar um pouco farto das histórias de animais. Os pintainhos, os coelhos, os gatinhos e os cãesinhos que são os melhores amiguinhos do homem — eis aí uma pequena parte do arsenal de uma certa literatura infanticida que se refugia no pitoresco dos bicharocos para esquecer a dura realidade do mundo dos homens em que vive...

Sem esquecer, evidentemente, que o mundo animal constitui uma perene fonte de inspiração para o poeta, para a criança e para o povo — para todos, enfim, que são poderosamente vivos. Além de constituir, como o escravo Esopo nos ensinou, uma forma segura de crítica, de resistência, de denúncia da injustiça e da opressão. Quem tiver alguma dúvida, leia as histórias africa-

nas de Manuel Ferreira.

Entre os bichos, o carinho e a atenção do povo e dos poetas têm escolhido, em maior grau, a raposa. Ela é esperta, activa, fura-vidas, imaginativa. Recusa-se a deixar-se morrer à fome. Luta, com todas as armas, pela sobrevivência. Ela é muito a humana gente miúda que se serve de todas as artes para levar a água ao seu moinho. Estará longe de ser por acaso que Aquilino Ribeiro é o autor do romance da raposa e do romance do «malhadinhas»...

António Torrado procura recriar algumas situações imaginadas pelo povo. «A Raposa das Botas Altas» não se inclui no número das abomináveis histórias de bichos e bichinhos referidas no início desta nota. Eis-nos no mundo transfigurado dos homens que vestem a pele doutros animais para o faz-de-conta teatral tão ao gosto das crianças.

Esta colecção, estas «Histórias

Tradicionais Portuguesas Contadas de Novo», representam da melhor qualidade de literatura para crianças feita em Portugal, globalmente considerada. Cada livro é uma pequena jóia, alguma coisa que **fica bem** nas mãos de uma criança. Nasceu para resistir. Andam ali muitos quilates distribuídos na literatura propriamente dita, na ilustração, no material utilizado. Não há soluções de continuidade. À qualidade literária, assinada por António Torrado, corresponde a qualidade da ilustração de Miguel Branco e a qualidade de apresentação gráfica da Editorial Comunicação. Trabalho de equipa feito com tamanha consciência que abdica de qualquer referência de autoria na capa do livro...

... E agora vamos juntar a canalha toda à nossa volta e ler com ela e para ela mais esta saborosa história da raposa, sabiamente escrita por António Torrado...

Mário Castrim

Acaba de sair

N.º 5

ALAVANCA

revista do trabalho

Reportagens • Estudos • A luta dos trabalhadores
• Desemprego / Salários em atraso • Assuntos
de actualidade político sindical

Pedidos às
edições
UM de OUTUBRO
Sociedade Editora de Publicações Lda.

Assina e divulga

RUA DA GLÓRIA 41-2 ESQ. TELEF. 36 18 13 • 1200 LISBOA

Lemos para si

«Memórias Íntimas» de Georges Simenon
Ed. Livros do Brasil, col. Dois Mundos
Preço: 1295\$00

CONHECIA, como tantos outros leitores, Georges Simenon pela leitura dos seus Maigret e de alguns dos livros por ele chamados de «independentes». Utilizava para o ler a grelha mais comum, mas também a mais enganadora: a de ver o autor através dos personagens que cria. Inevitavelmente, quando chegou a vez de o autor se transformar em personagem o que então se revelou foi, no mínimo, surpreendente: já outros escritores me tinham causado surpresa ao enveredarem pelo mesmo percurso. Mas em nenhum outro encontrei uma fronteira tão demarcada entre a «sua» realidade e o produto de ficção por ele criado.

Ao longo dos dois volumes das suas «Memórias Íntimas», não é só Simenon que se afasta irremediavelmente dos personagens por ele gerados, como também o seu estilo que se perde. O enfoque psicológico e ambiental dos Maigret e de outros livros seus, é ali substituído pelo apontamento apressado e superficial. A abertura ao exterior, existente na sua ficção, é substituída, nas memórias, pelo monopólio do grupo familiar enquanto «ilha» iso-



Simenon em 1972 e em 1984

lada do mundo e dos acontecimentos que o atravessam. A divisa do autor «compreender, mas não julgar», é transposta para o reduto da sua vida quase só enquanto descrição, por vezes



contraditória e repetitiva, de marcos por ele considerados importantes para o que chama a sua «tribo».

E, no entanto, julgo compreender a razão destas sucessivas perdas. Com

mais de 400 obras publicadas, Georges Simenon encontrou indubitavelmente na escrita a forma de se exprimir. Só que essa escrita, habitualmente produzida em tempo recorde, era feita sob o primado do prazer, enquanto as «Memórias Íntimas» foram concebidas quase sob o peso do dever. Contraditoriamente, é esse factor que se revela mais abertamente no segundo volume, o único que quanto a mim justifica uma tentativa de aproximação a esta obra e que impede a sua rejeição.

É, na verdade, possível esquecer momentaneamente que o autor optou por quase se alhear de acontecimentos exteriores que marcaram o mundo, como a Segunda Guerra Mundial, explicando depois que «nunca fala de política», ou que, do ambiente que o cerca, opte por fazer listagens de amigos que parecem ser catálogos de personalidades, ou que persista em elogiar a simplicidade que, segundo ele, é atributo dos humildes, ou ainda a descrição das grandes casas e castelos que habitou. É, dizia, possível esquecê-lo momentaneamente quando nos deparamos com o sentido imperioso que esta escrita teve para ele.

Em Maio de 1978, a sua única filha (os outros três são homens) suicidou-se. Tinha 25 anos e o autor 75. Dois anos depois, entre Fevereiro e Novembro de 1980, Georges Simenon escrevia as suas «Memórias Íntimas», assumindo-as como uma tarefa que lhe

tivesse sido solicitada por uma morta. Podia-se talvez dizer que com as suas memórias, o autor tentou dar forma a esse epitáfio usado nas mais variadas e por vezes aberrantes situações: «Não morreu em vão».

Mas o que acaba por prevalecer não é tanto a razão da sua filha, com a escrita enquanto substituto do confessional, enquanto tentativa de compreender o que se passou. AS «Memórias Íntimas» de Simenon transformam-se assim em purga, em cura pela «fala». É sabido que são muitos os pontos de ruptura entre a realidade e os nós nebulosos que nela e para além dela se albergam. Só que a ruptura, a nossa ou a dos que nos estão próximos, nos colhe habitualmente de surpresa. Foi essa experiência que Simenon quis relatar nas suas memórias. Por a conhecer previamente, introduziu no relato uma sensação de inevitabilidade. Conscientemente não quis fazer a pergunta que geralmente surge nestas ocasiões: «De quem foi a culpa?». No entanto, ela é talvez o ponto de partida da sua história. Apesar disso, é aí, nessa experiência de ruptura e na revelação, uma vez mais, da incapacidade de nela intervir ou até de nela acreditar antes de consumada, que se encontra o que neste livro existe ainda de um autor chamado Georges Simenon.

CV

Para Sempre, Vergílio Ferreira, Bertrand, 1983, 2.ª edição

«Mas há um elemento que é urgente reivindicar para o ensaio e particularmente o actualiza pela imediata aproximação da arte literária — e que particularmente o candidata a sucessor do romance: a emotividade. Tal emotividade fixa-lhe previamente uma dimensão humana, de problemática humana.» (Vergílio Ferreira, *Um Escritor Apresenta-se*, apresentação, prefácio e notas de Maria da Glória Padrão, 1.ª ed. (Maio de 1981; Lisboa: INCM), p. 186).

Todo o espaço de *Para Sempre* se nos apresenta como um corpo uno que se dilui em espiral sob(re) uma superfície plana; as imagens ilustram-se e desfilam «(...) sem coincidirem entre silêncios / e simultâneas vencem o inexplicável vazio. / Cada uma inteira com um gesto inicial (...)». (António Ramos Rosa, «As Imagens»).

A memória conduz-nos à presença de um gesto costurado que se viola, que se dobra, se articula em si. O narrador percorre-se e recupera ângulos de visão brutal num prenúncio de combustão lenta: *Por dentro dobro eu todo.* (p. 26).

O discurso movimenta-se em espaços ambíguos e perenes. Vergílio Ferreira estala-se recuperando, pelo apelo à memória, as estrias do seu universo imaginário, físico.

Físico imaginário onde o silêncio no milagre da comoção nos revela uma música-outra, um futuro de memória (s).

O futuro — pela via da modulação — desenha e abre, em suspensão, um percurso visando o interior da génese. Futuro é, deste modo, ausência suspensa, nitidez do tempo na sua integralidade cósmica; a voz violada na imensurabilidade universal.

Agora o meu futuro é o meu passado nulo. (...) Construir o futuro sem futuro para construir. Inventar um rumo contra um muro — se tu cantasses, voz anónima da terra. Vem-me de novo o apelo à garganta, tenho medo de mim. Desta coisa que está em mim, viva alucinante. Esta presença que tenho de

esquecer para que eu viva tudo à superfície. À minha volta o universo, dentro, na sala, o bater do relógio. É um bater lento, como a cadência do destino. (pp. 159-161). Todas as vozes são o eco de si próprias na totalidade do som anónimo da sua vertigem; um canto côncavo, ardentemente surdo, de uma música da pré-memória, no caos do tempo.

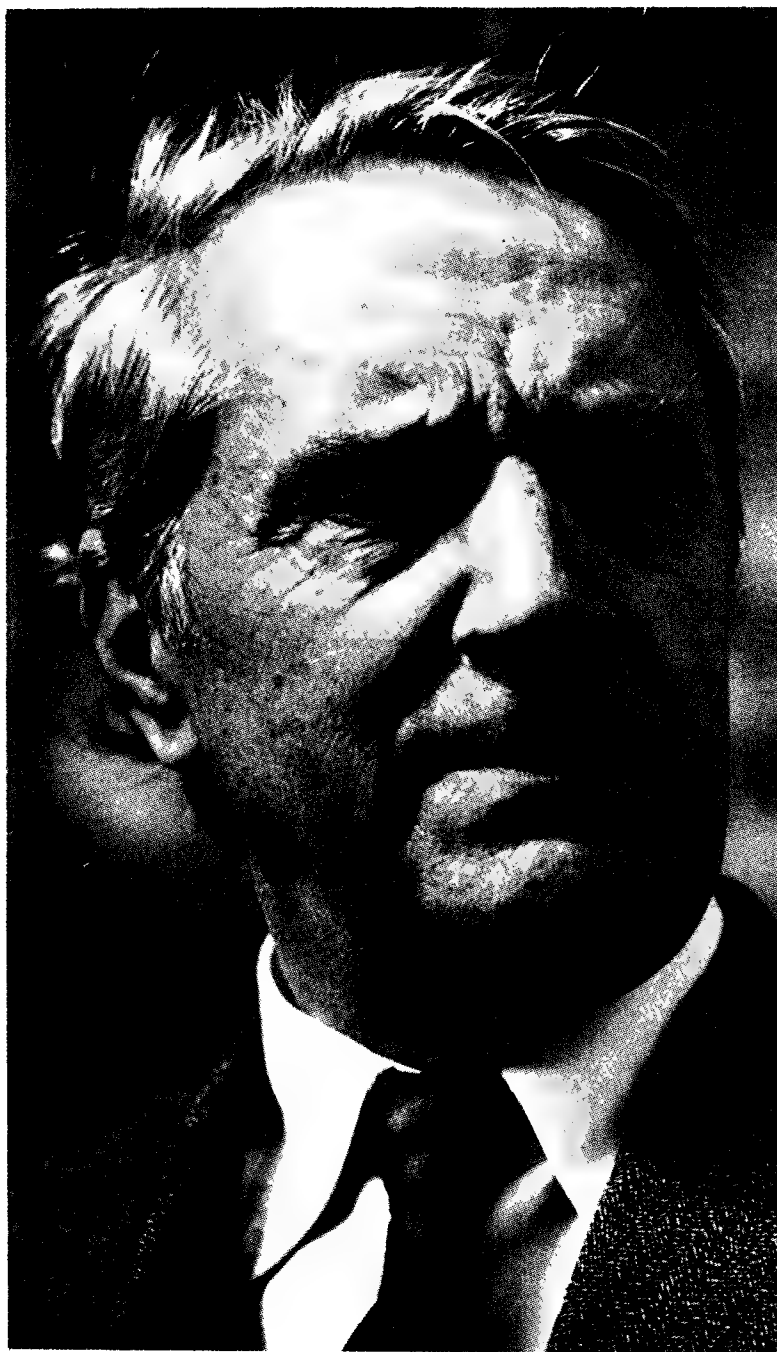
Dobram no tempo e na morte, são as vozes do augúrio. Silêncio (...) E de repente, na minha memória longínqua — donde virá a música? (...) Mas está cheia de memória, que é onde está tudo o que sou. (pp. 120, 75).

Habitar a memória e o tempo que se lhe entrega não é ofício inaugural, mas antes uma música que vem de uma corda percussiva (p. 100), que dança entre vultos e espaços pulsáteis. Uma visão aquosa do interlúdio do discurso.

O espaço real, onde o narrador se move, reverte para o tempo semi-limites, para a vertigem da palavra final, a palavra total. A única. A absoluta. (p. 152). Daí que o espaço da casa surja como catalizador de átomos secretíssimos: *E então olho pela janela — que fazer? (...) Olho a montanha, não me canso de a olhar. Tem a potência nula de apenas ser. Extática majestosa, a cor escura da idade do cosmos. Imagem fria das combustões do universo e instantâneo aí o ridículo do percurso humano.* (pp. 43, 159, 160).

Aparentemente desordenadas e inconsequentes, as referências ao espaço real (a casa, ponto inicial da digressão narrativa) são memórias — não recordações — para além, são buscas perdidas, uma vez que lhes não pertence a recuperação da nitidez do tempo nulo. O gesto do tempo, o enigma do atemporal: *Uma voz irreal, no halo vertiginoso do meu fim. É uma voz anónima de outrora, de sempre. De nunca.* (P. 79).

As palavras de Vergílio Ferreira são coágulos laboriosos e lentos, falsos limites do mutismo, um excesso memorial... E, de repente, o leitor taceia as palavras. Serão as palavras que se tocam? Parecem, surgem esquivas no crepúsculo do dizer e, aí, na estação morna do grafismo, do físico, emerge a música: «Música. Só um: Bach.»



Vergílio Ferreira

(Vergílio Ferreira, Ob. cit., p. 140).

«E ali fica, / seduzido pelo inesperado canto do não-ser (...)» (Fernando Guimarães, «Ítaca»), pelo uníssomo do dizer, da comunicação... a vocação para o eco. Tal como numa cantata de Johann Sebastian Bach.

Com a música de Bach consegue-se a justaposição, a fusão, o uníssomo do verbo divino e do verbo musical. A alquimia da palavra de uma música para sempre: a alternância de registos confluentes no tema, a harmonia que as palavras feridas procuram — uma música que as contém, a música que elas geram.

Parece ser a via mais familiar, mais próxima da natureza do discurso de Vergílio Ferreira — o paralelismo com a religiosidade, com a sacralização da música de Bach. Ambos se encontram (reencontram?) num ascético mergulho na voz humana e na sua problemática. Na clarividente luminosidade poética.

O núcleo temático envolve a memória por uma afluência síncrona de imagens múltiplas e formas sustentadas pelo corpo central e pelas nuances que lhe são inerentes. O sujeito demarca a tonalidade-base que perdura ao longo da narrativa (musical) dentro do seu espaço imagético.

«A presença de nós a nós próprios tem algo de extraordinário, de miraculoso, (Vergílio Ferreira, Ob. cit., p. 223). *E de súbito a minha lembrança estremece à vibração de um violino,* (p. 179).

A meteorologia do sangue na palavra do estremecimento: nas excessivas estações mudas da suspensão, da(s) vertigem(ns), do submerso estranhamento — *Que palavra se diz neste dizer? não a sei. Sei apenas que esse silêncio se preenche de tudo o que não sei dizer nem sobretudo me apetece dizer. (...) Não penses. Não fales. És apenas o máximo de ti (...)* É a palavra que conhece o mistério e que o mistério conhece — não é tua. De ti é apenas o silêncio sem mais e o eco de uma música em que ele se reabsorva, (pp. 305-306).

Isabel Rodrigues

Lemos para si

Os escritos técnicos de Freud, Seminário 1, (1953-1954), Jacques Lacan, Pub. Dom Quixote, col. Plural, trad. Maria Belo.

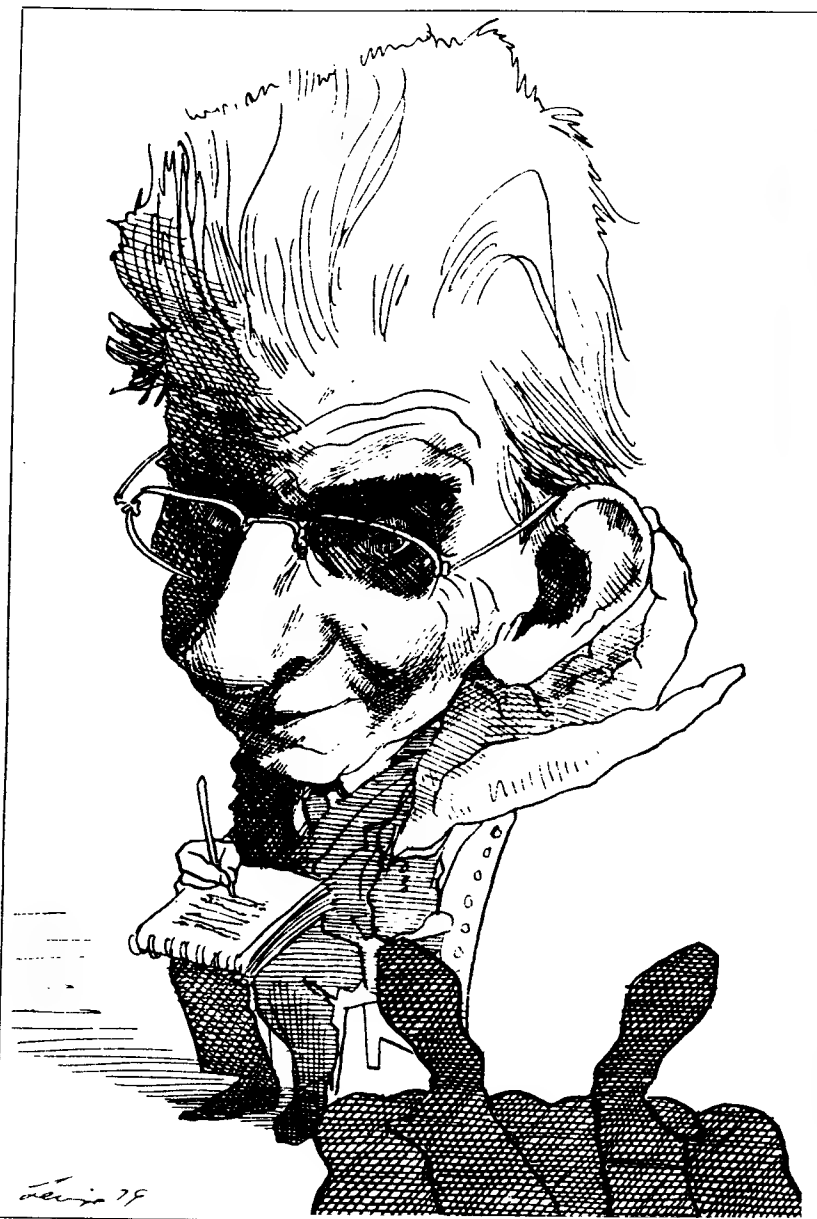
TRADUZIR para português Jacques Lacan, e ainda por cima o Seminário, texto fixado na sequência de desgravações, marcado pela sua origem oral — eis o que nunca seria tarefa fácil mesmo para psicanalistas, mesmo para lacanianos. Por isso não é de mais salientar a importância do trabalho de Maria Belo.

Um amigo tradutor costumava contrapor por graça, a quem lhe gabava a riqueza do francês: «O francês? PFFFF... linguajar paupérrimo. Veja que nem têm palavras para distinguir o ser do estar!» (referência à ambivalência tópica do verbo *être*). A chalaça não tinha, naturalmente, objecto. Mas a questão, na sua simplicidade, coloca-se de facto mal se sai do francês ou do português das «mil palavras». O português e o francês, como anota de entrada Maria Belo, «sendo muito semelhantes nas suas raízes e sintaxe, são muitíssimo distintos, por exemplo, na sua doçura ou no seu cantar». Ora, traduzir Lacan não é apenas traduzir uma língua, é também, e muitas vezes *sobretudo*, traduzir um estilo — um estilo mordaz, extremamente subtil, onde a polivalência das palavras, a multiplicidade dos seus sentidos, a ambiguidade da sua escolha é, frequentemente, decisiva. O melhor dicionário não resolverá, em certos casos, questões nodais de sentido, e portanto de comunicação.

Além disso, naturalmente, o vocabulário técnico da Psicanálise distorceu, como faz qualquer disciplina do saber, o sentido corrente de muitas palavras; e, apesar do esforço impressionante de Laplanche e de Pontalis para uniformizarem o uso, pelas diversas línguas, desse vocabulário, subsistem problemas de adequação e de equivalência, por vezes ao nível mais elementar e alguns deles criados, exactamente, pelo próprio Lacan.

Por exemplo, como anota, igualmente, Maria Belo:

«A tradução de *moi* põe questões. De facto, já neste Seminário, Lacan elabora a distinção entre os conceitos *moi* (imagem de mim, registo do imaginário) e *je* (eu, sujeito da fala, registo do simbólico). Ainda que ulteriormente ele tenha vindo a matizar esta diferenciação, seria necessário, em minha opinião, traduzi-los aqui de



modo distinto. A tradução habitual de *moi* por *eu* devia ser abandonada quando se traduz Lacan, que esmiuça a ambiguidade do termo *ich* já sentida por Freud...» A tradutora teria preferido introduzir o uso do *mim*, mesmo sob pena de surpreender o leitor — o que sempre ocorre quando, da linguagem corrente, emerge a linguagem teórica. No entanto conformou-se à decisão da editora Du Seuil, dando sempre o *moi* lacaniano por *eu*, a exemplo da precedente tradução brasileira, que se ateve a critérios mais linguísticos que psicanalíticos e terá tido em pouca conta o necessário *critério lacaniano*.

Esta minúscula discussão sugerirá

talvez ao leitor as dificuldades a que fazemos referência; poder-se-iam multiplicar os exemplos, desde a impossibilidade de traduzir do francês genérico certas palavras como *enjeu*, até à outra, oriunda do vocabulário técnico, onde se nos deparamos questões como a de *méconnaissance*: *Méconnaître* não significa desconhecer (como é habitualmente traduzido em português), mas conhecer incompletamente, imperfeitamente, insuficientemente. Em psicanálise, e especificamente para Lacan, *méconnaître* significa «uma certa organização de afirmações e de negações a que o sujeito está ligado. Ele não se poderia conceber sem um conhecimento corre-



A esquerda: Jacques Lacan visto por David Levine; em cima: Maria Belo, a tradutora, e a capa do «Seminário-1»

para que passássemos a dizer «Flartar» em vez de namorar ou namoriscar. Perdeu a guerra.

Uma palavra sobre o livro: publicado pela primeira vez há 11 anos, o primeiro volume do Seminário inclui textos tão decisivos para a teoria psicanalítica contemporânea como «O Eu e o Outro», «Análise do Discurso e Análise do Eu», «A tópica do Imaginário», «Sobre o Narcisismo», «Ideal do Eu e Eu Ideal», «Relação de Objecto e Relação Intersubjectiva», «A Ordem Simbólica», «A Função Criadora da Fala».

O Seminário de Lacan, fundamentalmente destinado à formação de psicanalistas (e a enfrentar problemas técnicos de análise), influenciou sucessivas formadas de linguistas, semiólogos, filósofos, sociolinguistas, psicólogos, transformando-se numa das reflexões centrais do conjunto das chamadas ciências humanas. Se é verdade que não se chegava a Lacan sem o convívio prévio com Freud (que se dava por pré-existente), também é verdade que, para a maioria dos estudiosos, a importância do «continente inconsciente» cresceu e se tornou decisiva com a compreensão de que também aqui havia um *linguistic turn* a reconhecer porque, como só Lacan demonstrou, «o inconsciente está estruturado como uma linguagem». Lacan operava a mistura do saber psicanalítico com a nova tradição estruturalista, e não descurava a projecção *clínica* desse movimento — como, exactamente, prova o seu Seminário.

De resto, para o leitor não iniciado, mas que deseja iniciar-se, não vemos melhor do que citar o autor na abertura das suas exposições. Ele diz assim, acerca do lugar que ocupam ele próprio e os que o ouvem:

«O mestre interrompe o silêncio com qualquer coisa, um sarcasmo, um pontapé... É assim que procede, na procura do sentido, um mestre budista, segundo a técnica *zen*. Cabe aos próprios alunos procurar a resposta às suas próprias questões. O mestre não ensina *ex-cathedra* uma ciência pronta, dá a resposta quando os alunos estão já a descobri-la. Este ensino é uma recusa de qualquer sistema. Descobre um pensamento em movimento — pronto no entanto para o sistema porque apresenta necessariamente uma face dogmática. O pensamento de Freud é o mais perpetuamente aberto à revisão. É um erro reduzi-lo a palavras gastas. Nele cada noção possui vida própria. É o que se chama precisamente a dialéctica...»

JM

Acabados de Chegar

M.I.D., 12 anos nos serviços diplomáticos do Kremlin, Nicolas Polianski, ed. Dom Quixote, col. Best Sellers.

M.I.D. é a sigla por que é conhecido o *Ministerstvo Inostrannykh Del*, o Ministério dos Negócios Estrangeiros soviético. Trata-se das memórias, relativas a um período recente (1969-1981), e um período de desanuviamiento, de um diploma que iniciou a sua carreira no gabinete de traduções do ministério, frequentando as recepções no Kremlin e traduzindo, como intérprete, conversas entre dirigentes soviéticos e os seus pares ocidentais. Foi vice-cônsul em Zagreb, secretário da embaixada na Suíça e depois, regressado a Moscovo, trabalhou nos serviços de Imprensa do MID. Aproveitando uma estadia em Paris suscitada por uma missão na UNESCO, pediu asilo político e passou, mais

tarde, a trabalhar com o Instituto de Estudos Soviéticos de Munique, RFA. Como salienta o seu prefaciador, Michael Voslenski, autor de *Nomenklatura* (também traduzido em português), as memórias de Polianski vêm inserir-se numa curta lista de livros comparáveis, escritos por outros homens que conheceram por dentro a diplomacia soviética. Mas o último dessa pequena série, antes deste **M.I.D.**, era o livro de Kasnacheev, publicado no início dos anos 60, e que falava quase exclusivamente da embaixada soviética em Rangun.

Silêncio na casa do barulho, Margarida Carpinteiro, ed. Rolim, col. Aleph.

É a terceira ficção publicada de Margarida Carpinteiro (as duas primeiras são *Ninguém morre de*



silêncio na casa do barulho
MARGARIDA CARPINEIRO

edições rolim

véspera e o conto Viva Senhor Comandante, incluído na antologia Fantástico no feminino).

«Joana quase a atingir a linha do comboio sabia que não podia parar, precisava de chegar a casa depressa, segurava o lenço de seda na mão, a saia travada tolhia-lhe as pernas e cansava-a, perdera os ganchos e os cabelos soltos colavam-se-lhe à testa com o suor frio que lhe arrepiava o corpo...»

Agustina por Agustina, entrevista conduzida por Artur Portela, ed. Dom Quixote, col. Figuras.

«Há visões. Há estilhaços. Há fotografias. Há jogo. Há exibição. Há auto-exibição». Estas coisas, e outras,

diz Artur Portela que há na entrevista a que chamou Agustina (Bessa-Lúis, com certeza) por Agustina. Sobre a entrevistada, diz Artur Portela: «Insuportavelmente mansa, apaixonadamente tranquila, ferozmente polida, ironicamente dramática, este enorme talento que pensa atmosféricamente, em sucessão de anticlones e de frentes depressionárias, este Abril de sóis mil que intui a lógica, logiciza a intuição, e refunde, em si, a nacionalidade, diz-se, diz o que tem a dizer, diz, sobretudo, o que quer dizer, com um caudal enganador». A ler, sem dúvida, por serem — ambos — quem são, pense-se o que se pensar destas longas entrevistas que escolhem publicar-se, de chofre, em livro. A Dom Quixote tenciona editar, nesta colecção **Figuras**, «diálogos com algumas das mais representativas personalidades da vida cultural e artística portuguesa».

A embriaguez da meta

de Stefan Zweig

Chegados às últimas casas, param. Já é completamente de noite. O céu está mais claro do que a terra, banhados pela sua luz baça os contornos do caminho destacam-se em linha. Gueiras, as árvores de ramos nus estendem dedos calcinados para o ar imóvel. Camponeses isolados e algumas carroças passam na rua, é mais fácil ouvi-los do que vê-los, o rodar dos atrelados pesados, passos na escuridão — não estão sós. «Não há um carreiro através dos campos para se chegar à estação, um caminho onde não se encontre ninguém?» «Sim, responde Christine, aqui à direita.» Está contente por ele ter falado, assim pode escapar por um minuto ao pensamento que a atormenta desde que saíram do posto dos correios, um pensamento surdo, lancinante, sombra que a segue passo a passo.

Durante um bocado, ele caminha a seu lado sem uma palavra, dir-se-ia que esqueceu a sua presença. Nem sequer a mão dele procura a sua. De súbito, a pergunta quebra brutalmente o silêncio como uma pedra ao bater num vidro. «Achas que podias ter trinta mil no fim do mês?» Ela compreende imediatamente onde ele quer chegar, mas controla a voz para não deixar transparecer a emoção. «Sim, acho que sim.» «E se tu atrasasses as transferências... se retivesses os pagamentos de impostos e as tuas verbas de caixa durante alguns dias — eu conheço a minha Áustria, os controlos não são muito rigorosos —, quanto é que podias acumular?» Ela reflecte. «Seguramente quarenta mil. Talvez até cinquenta mil... mas porquê...?» Quase brutalmente, ele responde: «Sabes muito bem porquê.» Não ousa protestar. Ele tem razão, sabe porquê. Os dois caminham em silêncio; num lago próximo as rãs começam de súbito a coaxar furiosamente, e a barulheira alegre torna-se penosa para eles. De repente param. «Christine, não há razão para mentirmos. A nossa situação é terrivelmente séria, e por isso devemos ser muito sinceros um com o outro. Pensemos juntos, calmamente, claramente.»

Acende um cigarro, que lhe ilumina por um instante os traços tensos. «Pensemos: hoje estávamos decididos a acabar com isto, queríamos, como tão bem escrevem os jornalistas, abandonar a vida. Não é verdade. Nós não queríamos abandonar a vida, nem tu, nem eu. Queríamos escapar a uma vida lixada, e era a única solução. Não queríamos abandonar a vida, mas a nossa pobreza, a nossa odiosa, insuportável, fatal pobreza. Só isso. E acreditámos que o revólver era a última, a única via. Era um erro. Agora sabemos os dois que existe outra, a penúltima. Resta a questão: teremos coragem para a seguir, e como?» Ela cala-se, ele puxa uma fumaça. «É preciso pesar, estudar isso muito calmamente, muito racionalmente como um problema de álgebra... Não quero enganar-te. Digo-te claramente que esse caminho exige mais coragem do que o outro. O primeiro era fácil. Uma pressão do dedo, um músculo que se distende, um relâmpago, e acabou-se. A outra via é mais difícil porque é mais longa. Não se trata da tensão de um segundo, dura semanas, meses, é preciso estar continuamente em guarda, escondendo-nos. É sempre mais duro fazer face ao imprevisível do que ao previsível, um medo brutal, preciso suportar-se melhor do que uma angústia prolongada, indefinível. É por isso que devemos analisar se temos força, se poderemos aguentar essas tensões e a que preço. Analisar se devemos acabar rapidamente com a existência ou recomençar a viver, eis o meu problema.» Recomeça a andar, e ela segue atrás como um autómato. As suas pernas funcionam automaticamente. Todo o seu pensamento aguarda, desconcertado, o seguimento das palavras dele. Não tem já força para ser ela própria a reflectir, a sua vontade está mortalmente abalada, paralisada.

Ele volta a parar. «Não te iludas. Não tenho o mínimo de escrúpulos morais, sinto-me perfeitamente livre face ao Estado. Ele cometeu tais crimes contra todos nós, contra a nossa geração que nós temos todos os direitos. Podemos lesá-lo tanto quanto quisermos, nós, a nossa geração sacrificada, não será mais do que uma compensação. Se eu roubar, quem me ensinou a fazê-lo, quem me exigiu que o fizesse, foi ele mesmo. Durante a guerra chamava-se a isso requisitar, e no tratado de paz expropriar, reparar. Se fazemos falcaturia, a quem devemos nós essa ciência? Foi ele que nos ensinou que o dinheiro poupado por três gerações podia ser reduzido a zero em duas semanas, como se podia, no espaço de uma geração, extorquir a um indivíduo prados, casas, campos, há mais de cem anos pertencentes à sua família. E se eu assassinar alguém, quem me levou a isso, quem me empurrou? Seis meses na cadeia e depois os anos passados na frente! O nosso processo contra o Estado pode ser resolvido junto de Deus, podemos ganhá-lo em todas as instâncias, mas nunca seremos reembolsados da dívida enorme que o Estado contraiu para connosco, nem nos darão o que ele nos tirou. Comportarmo-nos escrupulosamente para com o Estado era normal noutros tempos, quando o Estado era um tutor indulgente, poupado, sério, correcto. Agora que ele se conduz como uma crápula para connosco, nós temos o direito de ser crápulas. Não é, tu compreendes-me? Não sinto nem sombra de hesitação, e penso que tu não precisas de a sentir, já que estamos a tirar a nossa vingança, já que estou a atribuir a mim próprio a pensão de invalidez que me cabe de pleno direito e que essa digna instituição me recusa, com mais uma compensação pelo dinheiro em que o teu pai e o meu foram lesados e pela parte da vida autêntica que nos foi negada a nós e aos meus semelhantes. Não, juro-te, quanto a esse ponto a minha consciência está perfeitamente tranquila, igual à indiferença dele pela nossa vida ou pela nossa morte. Não vai haver nem um pobre a mais neste Estado, se nós roubarmos cem notas azuis, ou mil, ou duas mil, ele sente-o tão pouco como um prado ao qual uma vaca arranca um tufo de erva. Isso não me perturba absolutamente nada, e acho que se eu tivesse roubado trinta milhões dormiria tão bem como o director de um banco ou como um general após trinta batalhas perdidas. Só penso em nós, em ti e em mim. Mas não devemos tentar nada irreflectidamente, à maneira do aprendiz de quinze anos que rouba dez xelins da caixa, os gasta numa hora, e nem sabe sequer porque fez isso. Somos demasiados velhos para experimentar. Já só temos duas cartas na mão, é preciso jogar uma ou outra. Uma decisão destas exige reflexão.»

Recomeça a andar para se descontraír. Ela repara na intensidade da sua concentração, e estremece por o ouvir falar com uma tal distanciação, uma tal lógica. A superioridade dele parece-lhe mais forte do que nunca, e sente-se, mais

Stefan Zweig começou a escrever «A embriaguez da Metamorfose» em Salzburgo, no ano de 1930, mas largou o manuscrito meses depois. Viria a retomá-lo em Londres, para onde emigrara, em 1938, e a dá-lo por concluído dois anos depois. O livro só veio a ser publicado na Alemanha em 1982... e amanhã sai a sua primeira edição em português. Conta a história de uma funcionária dos correios de uma pequena aldeia austríaca posta em contacto com um meio social a que é inteiramente alheia. Regressada ao mundo de que partira, dá-se a «metamorfose» que anuncia o que aconteceu ao próprio autor em Petrópolis, em 1942... O leitor terá uma ideia dessa metamorfose lendo o que, em antestreia, aqui publicamos.

A embriaguez da metamorfose, de Stefan Zweig, Biblioteca de Bolso Dom Quixote, é amanhã distribuído pelas livrarias. Preço: 450\$00.

do que nunca, submetida à sua vontade. «Procedamos lentamente, Christine, passo a passo e não aos saltos. Em especial nada de esperanças enganadoras e de quimeras. Pensemos. Se acabarmos com isto hoje, ficamos livres de tudo. Um instante, e a vida fica para trás — na verdade, um pensamento espantoso, lembro-me sempre do nosso professor do liceu que explicava doutamente que a única superioridade do homem quanto ao animal é poder morrer quando quiser, e não apenas quando a natureza o obriga a tal. Talvez seja o único espaço de liberdade que se possui plenamente durante toda a nossa existência, a liberdade de poder rejeitar a vida. Mas nós somos ainda muito novos, não sabemos o que rejeitamos. Simplesmente uma vida que não pedimos, que podemos em causa, embora possamos imaginar que existe outra digna de ser aprovada. O dinheiro transforma a vida, pelo menos eu assim o creio e tu também. Enquanto ainda acreditarmos em alguma coisa — tu compreendes, não é? —, esse «não» à vida não é absolutamente verdadeiro, e estamos a destruir um bem sobre o qual não temos nenhum direito, a nossa vida ainda por viver, uma possibilidade nova, por que não radiosa. Talvez um maço de notas me permitisse realizar aquilo que está em mim, aquilo que existe mas não pode manifestar-se, que perece como esta erva que eu estou a arrancar, unicamente por eu a arrancar. Qualquer coisa que poderia crescer em mim, e tu? Tu talvez pudesses ter filhos, tu podias... Não se sabe... e precisamente, não o saber é magnífico... Tu compreendes-me, não é? Quero dizer... uma espécie de vida como a que temos atrás de nós não vale a pena ser prolongada, arrastada lamentavelmente de semana em semana, de uma folga até à outra. Mas com coragem, a coragem de começar outra coisa, talvez se pudesse tirar algum bem dela. E, finalmente, no caso de falharmos, é sempre possível comprar um revólver. Não achas que devíamos... já que, por assim dizer, nos estão a meter o dinheiro na mão, não achas que devíamos simplesmente ficar com ele?»

«Sim, mas... Para onde poderíamos ir com esse dinheiro?» «Para o estrangeiro. Eu sei línguas, falo francês, e até bastante bem, falo perfeitamente o russo, um pouco de inglês, e o resto aprende-se.» «Sim, mas... Iam fazer investigações, não achas que nos encontrariam?» «Não sei, não é possível saber. Talvez, provavelmente até, talvez não. Acho que isso depende sobretudo de nós, de nos aguentarmos bem, de sermos suficientemente hábeis, suficientemente prudentes e desconfiados, de termos considerado tudo bem. Mas isso exige naturalmente uma tensão enorme. Não vai ser uma vida fácil, seremos perseguidos, a nossa existência será uma fuga perpétua. Não me cabe a mim dar a resposta, tu é que tens que saber se terás coragem.»

Christine fica a pensar. É difícil encarar tudo aquilo de repente. Em seguida diz: «Sozinha não tenho coragem para nada. Sou uma mulher, só para mim, não consigo fazer nada, mas por outra pessoa, com alguém, posso agir. Por nós os dois, por ti, sou capaz de tudo. Portanto se quiseres...» Ele caminha mais depressa. «Essa é a questão, não sei se quero. Tu dizes que a dois será mais fácil para ti. Para mim, seria mais fácil sozinho. Assim, eu saberia o que estava em jogo, uma vida lixada, mutilada, pois bem, que importa! Mas tenho medo de te arrastar. Tu não pensaste nisso, a ideia é minha. Não quero arrastar-te. Não quero incitar-te a nada; se tu quisesses fazer alguma coisa que seja por tua vontade e não pela minha.»

Por detrás das árvores surgem algumas luzes. O caminho de terra batida acabou, estão quase a chegar à estação. Christine continua atordoada. «Mas... como ias fazer? Pergunta assustada. Não compreendo. Onde é que isso nos pode levar? Estou sempre a ler nos jornais que todos os culpados dessa espécie são presos. Como é que imaginas as coisas?» «Ainda não comeci a pensar nisso. Tu estás a avaliar-me mal. A ideia ocorre num segundo, mas só os imbecis o põem logo em prática. É por isso que são sempre apanhados. Há duas espécies de crimes — aquilo a que se chama crime no sentido corrente —, os que são cometidos sob o impulso da paixão e os que são maduramente premeditados. Os primeiros talvez sejam os mais belos, mas na maior parte dos casos falham. É assim que procedem os empregadotes, metem a mão na caixa, vão apostar nas corridas a pensar que ganham ou que o chefe não dá por nada, acreditam em milagres. Eu não acredito em milagres, sei que estamos os dois absolutamente sós, sós face a uma organização gigantesca, criada há séculos e que tem à sua disposição a experiência, a inteligência de milhares de sabujos; eu sei que um detective, isoladamente, é um imbecil, que eu sou mais competente e mais esperto do que ele, mas eles têm prática, método. Se nós — como vês, ainda digo se — decidirmos realmente correr o risco, não pode ser como uma brincadeira de crianças planeada à toa. Faz-se mal o que se faz à pressa. Um plano destes

tem que ser estudado nos mínimos pormenores, bilidades. Um cálculo de probabilidades. Vam minuciosamente, e vais a Viena no domingo;

Ele pára. Bruscamente a sua voz torna-se infantil de que ela tanto gosta. «Não é estranho trabalhar, fui dar uma volta. Contemplei, o meu vez. O tempo estava limpo, iluminado pela luz era ainda bastante jovem e sólido, ainda estava perguntei-me: que fiz eu na verdade neste mundo triste verificar que por assim dizer não fiz, nem pensei e aprendi aquilo que os professores que to, dei os passos que me mandaram. No cativeiro ardente: escapar àquilo! e cansei-me de tanta para os outros, sem objectivo, por uma reles cê rava. Hoje, pela primeira vez, tenho três dias coisa que só a mim interessa, a mim e a ti; estou queria que organizássemos tudo como quem prego, cada parafuso tem que estar no sítio e reduzir a nada todas as leis da estática. Quero cor é uma grande responsabilidade, mas, pela pr ponsabilidade para mim e para ti, e não de como se tem no exército ou nas empresas ond um denominador que não se conhece. Vamos dirá, mas só expor, pensar numa ideia, pesar a uma alegria com a qual eu já não contava. Foi

A estação está mesmo ali, já é possível dist Eles param. «É preferível não me acompanhar portância nenhuma que nos vissem juntos. Amigo, isso faz parte (ri-se) do nosso grande pla que tens um cúmplice, e tornar-se notado não a partir de agora é preciso pensar em tudo; não solução era mais simples. Mas, por outro lado mente a vida. Nunca vi o mar, nunca estive no pode ser a existência quando não se é obrigado isto? Nunca fomos livres. Talvez seja necessár mente o valor da vida. Tem paciência, não te a ao mínimo detalhe, e vou fazê-lo por escrito; ponto por ponto, pesaremos os prós e os contr bilidade. E então decidimos. Queres?» «Sim»,

Os dias até ao domingo seguinte são insup meira vez tem medo de si própria, medo das p caixa de manhã, pegar nas notas torna-se uma ao Estado? Estão lá todas? Conta e volta a con a um resultado certo. A mão treme-lhe ou eng pleto a segurança e, com ela, toda a esp -ran agita-se um sentimento confuso: imagina que suas intenções, partilhar das suas reflexões, ju piam. É em vão que raciocina: isto é loucura. A zemos nada. Está tudo em ordem, as notas está até ao último algarismo, posso enfrentar não tanto, qualquer olhar estranho a perturba, e qu bressalto e só levanta o auscultador à custa de u de manhã quando o guarda, com a baioneta a pente no posto dos correios com o seu passo a agarra-se à mesa com as duas mãos como se guarda, de charuto na boca, quer simplesmente alimentos, a uma rapariga que lhe deu um filh vida interminável por um prazer tão curti. Ma a sua letra no certificado de depósito é tremu ele sai batendo com a porta, e quando, correr que o dinheiro ainda ali está: 32.712 xelins e ponde exactamente aos números do livro de dormir, e quando dorme os seus sonhos são t sempre mais aterrador do que a acção, o futuro do que o acto executado.

tamorfose



pormenores, tendo em conta todas as possibilidades. Vamos examinar tudo com atenção, domingo; então decidiremos, não hoje.» torna-se mais clara. É a outra voz, a voz sua o é estranho? Esta tarde, enquanto tu foste aplei, o mundo, pensando que era a última do pela luz quente e vivificante do sol, e eu ainda estava vivo. Então recapitulei tudo, e neste mundo? E a resposta era amarga. É não fiz, nem pensei nada por mim. Na escola ossores queriam. Na guerra executei os gess. No cativeiro tínhamos apenas um desejo de tanta inactividade; depois esfaltei-me a releas código e para pagar o ar que respirei três dias até domingo para pensar numa e a ti; estou realmente contente. Estás a ver, como quem constrói uma ponte, onde cada no sítio certo, onde um milímetro de erro. Quero construí-la para durar anos. Sei que as, pela primeira vez, trata-se de uma reserção e não de uma responsabilidazinha tola presas onde se é apenas um zero a juntar a ce. Vamos fazer isto ou não? O futuro decida, pesar as suas mínimas consequências, é ntava. Foi uma sorte ter vindo ver-te hoje.» possível distinguir as luzes umas das outras. companheiros. Há meia hora, não tinha im juntos. Agora, ninguém deve ver-te co grande plano. Ninguém pode suspeitar de notado não seria o indicado. Sim, Christine, tudo; não vai ser fácil, disse-te logo, a outra outo lado, eu, nós não conhecemos realta estive no estrangeiro. Nunca soube o que é obrigado a pensar sempre: quanto custa a necessário sê-lo para se conhecer exactaia, não te atormentes, vou estudar tudo até por escrito; depois examinamos isso juntos, e os contras, possibilidade contra impossib?» «Sim», diz ela numa voz forte, resoluta.

e são insuportáveis para Christine. Pela primedo das pessoas, medo das coisas. Abrir a rna-se uma tortura. Pertencem-lhe a ela ou volta a contar as notas azuis e nunca chega lhe ou engana-se a somar. Perdeu por com a espontaneidade. No fundo de si mesma, imagina que toda a gente deve adivinhar as reflexões, julga que todos a observam, a es é loucura. Ainda não fiz nada, ainda não fis notas estão todas no cofre, as contas certas tentam não importa que inspecção. No enturba, e quando o telefone toca tem um soa a custa de um grande esforço. Na sexta-feira baioneta a tiracolo, retinindo, entra de re seu passo pesado, os olhos dela turvam-se, os como se ele fosse levá-la à força, mas o implemente mandar um vale, a pensão de eu um filho ilegítimo, e brinca com essa di o curi. Mas ela não tem coragem para rir e to é trêmula. Só consegue respirar quando ndo, correndo para o cofre, se convence de 12 xelins e 40 groschens, soma que corres o livro de contas. À noite, não é capaz de nhos são terríveis, porque o pensamento é ao, o futuro acto mais carregado de angústia

No domingo de manhã Ferdinand espera-a na estação. Examina-a com atenção. «Pobre pequena! Estás com tão má cara, com um ar destrozado. Andaste a atormentar-te, não foi? Fiquei com medo disso. Talvez tenha sido um erro falar-te nisso antecipadamente. Mas em breve estará acabado, hoje fica tudo decidido, sim ou não.» Ela observa-o disfarçadamente. Os seus olhos estão límpidos, os seus movimentos, espantosamente vivos, libertos de toda a dor. Ele dá pelo olhar dela. «Sim, estou bem. Desde há semanas, meses que não me sentia tão bem como durante estes três dias. Só agora sei a alegria que representa podermos consagrar-nos aos nossos próprios pensamentos, só nossos... Não ser mais uma pequena parte de um todo que não me diz respeito e construir da base até ao topo para mim mesmo, unicamente para mim. Um castelo no ar, se se quiser, e que talvez se desmorone numa hora. É possível que tu o destruas com uma palavra, ou que o deitemos abaixo os dois. Em todo o caso, foi um trabalho para mim, e tive prazer em o fazer. Foi verdadeiramente excitante seguir o meu pensamento até à última possibilidade, estabelecer um plano de batalha contra os exércitos coligados do Estado, da polícia, dos jornais, contra todas as forças da terra, manobrar as ideias, e agora desejo a guerra verdadeira. Quanto muito seremos vencidos, mas não o estamos já há muito tempo? Pois bem, vai ver.»

Saem da estação. O céu está cinzento, um nevoeiro gelado envolve os edifícios, carregadores, homens cansados de rostos tristes esperam. Tudo está mergulhado em humidade. Misturada com frio, ela provoca uma pequena baforada de vapor nos lábios a cada palavra que se pronuncia, o calor desapareceu do mundo. Ele pega-lhe no braço, guia-a por entre os automóveis. Sente-a estremecer nervosamente quando lhe toca. «Que tens? Que se passa?» «Nada, diz ela, tenho andado terrivelmente impressionável todos estes dias. Acho que todas as pessoas que se me dirigem me estão a observar. Julgo que todos estão a pensar o mesmo que eu. Sei muito bem que é um medo estúpido, mas tenho a impressão de que toda a gente pode ler em mim, de que toda a gente da aldeia já sabe tudo, presente tudo. Quando o encarregado das águas e florestas me perguntou no comboio: «Que vai fazer a Viena?» Fiquei tão vermelha que ele começou a rir-se, e depois senti-me mais tranquila. É melhor ele pensar isso do que outra coisa. Mas, diz-me, Ferdinand (aperta-se subitamente contra ele), não vai ser sempre assim, se nós... se nós o fizermos mesmo? Porque, agora sei que não teria força. Não seria capaz de suportar viver continuamente na angústia, ter medo de toda a gente, não conseguir dormir com medo de ouvir bater à porta. Não vai ser sempre assim, pois não?»

«Não, acho que não. Só é assim aqui onde tu estás condicionada pela tua vida passada. Uma vez longe, usando outras roupas, com outro nome, noutro país, vais esquecer aquela que foste. Tu própria me contaste a modificação total de personalidade que experimentaste. Só uma coisa podia ser perigosa, era se tu fizesses o que estamos a pensar com má consciência. Se tens o sentimento de estar a cometer um delito ao roubar o grande ladrão que é o Estado, então o caso começa mal e eu abandono a ideia. No que me diz respeito, acho que estou perfeitamente no meu direito. Sei que cometeram uma injustiça para comigo, e arrisco a pele pela minha própria causa, e não, como durante a guerra, por uma ideia morta, pela casa de Habsburgo, ou por um Mitteleuropa ou por qualquer figura política que não me interessa. Mas, já o dissemos, ainda não está decidido, estamos só a brincar com esse pensamento, e, quando se brinca, é preciso estar-se alegre. Cabeça ao alto! Eu sei bem que tu és capaz de ser corajosa.» Ela respira fundo. «Julgo que sou capaz de aguentar bastantes coisas, tens razão, eu sei, não temos nada a perder. Já passei por muitas provas, e o que é duro, é a incerteza. Quando já estiver feito, podes voltar a contar comigo.» Os dois continuam a caminhar. «Onde vamos?» pergunta ela.

Ele sorri. «É estranho, toda esta questão não me custou nada, para mim é realmente uma brincadeira encarar todas as possibilidades, como iremos fugir, escondermo-nos, pormo-nos em segurança, e na verdade julgo ter espiolhado todos os pormenores, por isso posso dizer: vai funcionar, é mesmo assim. Calculei tudo, foi uma brincadeira de crianças organizar tudo, como íamos nós viver, como íamos agir se um dia tivéssemos dinheiro; só há uma coisa que eu não conseguia descobrir: o local. Essas quatro paredes, o quarto onde poderíamos discutir em paz o nosso projecto. Fiquei outra vez a saber que é mais fácil viver dez anos com dinheiro do que um único dia sem ele; na verdade, Christine (sorri quase com orgulho), foi mais difícil descobrir essas quatro paredes entre as quais ninguém pudesse ver-nos nem ouvir-nos do que preparar toda a nossa aventura. Encarei todas as eventualidades: ir para o campo, está demasiado frio; um quarto de hotel, podiam ouvir-nos do quarto ao lado, e além disso, eu conheço-te, tu ficarias inquieta, perturbada, e precisamos de ter o espírito claro. Num restaurante, particularmente se estiver vazio, é-se observado pelos criados; cá fora, chama-se a atenção a conversar, sentados, com um frio destes. Sim, Christine, não fazes ideia da dificuldade que representa, quando não se tem dinheiro, conseguirmos isolar-nos numa cidade de um milhão de habitantes. Considerei as possibilidades mais extravagantes, sim, até pensei não podíamos trepar ao alto da torre da catedral de Santo Estêvão. Ninguém vai lá acima com este nevoeiro, mas era absurdo. Finalmente dirigi-me ao guarda que toma conta da nossa obra suspensa pela falência. Há lá uma barraca de madeira com um fogão de ferro, uma mesa e, creio, um único banco. Conheço-o bem. Conte-lhe uma história complicada sobre uma grande senhora polaca que eu conheço desde a guerra, que está no Sacher com o marido, e que é demasiado distinta e conhecida para andar comigo na rua. Imaginas como o pobre tipo esbugalhou os olhos, e naturalmente considerou uma honra real fazer-me o favor. Conhecemo-nos há muito tempo e já o tirei duas vezes de embrulhadas. Ele deixa a chave num sítio combinado debaixo de uma trave, e uma autorização sua para nós estarmos em regra em qualquer eventualidade, e prometeu acender o fogão de manhã cedo. Estaremos lá sozinhos, não vai ser confortável, mas o prémio é a nossa futura felicidade, e assim vamos meter-nos naquela toca durante duas horas. Ali ninguém nos ouve, nem nos vê. E poderemos decidir-nos em paz.»

Stefan Zweig



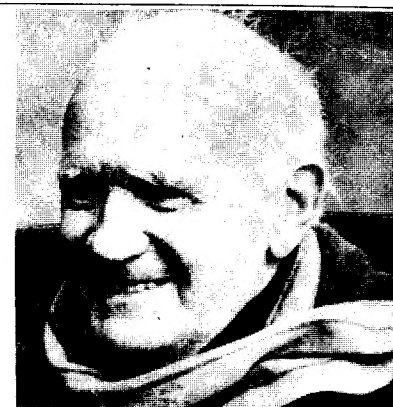
«As Criadas» no Instituto Franco-Português

enet parece chegar em força a Lisboa. Para além de «Os Negros», no Teatro do Século, que aqui será referido oportunamente, finalistas do Conservatório apresentam «As Criadas» no Instituto Franco-Português.

Trata-se de uma apresentação de apenas quatro espectáculos com os quais os participantes apresentarão a sua tese final do curso de teatro do Conservatório, nas respectivas modalidades.

A conhecida peça de Jean Genet terá, nesta encenação, uma abordagem que põe de parte, não as cumprindo, as indicações muito concisas que Genet deixou, para esta como para quase todas as suas peças: de facto, ao contrário do que Genet sugeria não haverá um tratamento estilizado das personagens, tendo o encenador, Ivo Bernardo Vaz, para quem esta montagem era já um sonho antigo, querido dar grande importância à legibilidade do texto e a uma busca daquilo que existe de animal e visceral nas relações humanas, sublinhando estas características.

Encontrando-se a trabalhar neste projecto há três meses, os vários participantes não pensam no entanto dar continuidade ao espectáculo, que será portanto, impreterivelmente, apresen-



tado apenas nos dias 10 e 13 deste mês. Exceptuando o encenador, que foi finalista há dois anos, todos os restantes elementos terminam o curso neste ano lectivo. Para a sua concretização, o espectáculo contou com algum apoio do Conservatório, assim como do Instituto Franco-Português, que além da sala apoiou a parte gráfica (Cartaz, programa).

Interrogados sobre o futuro, estes recém-formados parecem, nesse ponto, conjugar-se naquilo que já vem sendo habitual para muitos portugueses que concluem um curso superior: a incerteza é para todos total ou quase. Esperemos que com esta realização algo nessa incerteza se evapore.

As Criadas de Jean Genet / Encenação: Ivo Bernardo Vaz / Interpretação: Maria Ana Támen, Graça Afonso, Maria José Pascoal / Cenografia: Helena Simões / Luminotecnia: Carlos Cabral / Sonoplastia: José Manuel Lopes / Cartaz: Catarina Castel-Branco / Tradução: Luísa Neto Jorge.

No Instituto Franco-Português, dias 10, 11 e 12 de Julho às 21.30, dia 13 às 17 horas.

Manuel Cintra

Oscar Lopes doente

O professor Oscar Lopes, novo presidente da Associação Portuguesa de Escritores, interrompeu parcialmente a actividade docente na Faculdade de Letras do Porto devido ao agravamento de um problema que desde a infância lhe afecta a capacidade auditiva.

O agravamento verificou-se no passado domingo, obrigando Oscar Lopes a afastar-se de exames orais, tendo todavia continuado a acompanhar exames escritos e a trabalhar num parecer que deverá emitir sobre uma tese.

Encontra-se neste momento submetido a tratamento médico que, espera-se, o ajudará a recuperar rapidamente, a fim de retomar normalmente as suas actividades.



Um espaço privilegiado

O Ler-Escriver é um espaço privilegiado para a publicidade do livro.

Quanto mais os nossos leitores o lêem, mais têm vontade de ler os textos e os autores a que ele se refere, em cada novo número. Porque não pode este espaço ser para si, já na próxima semana?

Poesia

Notas ao Diário IV

Landshut. Munique. Schleissheid. Gersthofen. O elemento do tempo eliminado, tudo tornado simultâneo: o tempo da partida, o desconforto das botas militares, o refeitório, «como no jardim infantil», a lama, a sujidade, os sargentos, o cansaço e o tédio do pequeno escritório no quartel, as viagens acompanhando os aviões, a comida, os pequenos-almoços em cidades diferentes, os quadros e desenhos nos intervalos do trabalho, os quartos alugados, as visitas da mulher e do filho, os lanches, chá e bolo de chocolate, vestido, por uma ou duas horas, de civil, a preferência pela pintura ao ar livre, o pedido de artigos e desenhos para jornais e revistas, Leipzig Illustrierte, Illustrierte Zeitung, as exposições, as dispensas do trabalho, as longas viagens de comboio e tudo com a aproximação do fim da guerra, o colapso, a queda final no vazio, depois da morte, os exércitos que começam a retirar da frente, a derrota transportada e o desejo de partir de novo para a verdadeira vida.

Paulo Tunhas

Poema (*)

Esta mulher de rastos, cabra, cobra, a da língua veloz.

A que precariamente encerra as fontes, tremendo, oculto o espaço entre os joelhos.

A que se ampara ao muro e corre em volta, protegendo a garganta. Externuada pelo cerco do amor.

Desvanecida, sob as mãos de ferro: o agressor que abate e rompe as veias, o que arroxia a pele com seus tormentos.

As costas sobre a terra, o derradeiro pulsar das lavas. A paisagem vermelha, o luminoso rastejar de quem arde, de quem olha à distância o coração.

Hélia Correia

(*) Poema extraído de *A Pequena Morte/Esse Eterno Canto*, de Hélia Correia / Jaime Rocha, Black Sun Editores, 1986

A voz

«Seja como for, depois de ter limpo o quarto ainda tenho que limpar o corpo».

A. Warhol

Desde há algum tempo que venho pensando nas transformações da Voz Passiva. Recordam-se, é claro, de como se colocava, escolarmente, este exercício? Dizia-se: «passe a seguinte frase para a passiva». Passar à passiva? Ao fim e ao cabo, o que através destas expressões (gramaticais, categóricas) se referia era um tipo particular de operações que se aplicavam às relações Sujeito/Objecto.

Com efeito do ponto de vista das relações Sujeito/Objecto o que é que se passa na passiva? Em primeiro lugar, o Sujeito (seja, por exemplo, a frase: «Arnie comprou Christine») é colocado em posição de complemento de objecto; em segundo lugar, é o anterior objecto que vem em lugar do sujeito (teremos: **Christine foi comprada por Arnie**) dizendo-se do anterior sujeito que ele agora se tornou o agente da passiva (aquele sobre o qual recai o efeito de deslocamento do objecto, i.e., o efeito da passivização: da passiva).

Repare-se no que se passa na frase: agora é o objecto que, dado nessa situação de primazia, por assim dizer, escolhe o seu sujeito; o objecto já estava lá — **Christine** — e o acto de escolha, o Verbo, limita-se a ser a actual atualização segunda dessa situação de objecto dominador, disponível: **Christine** (agora sim) **escolheu** ser comprado por Arnie. Escolha, pelo objecto, que poderíamos aliás relacionar com o que W. Benjamin caracteriza como a «alma da mercadoria». Para Benjamin, assim, essa **alma** seria «a mais sensível das almas, já que ela teria que saber distinguir, entre todos os compradores possíveis, aquele nas mãos e na casa do qual gostaria e ser recolhida». Alma, escolha que, ainda segundo Benjamin — referindo-se sempre a Baudelaire —, poderia também ser descrita como uma «intropatia com o inorgânico» que ele associa com o fetichismo (Assim, «comparada com o inorgânico, a aptidão do orgânico para se tornar um instrumento é muito mais limitada» — *Le Paris du Second Empire* chez Baudelaire, in *Baudelaire, un poète lyrique à l'apogée du Capitalisme*, Payot).

Terceiro aspecto, ainda referido às relações Sujeito/Objecto: de uma situação de transitividade — que manifestaria uma possível liberdade / autonomia do Sujeito (Arnie podia ter comprado ou não Christine: o núcleo mais forte é o da própria **afirmação**, do Verbo: melhor, da relação Sujeito-Verbo) —, passamos a uma situação de **intransitividade** (nessa situação segunda, de dependência, o Sujeito, Arnie, está indissociavelmente e de uma vez para sempre preso a esse acto que na dependência de um Objecto o liga, fixa). Escreve um recente gramático: «Podemos conceber a **Transformação Passiva** como uma regra que, em última análise, tem como finalidade converter o objecto directo lógico-gramatical no Sujeito gramatical, ao mesmo tempo que retira a transitividade à estrutura profunda (i.e., a estrutura de superfície vai acabar sem objecto directo gramatical)». A elevação do Objecto corresponderia aquilo que, com Edardo Paiva Raposo, poderíamos descrever como uma **Degradação do Sujeito** («regra cuja finalidade consiste em converter um Sujeito lógico-gramatical num objecto directo gramatical» e que corresponderia «a



Andy Warhol, «Campbell's Soup I», 1968, serigrafia, 89,5x58,8 cm

perda pelo Sujeito de uma das suas propriedades pelo menos: a posição básica» — EPR, *Introdução à Gramática Transformacional do Português*, Moraes, pp. 182/92).

No entanto, o próprio modo como se coloca o Verbo também se vê afectado: este, do presente de enunciação, de afirmação (diziam os Gramáticos de Port-Royal: «o Verbo significa a afirmação») passa ao passado e, ao perder o seu anterior conteúdo de acção, passa a ser menos um verbo do que um **participio** («a razão principal pela qual um participio não é um verbo reside no facto dele não significar de modo algum a afirmação» — Lancelot, Arnauld, *Grammaire Générale et Raisonnée*, 1.^a ed. 1660, cap. XIII, «des Verbes &». Aí se lê, também, sobre a relação Passiva — participio: «[nas línguas vulgares europeias para se fazer a passiva utiliza-se] um participio tirado do verbo activo [de acção: afirmação] que se toma em sentido passivo», idem. cap. XVIII).

E contudo, embora haja «degradação do Sujeito» — um Sujeito que passa de uma situação de acção (um Sujeito activo) a uma de **recaída** da acção (que faz do Sujeito sobre o qual recai a acção o agente da sua passiva) —, são os próprios Gramáticos clássicos que desde logo sublinham a **passividade** ligada ao recurso à passiva.

Os gramáticos de Port-Royal, com efeito, distinguem para certas línguas (orientais ou antigas) a existência de dois tipos de verbos: os **activos** («os que possuem a inflexão pela qual se marca a acção») e os **passivos** (os que **possuem a inflexão pela qual se marca a paixão**) — e dão um exemplo, «amo, amor»). (Haveria ainda um terceiro tipo de verbos, os **neutros**: «verbos intransitivos que não transportam a sua acção para o exterior de si» e que, primeiro caso, «ou não significam uma acção mas uma **qualidade**» [p. ex., **albet**, «é branco»] ou, segundo o caso, «significam acções, mas essas acções não passam para um sujeito diferente do agente» [p. ex., «jantar, falar, andar...»], op. cit., cap. XVIII). Quer isto dizer que, para os Gramáticos de Port-Royal, a marca da Paixão seria o próprio do **passivo**. O Sujeito da Paixão seria menos o da afirmação, da acção (um Sujeito activo) do que um Sujeito **sujeito** a um regime do Objecto e marcado nessa posição segunda como o Sujeito do passivo.

É nesse sentido, aliás, que Du Marsais, no seu *Tratado dos Tropos* (1.^a ed. 1730), distingue entre **sentido activo** e **sentido passivo**.

Com efeito, para Du Marsais, **activo** vem do latim «agere» (incitar a, fazer, agir). «Um termo é tomado em **sentido activo** [escreve Du Marsais] quando assinala que o objecto por ele referido ou ao qual ele se aplica realiza uma acção ou tem um sentimento, uma sensação». No entanto, como logo a seguir

o próprio autor refere, «é preciso notar que há acções e sentimentos que passam para um objecto que constitui o seu termo. Os filósofos dão o nome de **paciente** àquele sobre o qual recai a acção de outro, que é o termo ou o objecto do sentimento de um outro. Deste modo, **paciente** não quer aqui dizer aquele que sente uma dor, mas aquele que é o termo de uma acção ou de um sentimento». E conclui: «uma palavra é tomada em **sentido passivo** quando refere que o Sujeito da proposição, ou aquele de que se fala, constitui o termo ou o **paciente** da acção de outro» (*Traité des Tropes*, ed. Le Nouveau Commerce, pp. 188/9).

A Passiva seria assim o modo da paixão pelo outro. Por isso, o Sujeito (ou o **agente**) da passiva é um Sujeito possuído. A acção, nele, é algo que lhe vem do outro, que é da ordem do outro, e é apenas na medida em que, apagando-se o máximo enquanto diferença, resistência, o Sujeito **adere**, **passa** para o outro (ou então é o Outro que passa para o Sujeito e o **ocupa**) que, enquanto Objecto (complemento), o Sujeito realiza plenamente essa função (**passional**) do Sujeito da passiva. Daí, talvez, a própria construção **reflexa** surgir, ou poder surgir, como um caso da passiva. Nesta hipótese, o **se** introduziria no próprio campo do «eu» (enquanto identidade do Sujeito) a mediação da **3.^a pessoa** (do indistinto e do indefinido). A reflexa, pela falta de Objecto (verifiquem-no com alguns exemplos) coloca o Sujeito na dependência do próprio Verbo — i.e., desloca-o também do lugar de Sujeito para o colocar como objecto desse próprio acto reflexo em que ele, como complemento, se designa e, em relação aos outros, se curto-circuita.

Talvez, tanto num caso como no outro, o mais importante esteja nessa passagem **pela 3.^a pessoa** ou pelo **Outro** enquanto prática **dissuasora** para consigo. Expliquemo-nos: vivemos na ficção que é enquanto **identidade** (imagem: figura) que existimos; e contudo essa **identidade** (figura: nome: conteúdo) não passa de uma ficção recortada nas ficções dos outros (ou do grande-Outro) que, enquanto tal, permite que com o mundo se estabeleça (ou eu **julgue** que se estabelece) uma articulação fictiva. A ordem de referência é, assim, a do **verosímil** e não a do **verídico**. A verdade é a resistência a esta apetência que (nos) vem (e nos suga) do fictivo. Por isso, a verdade talvez apenas venha a um Sujeito (não digo que ela **vem** mas apenas que aí ela se pode **indiciar** como problema) através dessa **táctica** de não coincidência (do fictivo) consigo. É na medida em que outro vem em mim que eu me obrigo a ser **outro** — e este outro é da ordem da **não coincidência** (recuperável: fictiva) comigo. O verdadeiro «eu» não é assim o Sujeito (enquanto «pessoa») mas o Ser possuído.

passiva

E a táctica de **Christine**, assim como a da Pop ou a dos místicos.

Falámos em «degradação do Sujeito», ou numa sua **passivização**, passagem à passiva: talvez o **Neutro** seja, afinal, a categoria que melhor consegue compreender esta relação (desmotivada em termos de singularidade, identidade, **pessoa**) do Sujeito com o mundo e consigo. O **Neutro**, contudo, tal como o entendiam os Gramáticos clássicos. O **Neutro** como uma categoria do Objecto, da não-pessoa, do ausente (para nos referirmos, agora, à formalização mais recente de E. Benveniste. Para Benveniste, recordemo-lo, a **3.^a pessoa**, excluída da correlação de personalidade característica das duas primeiras pessoas, seria o índice da **não-pessoa**, a «marca zero», o «ausente» dos gramáticos árabes, a forma não pessoal da flexão verbal; assim, enquanto as duas primeiras pessoas são invertíveis entre si, a **3.^a pessoa** não é invertível em relação às duas primeiras pessoas — é um invariante não pessoal — e não possui a marca de unicidade: a **3.^a pessoa** é a única forma pela qual a coisa pode ser predicada verbalmente e tanto pode referir uma infinidade de sujeitos — é pluralizável — como nenhum. Cf. *O Homem na Linguagem*, Arcádia, col. Práticas de Leitura, pp. 21 a 32).

Escreve ainda Du Marsais: «Há palavras que se limitam a referir meras propriedades ou modos de ser, situações simples e mesmo acções, mas que não possuem sequer paciente ou objecto que constitua o seu termo: é aquilo a que se dá o nome de **sentido neutro**. NEUTRET quer dizer **nem um nem outro**, nem activo nem passivo. Um verbo que não marque uma acção que tenha um paciente ou uma paixão, ou seja, que não refira que o objecto de que se fala constitui o termo de uma acção, esse verbo não é nem activo nem passivo e, por conseguinte, designamo-lo como **neutro**» (op. cit., p. 189).

A neutralização visaria esse objecto último de um Sujeito para o qual deixou sequer de fazer sentido marcar-se **ainda** como passivo. Se a **paixão**, pela via do objecto, pode constituir uma perspectiva para o neutro (através dessa nulificação do Outro consigo), o **neutro**, deste ponto de vista, representaria um termo em que, reduzindo ao mínimo a diferencialidade de existir, o Sujeito faria corpo com o mundo. Quero eu dizer que a sua **acção** é outra — e que «eu» sou acção (local de acção) quando me torno percorrido (co-movido) pelo mundo.

Talvez conseguir intuí-lo, escrevê-lo, seja difícil. Mas haveria esse ponto (pelo menos ambicionável como táctica pessoal: utopia) em que se indistinguiriam Sujeito e Mundo. Penso que, mais facilmente pensável em termos individuais (apenas alguns modelos: Surin, Arnie, Andy Warhol), esta perspectiva talvez seja também viável em termos de mundo. Isto é, talvez a questão do Sujeito se tenha de colocar em termos hoje ainda totalmente irrecognecíveis. Talvez um **não Sujeito** (tenho-o dito, um Sujeito drogado) se constitua como a pedra-de-toque (a ficção) desse Sujeito nulificado (mas universal) condição e suporte de tudo.

É talvez muito difícil pensá-lo, aceitá-lo. Intuem-no contudo já suficientemente os livros de Philip K. Dick (leia-se também *Dead Babies* de Martin Amis) — ou Andy Warhol (a Pop) com o projecto universal da sua **Campbell Soup**.

Fernando Guerreiro

Ficções

Deste folhetim publicou o «Ler/Escriver» os dois primeiros textos. Hoje divulgamos os «soap» n.^{os} 3, 4, 5 e 6

Soap 3

A TÉ que foi obrigado a parar. Olhou para cima e não viu nada. Tinha o cérebro vazio e prometeu a si próprio que não faria mais nenhuma, fora a última. Limpou a mão aos lençóis. Sentou-se para pensar melhor. Não lhe ocorreu nada.

A manhã ia a meio, tinha acordado com o barulho da camioneta a arrancar da paragem do outro lado da estrada. A casa estava em silêncio ainda, dormiam todos. Aquela gente acordava tarde. Estariam já acordados, como ele? Sabia que ainda dormiam.

Todo o esforço para encontrar alguma ponta de fantasia que pudesse seguir agora, que desse uma qualquer coerência à sua situação existencial dali em diante, que lhe permitisse perspectivar-se a partir da resolução tomada, não deu em nada. «Por que não consigo imaginar nada que me entusiasme?», perguntou-se. O cérebro não foi capaz de produzir outro pensamento e repetia-lhe a pergunta numa voz indiferente mas que lhe pareceu ser a sua própria. Os olhos, afeitos à penumbra criada no quarto pelas portadas de tabuinhas da janela sem cortinas, focavam-se na parede em frente e a voz desapareceu. Mas ele não conseguiu ver nenhum mistério naquela superfície amarelada-hospital que ora lhe parecia demasiado distante ora demasiado perto.

Sentado contra a cabeceira da cama, completamente alheado de si e cansado de não conseguir imaginar nada, estendeu a mão direita para a mesa-de-cabeceira e, depois de abrir a gaveta, tacteou lá dentro uma forma fria e precisa. Pegou nela e quase sem se aperceber do gesto trouxe-a para fora e pôs sobre os joelhos por cima do cobertor. Depois, com a mesma mão, soltou o carregador e então entreteve-se a retirar as balas com o polegar uma a uma, deixando-as cair sobre o cobertor, onde rolavam para as depressões criadas pelas suas pernas, chocando-se fortuitamente com um ruído surdo como de seixos dentro duma banheira com água. Não pensava numa solução para a sua vida. Apercebia-se apenas da presença dos móveis, amanchas suaves de escuridão contra o amarelado das paredes.

As mãos trabalhavam por conta própria e ele via-as sem se deixar fascinar pela precisão com que os dedos voltaram a encaixar as balas no carregador e depois este na pistola. A pistola era a da revolução, inútil. Como inúteis eram todos os gestos das suas mãos, exteriores alheios. «Alheios — mas de quem então, Santo Deus, de quem?». Não aguentou a tortura de não saber responder a mais esta pergunta, também ela inútil, sem sentido.

A dor também não lhe sentia. De facto não sentia nada, julgou sentir dor mas verificou que não sentia nada. Ele era o silêncio, o silêncio da casa, o silêncio lá fora, o silêncio do quarto, o silêncio dentro dele. E fazia aqueles gestos cujo sentido adivinhava, impotente para fazer frente ao terror que lhe despertavam, espectador impedido de participar naquela acção.

De súbito, uma luz azul atravessou-lhe a cabeça, perfurante como um picador de gelo e que lhe fez cerrar os olhos de dor autêntica. Sim, agora

sentia alguma coisa: curiosidade. Como seria?

Tomou posse dos seus braços, do coraço, a cabeça ficou fria e capaz de ordenar tudo.

Ergueu a pistola e apontou à parede em frente com mão firme.

Fez pontaria a um dos grânulos da parede. Deteve-se. Por um momento voltou a separar-se de si e viu-se de cuecas, suado, as pernas molhadas coladas aos lençóis. O armário e a cómoda de madeira negra eram as únicas testemunhas e pareciam não gostar da cena mantendo-se num mutismo expectante. Então fez força no gatilho e a alavanca deslocou-se ligeiramente. A resistência da mola obrigou-o a fazer mais força. Era irresistível, aquilo. Continuou a apertar a mão contra a coronha da pistola. Concentrando toda a energia nesse esforço; a mão suave, a coronha parecia ir saltar-lhe da mão como uma banana espremida. Então deu-se o disparo, a mão foi lançada para cima com o coice e ele não foi capaz de ver nada além de uma pequena nuvem esbranquiçada que logo se desvaneceu à distância do seu braço estendido.

A mão voltou lentamente à posição de tiro, o braço imobilizou-se, rígido, e depois descaiu até a pistola pousar sobre os cobertores.

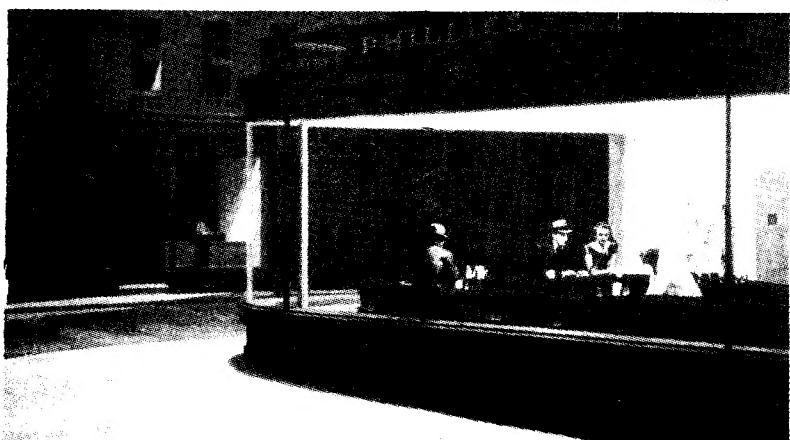
Reparou agora que tinha sentido um impacto na parede atrás de si, um pouco acima do ombro direito. Olhou para a parede em frente: o ponto negro que tinha fixado como alvo era agora uma pequena cratera de bordos ardidos. Olhou então para a parede atrás de si mas não viu lá nada. Reparou na massa metálica caída sobre o cobertor, à sua direita. Pegou-lhe. Largou-a imediatamente porque lhe queimou os dedos.

Pos-se à escuta de ruídos dentro da casa. Quem acorreria? Ninguém acorreu, não se ouviram vozes alarmadas, portas a bater, passos nas escadas, cães a ladrar. Nada. Ninguém. Ouvia o eco, dentro de si, daquele som que por um momento apenas foi um bang total e que nunca mais se dissiparia da sua vida. O suicídio ficou para trás. Há aquele som, sempre. Foi nesse dia que concluiu que o Universo é sonoro.

Depois tomou banho, vestiu-se, encheu o saco com a roupa, guardou a pistola e tomou o comboio para ir visitar a mãe.

Soap 4

Regressou e não estava ninguém à sua espera. Subiu à sala e passou a mão pela mesa que uma fina camada de pó cobria, remexeu nos papéis escritos na noite anterior e achou tudo um disparate. «Não é aqui que vivo», disse para si próprio. Que estava ali a fazer, parado no meio da sala, à espera que o pássaro de madeira batesse as asas, se não corria vento nenhum? Sentiu frio Bebeu. Pensou. «Isto é um jogo de meio do campeonato, há que cumprir o calendário». Sentou-se, de cabeça pesada da noite dormida noutra sítio. Esprava apenas que o álcool aquecesse qualquer parte de si, lhe queimasse qualquer coisa por dentro que obrigasse o algodão da cabeça a secar e a cabeça a ficar oca de todo. A cabeça doeu-lhe do esforço que fez para não



adormecer. Já era alguma coisa. Sentiu-se bem: a dor de cabeça era uma presença na solidão daquela sala.

Soap 5

Pássaros pousados nos rochedos da Foz. Ondas. Espuma. Indiferente coraço. Cheiros. A pele é uma rede de poros demasiado abertos. O dia do verdadeiro nascimento é este e não outro. Neste é que uma mãe (na ausência de todas as mães do mundo) faz falta. O regresso à coisa verdadeira.

Os gritos mudos que os pássaros grasnando e as ondas rebentando ampliam e o ar salgado expelido numa baforada de fumo como se os pulmões produzissem nuvens são disso os sinais. As mãos tremem. As pernas são molas desconexas. Com medo o coração começa a bater, pressentindo que alguém está ali, sem que alguma vez se possa determinar se amigo ou inimigo, uma presença inquietante. E contudo a harmonia destas sensações é extrema.

(Isto são coisas que se escrevem na processora de textos do emprego para que alguma coisa circule na cabeça. Em casa passa-se para o diário, preenchendo mais um dia do presente com o título «Passeio à Foz»).

Soap 6

Sombras: existências massivas, em série; a única possibilidade é o sentido vivido, o vapor da quantidade, os mundos imediatos, milhões de transistores ao máximo. E nada é subtil aqui ou nas proximidades, note-se, nem o grau da luminosidade abstracta e azul que produz sombras parece importante, nem donde venha a luz importa ou o que seja: está ali para as mãos verem. **Mãos:** estas, insensíveis, quem o rubro, fotografamas; ou Sottovoce in camera, daquele jarro com água fresca a cobra rajada de amarelo e oblíqua que corre pela mesa quando numa electrização irresistível o braço é atraído para a luz. (Escolhese então para a mão a melhor posição entre o candeeiro e a mesa, para que a sua sombra seja o trabalho da conformação do gesto metalúrgico pela luz na água: em garra, uma união contra a luz nas coisas, fome ou desejo, uma espécie de sindicato, o uivo da besta açaimada). De negrura do ar encharcado ressoa feito metal o algodão das sombras; há um balanço de barco em mar parado e uma cadeira pode vogar se houver vento. O argumento abre quando lá fora, i. e., com qualquer luz flui imóvel o que só existe e sombras há que a dar de si resistem: são as coisas, são os corpos, é a vida, é um mistério que alguém trabalha sempre, sento-me e encolho os ombros que sim e escrevo coraço eu não te acompanho mais. **Fumos:** os da velha fábrica ainda activa por sobre a linha dos telhados depois da auto-estrada do Sul, a meio entre a janela e o (daqui invisível) oceano Atlântico. **Som:** o do trânsito — natural.

Carlos Leite

Diurnos

■ O Marinheiro olha para o Mar e reflecte sobre o passado, da proa do navio

«Todos nós, na nossa juventude, acreditámos no poder do gin!» Nesses tempos éramos simples e ao chegar a um porto, todas as noites, era sempre às tabernas que em primeiro lugar descíamos: à procura de um pouco de Absurdo. Sim, mas quando éramos jovens, aquilo em que mais acreditávamos, era no poder do gin. Na força da bebida. Sentados nas falésias, mal nos sentíamos tristes, saíamos logo de casa, abandonávamos mulher e filhos, deixávamos para trás as chaminés de granito e perdíamos-nos nas janelas do Absoluto. Mas pouco nos referíamos ainda ao Absoluto — a própria aventura era uma velha seringa, em álcool fervida, que em nós crescia, limpa. Não nos comovíamos. Nada nos comovia. Chorar, não saberíamos.

Sabíamos, isso sim, que um dia envelheceríamos e que, então, por nós, pouco poderia fazer a bebida. Não nos iludíamos. Nem o Sol que as gaivotas persegue, uma a uma. Sabíamos que um dia morreríamos. De Glória. Ou de escorbuto. Bebíamos então por grandes copos. Acreditávamos ainda no poder da Juventude.

Poucas vezes aqui cheguei, vindo de tão longe, e a boca a sal assim me soube. Aprendi, então, que a resistência é sempre uma questão de vontade, no tempo da vida. Dei-me aos grandes ócios, a partir daí. Pensava que bastava parar, e em redor olhar, para que o azul do mar, na sua imensa solidão me reflectisse o encanto do infinito ou o desgosto, fixando-o numa tela natural de cheiros, sabores, objectos e pássaros, sentimentos e nomes. Vivi, então, dessa angústia infantil: de que, só por mim, eu próprio já era meio mundo — e não um mundo qualquer, senão de citações, plágios, lugares e fotografias (isto é, uma memória), um mundo escolhido. O próprio mar era, afinal, a medida da minha ilusão — e do meu erro. De qualquer modo, sei hoje como é belo o despertar em si, nas ondas frias deste céu — como lágrimas, orvalho, ou esperma — húmido... Das manhãs claras de tempestade, o álgico gosto a tristeza tinha — o seu terror, e frágil alegria —, o carácter de improbabilidade que faz o marinheiro sorrir, e dizer «Por muitos ventos que haja, eis que nasceu o dia!»

As páldias tília que o meu passado — e o meu presente — e o meu sonho — ombreavam de nostalgia assemelhavam-se às asas bem reais das gaivotas que, no seu voo, à fixidez do olhar pegavam fogo. As gaivotas eram belas, eram reais, eram miragens. Os sentidos, por outro lado, tinham a sua própria consistência. Era um estado que eu podia escolher conforme o desejo e a disposição da alma: «o ponto de vista.» A partir deste pequeno ponto fixo, es-

gotado na infinita mutabilidade dos elementos, a apreciar a relatividade do real aprendi. Os escassos sabores. O frugal alimento. A acção e o desgosto. Enfim, tudo o que fosse diversidade e diferença; rasura e erro. Os acasos. O desejo. O vômito. O vício...

Desvendou-me os seus cordames, os seus guias de marear e a sua crepuscular aventura o ofício da escrita...

O caminho da harmonia, contudo, passa pela paciência e o esforço. Como os pássaros somos — que em bandos os mares cegamente cruzam para, no fim, só alguns realizarem a proeza dos ovos pôr noutros climas, mais amenos. Pássaros, os mesmos que mais tarde, imperturbáveis, aos novos bandos lembrarão das migrações os antiquíssimos ciclos...

Foi também por esta altura que voltei a pensar na morte — insistentemente. Não na minha. Mas na dos outros. Nos seus rostos, o traçado da idade, da morte e da doença passei a lei. Passei a amá-los, com o espanto da minha solidão. Com a ignorância das palavras e dos gestos (meus). O espectáculo da morte pôs em mim o peso enorme da própria vida. O silêncio passou a ser a palavra do desolamento. O mar era. O peixe, também. E a gaivota iluminava o ocaso dos meus símbolos — do pensamento (da memória) os gomos ocos...

Levou muito tempo a que compreendesse o discurso que em mim — e fora de mim (no real) — se enovava, e confundia. De imagens novas, noções brumosas do ser. «Manchada», uma materialidade escrita: eis o que é a

palavra! A meio termo da impotência (do sexo e da escrita). Ou ainda: o desgosto do desgaste, na morte a vida, o sol em plena noite — e a noite, na claridade do dia. A metáfora, como o meio de ocultar e pesquisar o real, e o imaginário (que esconde — que é — que real?)

Nessas tardes crepusculares tanto singramos o oceano (o outro — o longínquo), como o mar — o finito infinito, visto da proa do navio (em que sulco) (inulco?), na rota de um provável porto, o desconhecido. Como transcrever o texto do que já se inscreve em mim, mas ainda não me é legível? E os outros, que poderão eles compreender do meu percurso?...

As tempestades têm, por vezes, o súbito poder de desvendar um tempo desde há muito carregado de nuvens — e de pôr à prova a força daqueles que elas apanham, desprevenidamente, o ócio lírico (ou capitalista) do gozo (do horizonte, imundo). Que terras novas trarão elas à nossa vista? Com que amizades e trações então nos confrontaremos? Que maravilhas, até esse momento desconhecíamos?...

Na ignorância destas questões vivi, dificilmente, mas com o rigor da necessidade, ou do acaso, talvez mais de X... anos. Só a agulha vulcânica de uma ilha (e mais raramente, de um arquipélago ou bulício) nos lembrava — me lembrava —, espontaneamente, que nem tudo era mar e céu, mas também terra e vida!...

Hoje, sinais de animais, plantas, aves, peixes, e outros, indicam-se que pode estar perto um outro continente!

Mas com as velhas canções, e as lendas dos marinheiros, aprendi muito. Sei a história de muitos que enlouqueceram, antes de tempo. Por isso, não me deixo iludir. Um estômago muito forte será preciso para suportar a maré vazante que sempre se segue à outra, festiva, que hoje nos traz, do ainda longínquo continente, umas suas primeiras, mas deterioradas (e apodrecidas), iguarias...

Théodore Fraenckel

Nota — «Lição» ou em certa medida texto-síntese em que Théodore Fraenckel reflecte sobre os seus textos (e experiências) de aventuras (textos que temos divulgado e abrangido sob a designação também genérica de DIURNOS). Texto de 1950, um dos últimos escritos pelo autor (NT).



Nocturnos

A morte nocturna, o último texto e a noite última

O espírito não existe, a sua dispersão é o absoluto

É da noite que nos vêm sempre as últimas palavras. Um pato que abre as asas — como um lençol em que te rebolesces, despida. Mais ao longe, um caranguejo persegue a imagem da noite num espelho cuja inclinação o faz funcionar como uma guilhotina. Quando uma cabeça cai (pintada e de branca peruca) a primeira vaga chegamos à boca e a noite, então, transmuta-se. A tempestade explode como um fogo-de-artifício cujas berantes tintas, na teia da memória, viessem desenhar o milimétrico traçado de um destino. Mais tarde, uma fogueira corrompe pouco a pouco o manto de peles que a mulher lança sobre os ombros para se proteger do frio. Pequenas manchas de gesso (lavatórios, sanitas — que em plena noite brilham) reflectem a luz do luar, a água nocturna. Fria. Lívida. Apenas as nuvens, ao longe estendidas, se assemelham aos lábios das estátuas que no vento da noite flutuam. Só uma cabeleira de madeira negra arde em plena noite (escura). Na sombra. Atarda-a, contudo, uma mulher que sua. Ao vê-la, gostaríamos de extrair da água toda a sua

tristeza, mas de o fazer, plenamente, somos impedidos: um lençol, por momentos, cega-nos com a sua labiríntica brancura. Com efeito, a noite não existe — ou nela não nos reconhecemos, não é esta a nossa noite —, nós é que a inventamos com a nossa inquietude. O mistério da noite, a sua materialidade é o que nos aperta a garganta (a sua secura). Somos o gargalo da noite. Se não o seu espírito etílico. **Delírio** (O céu nocturno). O mesmo se passa com as nuvens (De noite não há nuvens — apenas ruínas nocturnas). Deste modo, o pânico ou a calma que ela de súbito nos comunica não é mais do que uma consequência, no nosso cérebro, da violência com que as mãos colocamos sobre o contorno dos corpos, o seu volume. Sendo-nos estranha, a noite é, enfim, como uma família. Absorve-nos como uma família. Não é tanto ela que não é como nós que não somos na noite. Toda a noite assim, se afunda no seu fundo (túmulo) do Absoluto...

Théodore Fraenckel

Nota — Um dos últimos textos composto pelo autor para os NOCTURNOS (NT).

O eu nos outros

V OU-ME pelas teclas do piano, ora pelo branco, ora pelo preto (junção de todas as cores, ausência de qualquer cor), e lá fora é o Sol descaído pelas heras, e dentro de mim um cântico de água, ao longe, muito longe, as sílabas do horizonte em mil partículas pelo ar. São montanhas que subo, são vales que desço — e os móveis da sala todos se desfazem na atenção que me prestam, o soalho ondula ao de leve, o tecto eleva-se, as paredes inclinam-se sobre mim...

Esta é a sinfonia do meu contentamento, uma corrida pelas teclas, um salto de coelho, um lento murmurar, uma nuvem entornada sobre o meu coração, um ovo que se parte no

Razão, sete andamentos

mármore da cozinha, o amarelo em dó ré mi, o grito do meu corpo («Eu sou um pintainho!»), um súbito milho em queda saindo-me das mãos! Ah, sim, esta é a sinfonia arbitrária de toda a minha transitória alegria — e o único imperativo categórico são os meus dedos à solta em fuga pelas teclas.

Esta é a sinfonia para um futuro maestro reger: **I andamento** — descobrir que a nossa actual razão não é critério de verdade; **II andamento** — imperioso abdicar da ideia de que somos o estádio superior da evolução humana; **III andamento** — admitindo uma posterior evolução biológica, logo haverá uma outra razão de maior qualidade; **IV andamento** — con-

sentido esse princípio, teremos de convir que a nossa actual razão busca, na verdade, algo mais; **V andamento** — toda essa esperança, no entanto, uma vez que a nossa actual razão não é critério de verdade, pode não ser esperança nenhuma; **VI andamento** — admitida a proposição atrás mencionada, prova-se que somos inquietação permanente; **VII andamento** — só a dúvida é o verdadeiro fruto do nosso pensamento. E vou-me pelas teclas do piano, ora pelo branco, ora pelo preto — e que os outros me digam, a música ouvindo, se tais andamentos ligam...

Pedro Alvim